

ISSN 2526-2335

ANAIS

IX SEMANA

TEOLÓGICA

Igreja

Sinal de
esperança



UNICATÓLICA
DO RIO GRANDE DO NORTE

ANAIS

IX SEMANA

TEOLÓGICA

Igreja
Sinal de
esperança

ISSN 2526-2335



UNICATÓLICA
DO RIO GRANDE DO NORTE

Organizador
José Alves Paiva Junior

IX SEMANA
TEOLÓGICA
Igreja
Sinal de
esperança

ANAIS - ISSN 2526-2335
2025

Editor Chefe: José Alves Paiva Junior
Projeto Gráfico/ Designer: Edvaldo Rodrigues Júnior
Diagramação: José Alves Paiva Junior
Publicação: UniCatólica do Rio Grande do Norte.

UniCatólica do Rio Grande do Norte
Praça Dom João Costa, 511 - Bairro Santo Antônio.
Mossoró/RN | CEP 59.611-120
(84) 3318-7648
E-mail: evento.teologia@unicatolicadorn.com.br
Site: www.unicatolicadorn.com.br

Editoração:
Andreana Tavares Veloso

S471a

IX Semana Teológica, (9. : 2025 : Mossoró, RN).

Anais da IX Semana Teológica, Igreja: sinal de esperança [recurso eletrônico] / Organização: José Alves Paiva Junior. – Mossoró, RN : UniCatólica, 2025.

Dados eletrônicos (1 arquivo PDF : ca 1,486 Kb)

Evento realizado entre os dias 24 a 26 de novembro de 2025.

ISSN: 2526-2335

1. Teologia - Evento 2. Filosofia – Evento. I. Paiva Junior, José Alves. II. UniCatólica do Rio Grande do Norte. IV. Título.

CDD: 210

Bibliotecária: Andreana T. Veloso CRB 15/ 0999

Os conteúdos e as opiniões externadas nesta obra são de responsabilidade exclusiva dos autores.

Todos os direitos de publicação e divulgação em língua portuguesa estão reservados à UniCatólica do Rio Grande do Norte e aos organizadores da obra.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
RESUMO SIMPLES.....	8
O CRESCIMENTO DE IGREJAS NÃO CATÓLICAS NA ZONA URBANA DE BARAÚNA - RN: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DE CONJUNTURA NESSES ÚLTIMOS CINQUENTA ANOS (1965-2025).....	9
UM ESTUDO ACERCA DA ESPIRITUALIDADE E VÍNCULOS AFETIVOS NAS COMUNIDADES RURAIS DA ZONA SUL DE BARAÚNA-RN.....	11
ANÁLISE TEOLÓGICA E PASTORAL DO BATISMO COMO SACRAMENTO DA INICIAÇÃO CRISTÃ	13
“MARIA GUARDAVA TUDO EM SEU CORAÇÃO”: A PARTICIPAÇÃO DE MARIA NA ECONOMIA DA REVELAÇÃO	15
TEXTO COMPLETO	17
ST 1: BÍBLIA E HERMENÊUTICA	18
UMA TRADIÇÃO DE RESISTÊNCIA E LIBERTAÇÃO – MOVIMENTOS DE MULHERES NA BÍBLIA E NA HISTÓRIA	19
“DEIXARAM TUDO E O SEGUIRAM”: O CHAMADO DOS PRIMEIROS DISCÍPULOS EM Mt 4,18-22	31
A DINÂMICA DO DISCIPULADO EM MARCOS: COMPAIXÃO COMO CRITÉRIO TEOLÓGICO NO MINISTÉRIO DE JESUS E NO DISCIPULADO A PARTIR DE Mc 6,30-44	41
ENTRE O CUMPRIMENTO DOS MANDAMENTOS E O SEGUIMENTO DE JESUS: ESTUDO EXEGÉTICO DE MATEUS 19,16–22	53
ST 2: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO	64
INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA ENTRE AS LIDERANÇAS RELIGIOSAS MOISÉS E ANTÔNIO CONSELHEIRO.....	65
ST 3: ECLESIOLOGIA: A(S) HERANÇA(S) DO VATICANO II	79
IGREJA EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EVANGELIZADORA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA MISSIONÁRIA (IAM) NA DIOCESE DE MOSSORÓ/RN	80
DESDOABRAMENTOS DA AÇÃO PASTORAL DA IGREJA EM PERSPECTIVA SINODAL	98

ECLESIOLOGIA E SINODALIDADE: O FUTURO DA IGREJA NO TERCEIRO MILÊNIO..	107
PISTAS PARA A FASE DE IMPLEMENTAÇÃO DO SÍNODO: A CONVERSÃO PASTORAL E O “NOVO” MODO DE SER IGREJA	118
ST 4: TEMA LIVRE.....	131
ANÁLISE DA TEOLOGIA CORRELAÇÃO DE PAUL TILLICH	132
A FAMÍLIA DE ABRAÃO: UMA NARRATIVA HISTÓRICA E RELIGIOSA	142
AMADURECER: CAMINHO DE INTEGRAÇÃO DO SER PESSOA HUMANA	155

APRESENTAÇÃO

Os **Anais da IX Semana Teológica da UniCatólica do Rio Grande do Norte** reúnem os trabalhos apresentados durante a nona edição da Semana Teológica, realizada de 24 a 26 de novembro de 2025, em Mossoró (RN), pelo Curso de Teologia da UniCatólica do RN, em parceria com a Diocese de Santa Luzia de Mossoró, sob o tema “**Igreja, sinal de Esperança**”. Ao publicar esta coletânea, a instituição reafirma seu compromisso com a produção, a socialização e a preservação do conhecimento teológico, oferecendo à comunidade acadêmica e eclesial o resultado das reflexões desenvolvidas ao longo do evento.

Inspirada pelo horizonte do **Jubileu da Esperança**, a IX Semana Teológica buscou promover um espaço de diálogo entre a pesquisa acadêmica, a experiência eclesial e os desafios do tempo presente. Em um contexto marcado por profundas transformações culturais, sociais e religiosas, refletir sobre a esperança cristã significou reconhecer a missão da Igreja como sinal eficaz da presença de Deus na história, chamada a testemunhar, discernir e servir em meio às alegrias e inquietações da humanidade. Essa perspectiva orientou a programação do evento, composta por conferência de abertura, painéis, oficina, minicursos, sessões temáticas e lançamento de livros, configurando um ambiente fecundo de formação, intercâmbio científico e comunhão eclesial.

Os trabalhos aqui publicados refletem a pluralidade de interesses e abordagens presentes na pesquisa teológica contemporânea. Organizados nas Sessões Temáticas de Bíblia e Hermenêutica, Religião, Fé, Política e Profetismo, Ecclesiologia: a(s) herança(s) do Vaticano II e Tema Livre, os textos revelam a vitalidade da investigação desenvolvida por pesquisadores, docentes, estudantes de graduação e pós-graduação, bem como por agentes pastorais comprometidos com a inteligência da fé e sua incidência na realidade. As contribuições dialogam com diferentes métodos, perspectivas e campos do saber, evidenciando a riqueza interdisciplinar que caracteriza a reflexão teológica em nossos dias.

Mais do que registrar as atividades de um evento científico, estes Anais testemunham uma convicção que acompanha a tradição universitária e eclesial: a Teologia floresce quando se realiza em permanente diálogo com a Palavra de Deus, com a Tradição viva da Igreja, com as ciências e com os desafios concretos da sociedade. Nesse sentido, cada texto aqui publicado representa não apenas o resultado de uma investigação, mas uma contribuição para o

fortalecimento da cultura do encontro, da escuta e do discernimento, elementos indispensáveis para a missão evangelizadora da Igreja.

A Comissão Científica agradece aos autores que confiaram seus trabalhos à IX Semana Teológica, aos pareceristas que contribuíram para o processo de avaliação, aos coordenadores das Sessões Temáticas, aos palestrantes, mediadores, equipes organizadoras e a todos aqueles que tornaram possível a realização deste evento acadêmico-ecclesial. O empenho coletivo de docentes, estudantes, técnicos administrativos e colaboradores expressa o compromisso institucional da UniCatólica do RN com a excelência acadêmica, a formação integral e o serviço à Igreja e à sociedade.

Esperamos que esta publicação possa contribuir para alimentar novas pesquisas, fortalecendo o diálogo interdisciplinar e inspirando práticas pastorais cada vez mais enraizadas no Evangelho. Que as reflexões aqui reunidas contribuam para que a esperança cristã, longe de ser mera expectativa, permaneça como princípio de transformação da vida, da Igreja e do mundo.

Comissão Organizadora

IX Semana Teológica da UniCatólica do Rio Grande do Norte

RESUMO SIMPLES

O CRESCIMENTO DE IGREJAS NÃO CATÓLICAS NA ZONA URBANA DE BARAÚNA - RN: UMA ANÁLISE TEOLÓGICA DE CONJUNTURA NESSES ÚLTIMOS CINQUENTA ANOS (1965-2025)

Agenil Felipe Fernandes¹

RESUMO

O crescimento das igrejas cristãs não católicas na zona urbana de Baraúna - RN, ao longo dos últimos cinquenta anos (1965–2025), acompanha uma tendência observada no cenário nacional, refletindo transformações socioculturais, urbanas e religiosas que impactaram a configuração do cristianismo local. Diante desse cenário, este estudo busca responder à seguinte questão: quais fatores explicam o crescimento das igrejas cristãs não católicas na zona urbana de Baraúna entre 1965 e 2025, e de que modo esse processo reconfigurou a dinâmica religiosa do município? A meta inicial consiste em analisar teologicamente esse fenômeno, compreendendo os elementos que favoreceram a expansão dessas denominações e sua relação com o declínio da predominância católica no território. Partindo de revisão bibliográfica, análise de conjuntura e estudo de campo por meio de instrumento semiestruturado, a pesquisa investiga hipóteses como o impacto do êxodo rural iniciado na década de 1970, a consequente urbanização do município, a facilidade de implantação de novos templos nas áreas urbanas, bem como o acolhimento, o engajamento comunitário e o suporte social oferecidos pelas igrejas pentecostais e neopentecostais. Tal metodologia potencializa observar se a valorização da experiência religiosa pessoal, a comunicação direta, a flexibilidade litúrgica e a ênfase em respostas práticas às demandas cotidianas contribuíram para a adesão de novos fiéis. Espera-se que os resultados possam apontar que o dinamismo religioso cristão, especialmente no segmento pentecostal, não apenas atraiu novos seguidores, mas também transformou o panorama religioso da cidade, gerando uma reconfiguração da identidade cristã local e desafiando a atuação pastoral da Igreja Católica.

Palavras-chave: Crescimento Religioso; Pentecostalismo; Urbanização; Baraúna-RN.

ABSTRACT

The growth of non-Catholic Christian churches in the urban area of Baraúna, Rio Grande do Norte, Brazil, over the past fifty years (1965–2025), reflects a broader national trend, revealing sociocultural, urban, and religious transformations that have reshaped the local Christian landscape. Against this backdrop, this study seeks to answer the following research question: which factors explain the growth of non-Catholic Christian churches in the urban area of Baraúna between 1965 and 2025, and how has this process reconfigured the municipality's religious dynamics? The primary objective is to provide a theological analysis of this phenomenon by examining the factors that favored the

¹ Graduado em Letras pela UERN, Especialista em Leitura e produção de textos pela UFRN e aluno do Curso de Teologia da Uni Católica do Rio Grande do Norte. Email: agenilfelipe27@gmail.com

expansion of these denominations and their relationship to the decline of Catholic predominance in the region. Based on a literature review, contextual analysis, and field research using a semi-structured questionnaire, the study investigates hypotheses such as the impact of rural-to-urban migration beginning in the 1970s, the resulting urbanization of the municipality, the relative ease of establishing new churches in urban areas, as well as the welcoming environment, community engagement, and social support provided by Pentecostal and Neo-Pentecostal churches. This methodological approach makes it possible to assess whether the emphasis on personal religious experience, direct communication, liturgical flexibility, and practical responses to everyday needs contributed to the attraction of new adherents. The expected findings suggest that Christian religious dynamism, particularly within the Pentecostal movement, not only attracted new followers but also transformed the city's religious landscape, leading to a reconfiguration of the local Christian identity and posing new pastoral challenges for the Catholic Church.

Keywords: Religious Growth; Pentecostalism; Urbanization; Baraúna, Rio Grande do Norte, Brazil.

UM ESTUDO ACERCA DA ESPIRITUALIDADE E VÍNCULOS AFETIVOS NAS COMUNIDADES RURAIS DA ZONA SUL DE BARAÚNA-RN

Claudeilson Silvério da Silva²

RESUMO

A espiritualidade presente nas comunidades rurais da zona sul de Baraúna manifesta-se por meio de práticas cotidianas simples e profundamente enraizadas no modo de vida local. Diante das transformações socioculturais das últimas décadas, como o êxodo rural, as mudanças econômicas e o surgimento de novas formas de religiosidade, torna-se necessário compreender como a fé continua atuando como elemento formador de vínculos afetivos e de coesão social nesses territórios. Nesse contexto, este estudo busca responder de que maneira a espiritualidade contribui para fortalecer relações de solidariedade, pertencimento e convivência comunitária, mesmo diante do afastamento gradual de alguns moradores das instituições religiosas tradicionais. Para isso, desenvolve-se uma análise fundamentada em revisão bibliográfica e observação da realidade local por meio de instrumento de coleta de dados, investigando as práticas espirituais, as mudanças na participação eclesial e o papel da espiritualidade na vida diária das famílias. Espera-se que os resultados mostrem que, apesar das perdas institucionais e das limitações enfrentadas ao longo do tempo, a espiritualidade permaneça viva como força agregadora, capaz de unir as pessoas, especialmente em momentos de dificuldade. Pretende-se concluir que a espiritualidade nas comunidades rurais da zona sul de Baraúna é um elemento estruturante da vida social, sustentando vínculos afetivos, fortalecendo identidades coletivas e contribuindo significativamente para a coesão comunitária.

Palavras-Chave: Espiritualidade; Comunidade rural; Cotidiano; Vínculos afetivos.

ABSTRACT

Spirituality in the rural communities of southern Baraúna, Rio Grande do Norte, Brazil, is expressed through simple daily practices that are deeply rooted in the local way of life. In light of the sociocultural transformations of recent decades, including rural-to-urban migration, economic changes, and the emergence of new forms of religiosity, it is essential to understand how faith continues to function as a source of affective bonds and social cohesion within these communities. In this context, this study seeks to examine how spirituality contributes to strengthening solidarity, a sense of belonging, and community life, even as some residents gradually distance themselves from traditional religious institutions. To this end, the research is based on a literature review and observation of the local context through a data collection instrument, investigating spiritual practices, changes in ecclesial participation, and the role of spirituality in the daily lives of families. The expected findings indicate that, despite institutional losses and the challenges faced over time, spirituality remains a unifying force capable of bringing people together, especially in times of

² Estudante do sexto período de Teologia da UniCatólica do RN. E-mail: claudeilsonsilvério731@gmail.com

hardship. The study concludes that spirituality in the rural communities of southern Baraúna constitutes a fundamental element of social life, sustaining affective bonds, strengthening collective identities, and making a significant contribution to community cohesion.

Keywords: Spirituality; Rural Community; Daily Life; Affective Bonds.

ANÁLISE TEOLÓGICA E PASTORAL DO BATISMO COMO SACRAMENTO DA INICIAÇÃO CRISTÃ

Maria Edna Reinaldo de Oliveira Fernandes³

RESUMO

O Batismo, primeiro sacramento da Iniciação à Vida Cristã, introduz o indivíduo na comunidade eclesial e o configura a Cristo por meio de um caráter indelével. Mais do que um rito de entrada, constitui um símbolo profundo de renascimento espiritual e compromisso permanente com a fé. Este trabalho tem como objetivo investigar de que modo o Batismo contribui para a formação da identidade cristã, para o amadurecimento espiritual e para o compromisso missionário do fiel, analisando suas implicações pessoais, comunitárias e pastorais na vida da Igreja. A pergunta que orienta esta pesquisa é: como o Batismo, enquanto sacramento da Iniciação à Vida Cristã, influencia a identidade, a maturidade espiritual e o engajamento missionário do cristão na vida comunitária e na prática pastoral? A partir dessa investigação, espera-se demonstrar que o Batismo estrutura a consciência e a identidade do fiel ao longo de toda a vida, favorecendo o desenvolvimento de atitudes, valores e práticas espirituais que orientam escolhas cotidianas e consolidam o amadurecimento da fé. Pretende-se ainda evidenciar como o sacramento fortalece o senso de pertença e de corresponsabilidade na Igreja, motivando participação ativa nas pastorais e serviços comunitários, bem como o compromisso ético e solidário na sociedade. Dessa forma, o batizado é compreendido como discípulo missionário de Cristo no contexto contemporâneo, tornando-se agente de transformação pessoal, eclesial e social. Espera-se, por fim, que o estudo ofereça subsídios teológico-pastorais que reforcem a consciência batismal e contribuam para práticas de formação e evangelização mais maduras e integradas.

Palavras-Chave: Batismo; Iniciação Cristã; Identidade Cristã; Comunidade Eclesial.

ABSTRACT

Baptism, the first sacrament of Christian Initiation, incorporates the individual into the ecclesial community and configures the believer to Christ through an indelible spiritual character. More than a rite of entry, it constitutes a profound symbol of spiritual rebirth and a lifelong commitment to the Christian faith. This study aims to investigate how Baptism contributes to the formation of Christian identity, spiritual maturity, and missionary commitment by examining its personal, communal, and pastoral implications within the life of the Church. The research is guided by the following question: how does Baptism, as the sacrament of Christian Initiation, shape the identity, spiritual maturity, and missionary engagement of Christians in community life and pastoral practice? Based on this

³ Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN, Especialista em Psicopedagogia pela UVA, Mestra em Educação pela Pedro Segundo e aluna do Curso de Teologia da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. Email: ednareinaldo10@gmail.com.

investigation, the study seeks to demonstrate that Baptism structures the believer's identity and self-understanding throughout life, fostering attitudes, values, and spiritual practices that guide daily choices and strengthen the maturation of faith. It also intends to show how the sacrament reinforces a sense of belonging and shared responsibility within the Church, encouraging active participation in pastoral ministries and community service, as well as ethical commitment and solidarity in society. In this perspective, the baptized person is understood as a missionary disciple of Christ in the contemporary world, becoming an agent of personal, ecclesial, and social transformation. Finally, the study is expected to provide theological and pastoral insights that strengthen baptismal awareness and contribute to more mature and integrated practices of Christian formation and evangelization.

Keywords: Baptism; Christian Initiation; Christian Identity; Ecclesial Community.

“MARIA GUARDAVA TUDO EM SEU CORAÇÃO”: A PARTICIPAÇÃO DE MARIA NA ECONOMIA DA REVELAÇÃO

Márcia Valéria Cabral Mendes⁴

RESUMO

Este trabalho investiga o significado teológico da expressão lucana “Maria guardava tudo em seu coração” (Lc 2,19.51) e sua relevância para a Mariologia, a Cristologia e a Teologia da Revelação. A pesquisa parte da seguinte pergunta: quais implicações o ato de Maria guardar e meditar os acontecimentos possui para compreender a humanidade histórica de Jesus e a formação da fé nascente da Igreja? O objetivo do estudo consiste em demonstrar que essa atitude mariana constitui um gesto hermenêutico decisivo, no qual memória, discernimento e fé convergem para interpretar o mistério de Cristo na sua concretude histórica. Como metodologia, o estudo utiliza análise teológico-narrativa dos verbos gregos empregados por Lucas (“guardar”, “meditar”), interpretação bíblica contextual, revisão bibliográfica especializada e diálogo com a tradição patrística e com o magistério, especialmente *Lumen Gentium* 63-65. Essa abordagem permite identificar como o evangelista constrói a figura de Maria como sujeito crente, testemunha dos acontecimentos e portadora da memória de Israel. O “coração”, em perspectiva bíblica, é compreendido como lugar de interioridade, decisão e interpretação, o que situa Maria como autêntico “lugar de memória” no Evangelho da infância. Como resultados, espera-se que o estudo mostre que Maria não exerce um papel meramente afetivo ou decorativo na história da salvação, mas assume uma função teológica estruturante: ela acolhe, confronta e interpreta os sinais referentes a Jesus, oferecendo o primeiro modelo da fé que mais tarde caracterizará a Igreja. Essa atitude de Maria forma a matriz simbólica da tradição cristã, uma vez que a Igreja, como Maria, guarda, medita e transmite o mistério recebido. A pesquisa também prevê evidenciar que a expressão lucana impede Cristologias abstratas, pois vincula indissolivelmente o Cristo da fé ao Jesus histórico acompanhado por sua Mãe. Por fim, o estudo abre perspectivas para aprofundar a teologia da memória, a hermenêutica bíblica e a espiritualidade mariana como leitura contemplativa e fiel da história da salvação.

Palavras-Chave: Maria; Memória; Revelação; Cristologia; Hermenêutica Bíblica.

ABSTRACT

This study investigates the theological significance of the Lucan expression “Mary treasured all these things in her heart” (Lk 2:19, 51) and its relevance to Mariology, Christology, and the Theology of Revelation. The research is guided by the following question: what implications does Mary's act of treasuring and pondering these events have for understanding the historical humanity of Jesus and the formation of the Church's emerging faith? The study aims to demonstrate that Mary's attitude constitutes a decisive hermeneutical act in which memory, discernment, and faith converge to

⁴ Estudante do 6º Período de Teologia da UniCatólica do Rio Grande do Norte. Email: marciavalelinha1@gmail.com.

interpret the mystery of Christ in its historical concreteness. Methodologically, the research employs a theological-narrative analysis of the Greek verbs used by Luke ("to treasure" and "to ponder"), contextual biblical interpretation, a review of specialized literature, and dialogue with the patristic tradition and the Church's Magisterium, particularly *Lumen Gentium* 63–65. This approach makes it possible to identify how the evangelist presents Mary as a believing subject, a witness to the events, and the bearer of Israel's memory. From a biblical perspective, the "heart" is understood as the place of interiority, decision, and interpretation, thereby establishing Mary as an authentic "place of memory" within the infancy narrative. The expected findings suggest that Mary does not play a merely emotional or decorative role in the history of salvation but fulfills a foundational theological function: she receives, reflects upon, and interprets the signs concerning Jesus, offering the first model of faith that would later characterize the Church. Mary's attitude thus becomes the symbolic matrix of the Christian tradition, since the Church, like Mary, treasures, contemplates, and hands on the mystery it has received. The study also seeks to demonstrate that the Lucan expression prevents abstract Christologies by inseparably linking the Christ of faith to the historical Jesus accompanied by his Mother. Finally, the research opens new perspectives for further reflection on the theology of memory, biblical hermeneutics, and Marian spirituality as a contemplative and faithful reading of the history of salvation.

Keywords: Mary; Memory; Revelation; Christology; Biblical Hermeneutics.

TEXTO COMPLETO

ST 1: BÍBLIA E HERMENÊUTICA

Prof. Me. Márcio Bezerra⁵
(UniCatólica do RN)

Os trabalhos reunidos nesta Sessão Temática evidenciam a vitalidade da pesquisa bíblica contemporânea, contemplando diferentes abordagens exegéticas, hermenêuticas e pastorais da Sagrada Escritura. As comunicações apresentadas percorrem distintos livros, temas e métodos de interpretação, demonstrando como a investigação bíblica continua oferecendo horizontes fecundos para a compreensão da fé cristã e para a missão evangelizadora da Igreja. Em conjunto, os estudos revelam a riqueza da pluralidade metodológica da exegese atual e sua permanente articulação com os desafios pastorais e eclesiais do tempo presente.

Palavras-Chave: Exegese bíblica; Hermenêutica; Sagrada Escritura.

⁵ Possui Bacharelado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), Bacharelado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), e Mestrado em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE). É membro pesquisador dos Grupos de Pesquisa “A Bíblia em Leitura Cristã” (FAJE) e “Cristianismo e Interpretações” (UNICAP). Atualmente é professor titular de Sagrada Escritura na Faculdade Católica do Rio Grande do Norte (FCRN), onde coordena Curso de Teologia. Atua na área da Teologia Bíblica, com ênfase nas teologias veterotestamentária, em especial a deuteronomista.

UMA TRADIÇÃO DE RESISTÊNCIA E LIBERTAÇÃO – MOVIMENTOS DE MULHERES NA BÍBLIA E NA HISTÓRIA

Zélia Cristina Pedrosa do Nascimento⁶

RESUMO

O artigo analisa a resistência profética das mulheres na Bíblia, questionando a opressão sistêmica e o patriarcalismo. A pesquisa, com o objetivo de analisar a atuação feminina em momentos cruciais e sua influência na luta contemporânea por direitos, baseia-se em análise de textos bíblicos e perspectivas de estudos de gênero. A metodologia combina a análise de textos bíblicos com perspectivas de estudos de gênero, confrontando a invisibilização feminina na narrativa religiosa tradicional. O estudo destaca a atuação de algumas mulheres anônimas e nominadas, isoladas ou em grupos, cujas ações questionaram a ordem estabelecida e defenderam a vida. O artigo explora a ausência de reconhecimento formal dessas figuras, contrastando-a com a relevância de suas ações e a sua influência na luta contemporânea. A pesquisa relaciona essas resistências históricas com a luta contemporânea das mulheres por seus direitos, utilizando exemplos de movimentos sociais brasileiros. Conclui-se que a memória da resistência feminina na Bíblia continua a inspirar movimentos sociais contemporâneos na busca por justiça e igualdade.

Palavras-Chave: Bíblia; Mulheres; Resistência; Cidadania; Profecia.

ABSTRACT

This article examines the prophetic resistance of women in the Bible, challenging systemic oppression and patriarchy. The research aims to analyze the role of women in decisive moments of biblical history and their influence on the contemporary struggle for rights. The methodology combines the analysis of biblical texts with perspectives from gender studies, confronting the invisibilization of women in traditional religious narratives. The study highlights the actions of both named and unnamed women, acting individually or collectively, whose initiatives challenged the established order and defended life. It explores the lack of formal recognition afforded to these figures, contrasting it with the enduring significance of their actions and their influence on contemporary struggles for justice and equality. The research further relates these historical forms of resistance to the ongoing fight for women's rights, drawing on examples from Brazilian social movements. The study concludes that the memory of women's resistance in the Bible continues to inspire contemporary social movements in their pursuit of justice and equality.

Keywords: Bible; Women; Resistance; Citizenship; Prophecy.

⁶ Doutora em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Mestra em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Especialista em Assessoria Bíblica pela Escola Superior de Teologia da Faculdade Luterana de São Leopoldo. Assessora do Centro de estudos Bíblicos de Mossoró/RN. CV: <https://lattes.cnpq.br/2642404079105101> Email: zeliacebi@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A complexidade da atuação das mulheres no meio social e religioso fundamenta a relevância deste estudo, que busca contribuir para o fortalecimento das lutas por reconhecimento, cidadania e dignidade, tanto no âmbito familiar quanto social. A pesquisa apoia-se em revisão bibliográfica e na análise de textos bíblicos, dialogando com autoras e autores que abordam a temática da mulher a partir de perspectivas históricas, sociais e teológicas.

Parte-se da necessidade de enfrentar a negação da liberdade e do reconhecimento do ser mulher, compreendidos como formas de exclusão que ameaçam a vida. Nesse sentido, defende-se a construção de uma pedagogia voltada à promoção humana e à inclusão, capaz de valorizar as potencialidades femininas e favorecer sua inserção ativa e construtiva na sociedade.

O trabalho destaca a importância das mulheres que, por meio de atos de resistência, individuais ou coletivos, defenderam a vida e tiveram suas ações preservadas na memória bíblica. Tais gestos são compreendidos como proféticos, pois questionam estruturas de opressão e desmistificam o sistema patriarcal, tanto no contexto da sociedade israelita quanto na contemporaneidade, ainda marcada por mecanismos de exclusão social.

Por fim, a metodologia adotada busca dar visibilidade às vozes femininas, superando estereótipos historicamente atribuídos às mulheres e reconhecendo seu papel como sujeitos de resistência, profecia e transformação social.

2 O PAPEL DA MULHER NA SOCIEDADE ISRAELITA NO ANTIGO TESTAMENTO

A sociedade israelita do Antigo Testamento estava estruturada a partir de um modelo fortemente patriarcal, no qual o poder político, religioso e militar era exercido pelos homens mais velhos e considerados sábios do clã, da tribo ou da localidade. Conforme destaca Brenner, “a sociedade era confiada aos mais velhos e ‘homens sábios’ do clã, da tribo ou da localidade, bem como aos líderes religiosos e militares” (Brenner, 2001, p. 11), o que excluía as mulheres dos espaços institucionais de decisão.

Com a consolidação da monarquia, o poder tornou-se ainda mais centralizado, intensificando conflitos sociais, políticos e religiosos. Nesse contexto, o Antigo Testamento não reconhece mulheres como governantes legítimas, nem como regentes após a morte do rei. As únicas mulheres chamadas

de rainhas são estrangeiras ou hebreias que atuam em cortes estrangeiras, como Vasti e Ester. Mesmo nesses casos, observa-se que o exercício do poder feminino ocorre de forma limitada e mediada por figuras masculinas, como no episódio em que Ester só atua politicamente junto com Mardoqueu (Est 8,8). Por isso, Brenner afirma que “a mulher israelita não podia desfrutar de uma posição institucional” (Brenner, 2001).

Apesar dessa exclusão, os textos bíblicos preservam memórias de mulheres que, mesmo à margem das estruturas oficiais, atuaram de forma decisiva na defesa da vida e na resistência à opressão. Um exemplo emblemático encontra-se em Êxodo 2,1–10, onde mulheres de diferentes origens — hebreias e egípcias — se articulam para salvar a vida de uma criança ameaçada pelo decreto do Faraó.

Gallazzi aprofunda essa leitura ao afirmar que a ideologia dominante dos sistemas templário e sacerdotal “faz da mulher a maior vítima no plano econômico, político e pessoal”, mas também sustenta que a ideologia alternativa e a resistência surgem justamente a partir das mulheres (Gallazzi, 2018, p. 94). Em contextos de opressão, quando as vozes proféticas oficiais se calam, são as mulheres que preservam a memória do verdadeiro Deus e a fidelidade à vida: “quem conserva a memória do verdadeiro Deus, quem conserva a promessa de Javé, é a mulher” (Gallazzi, 2018).

Assim, mesmo sem reconhecimento institucional, a mulher na sociedade israelita do Antigo Testamento desempenha um papel central como sujeito de resistência, guardiã da memória e agente profética, cuja atuação ultrapassa seu tempo histórico e permanece inspiradora para as lutas contemporâneas.

3 RESISTÊNCIAS PROFÉTICAS EM DEFESA DA VIDA

Excetuando as figuras míticas e heroicas das parteiras do Egito e de rainhas ou matriarcas que salvaram o povo a mulher raramente é citada de forma positiva na tradição de Israel. Isso é próprio da cultura semítica machista e patriarcal presente na sociedade que guardou as escrituras sagradas oficiais. Se olharmos por exemplo o elogio que o livro do Eclesiástico faz aos grandes personagens

da história, nenhuma mulher é citada⁷. O enfoque patriarcal da revelação judaico/cristão não é universal, não é neutra pois ressalta apenas o que é de seu interesse.

Como nos diz Mercedes Lopes “Uma leitura bíblica a partir de gênero tem como ponto de partida a maneira como experimentamos a realidade, seja como mulheres ou como homens. É a partir da nossa prática e, sobretudo, a partir das lutas das mulheres e dos homens pela libertação e por condições dignas de vida, que fazemos perguntas ao texto bíblico.” (Lopes.2012)

Perguntamos então onde estão as mulheres e porque sua vida e resistência é profética. O termo profeta, segundo o dicionário bíblico McKenzie, é a tradução do hebraico “nabi”, da raiz “chamar”, “clamar em alta voz”, pode significar ainda “aquele que é chamado”. Embora seja um fenômeno comum aos povos do oriente vizinhos a Israel, entre os judeus a profecia assume características peculiares principalmente por sua independência frente ao sacerdócio e demais instituições religiosas e a monarquia. O profeta de Israel chama em nome de Deus recordando o dever de fidelidade a aliança.

Essa denominação, no feminino profetisa, é atribuída a poucas mulheres no Antigo Testamento. Podemos até enumerá-las: Maria ou Miriam irmã de Aarão e Moises (Ex. 15,20), Débora mulher de Lapidot (Jz. 4,4), Hulda (2Rs 22,13.19; 2Cr 34,22) e a esposa do profeta Isaías que não tem nome (Is. 8,3). Entendemos que quando na bíblia as mulheres agem em defesa da vida, seja de forma individual ou coletiva, sejam anônimas ou nomeadas, estamos diante de resistências proféticas pois recordam o núcleo central da aliança. Além das heroínas que entraram na bíblia pela sua presença na memória do povo, temos em todas as etapas da história relatos de mulheres contestadoras.

Em resumo, onde a vida é ameaçada, a mulher é acionada. O livro do êxodo (Ex 2,1-10) relata uma história em que uma criança foi salva por mulheres, mulheres diferentes jeito de ser egípcia, hebreias, jovens, mas chegaram a um consenso de lutar pela vida, vida daquele menino que cresceu para ser o símbolo da luta da libertação dos escravos do Egito.

O livro dos juízes destaca nos capítulos 4 e 5 o protagonismo e a liderança da profetisa Débora e o gesto libertador de Jael contra o exército do general Sisara. Importante vitória dos camponeses contra o Reino da Síria que oprimia e cobrava tributos. Foi a voz e a presença de Débora que despertou e deu coragem aos guerreiros das tribos de Benjamim, Maquir, Issacar e Zabulon, liderados por Barac.

⁷ Deuteronômio capítulos 44 a 44 elenca os “homens ilustres” cujos benefícios não foram esquecidos mostrando a visão de um judeu piedoso do século II a.C compreendia a história de Israel, segundo comentário de rodapé da Bíblia de Jerusalém

O livro de Josué narra a conquista e a divisão da terra como uma campanha única de guerra e extermínio das populações e reais de Canaã. Essa memória fantasiosa e guerreira foi fortalecida no reinado de Josias para fortalecer a unidade de Israel e Judá sob um único rei. No fundo é uma obra complexa que não pode ser lida como um documento histórico, mas ideológicos. Contempla na origem lendas e sagas etimológicas (origem dos nomes e das palavras) e etiológicas (origem de situações e lugares).

Nas entrelinhas da narrativa, percebemos a presença de várias mulheres que conspiravam, irmanadas na luta pela terra. A mais famosa é Raab, outra estrangeira que acolhe e defende os espiões do exército de Israel e se integra ao povo eleito. Mas o texto também lembra: Acsa, filha de Caleb, que reivindica terra com poços/fontes de água (Js 15,16-19; Jz 1,12-15; 1Cr 2,49), Maala, Noa, Hegla, Melca e Tersa, filhas de Salfaad, que reivindicam o direito das mulheres à terra como herança (Js 17,3-6; Nm 26,33; 27,1-11; 36). A princípio as mulheres não tem direito a receber sua parte na partilha da terra, mas lutam por ele. Elas estão além dos oráculos. Exigem direitos e cobram ao respeito as poucas leis que existem em sua defesa.

Na época da monarquia em Israel a centralização do poder na corte o poder e a autonomia das tribos são cerceadas, afetando de modo mais forte as mulheres. Mas mesmo nesse ambiente podemos encontrar as marcas da resistência que desafia o poder que usa as mulheres como objeto de prazer como fez Davi com a Betsabéia⁸.

Exatamente nos tempos do celebrado Rei Davi aconteceu o protesto silencioso da Resfa, ou Rispa preservado para a posteridade de forma breve no capítulo 21 do segundo livro de Samuel. Durante um período de fome que durou três anos, para resolver uma pendência com os Gabaonitas por causa de um massacre decretado por Saul entregou sete descendentes de Saul para serem executados, dentre eles dois filhas de Resfa, filha de Aias, concubina de Saul. Os corpos insepultos ficaram ao relento para serem consumidos pelas aves e animais selvagens.

Nesse momento Resfa inicia sua atitude de dor e protesto como se lê nos versículos e 10 a 14:

Resfa, filha de Aías, tomou um pano de saco e o estendeu sobre o rochedo, desde o início da colheita da cevada, até o dia em que a chuva caiu do céu sobre eles, e ela não deixou descender sobre eles as aves do céu durante o dia, nem os animais selvagens durante a noite. Informaram a Davi sobre o que fizera Resfa, filha de Aías, a concubina de Saul. Então Davi foi pedir os ossos de Saul e os de Jônatas, seu filho, aos notáveis de Jabes de Galaad, que os tinham levado da praça de Betsã, onde os

⁸ História contada nos capítulos 11 e 12 do segundo livro de Samuel

filisteus os haviam enforcado, quando os filisteus venceram Saul em Gelboé. Davi tirou dali os ossos de Saul e os de seu filho Jônatas, e os juntou aos dos que tinham sido executados. Então sepultaram os ossos de Saul, os de seu filho Jônatas e os dos que tinham sido executados, na terra de Benjamim, em Sela, no túmulo de Cis, pai de Saul. Tudo o que o rei tinha ordenado foi cumprido, e então Deus se compadeceu da terra.

A vigília de Resfa durou seus meses. Diante dessa prolongada permanência no rochedo, a Dra Lucia Weiler entende que Resfa “Certamente não ficou sozinha neste protesto. Mais pessoas, mulheres e outras terão se unido a ela em solidariedade. O protesto individual tornou-se coletivo, adquirindo assim uma força de irradiação política e profética” (Weiler, 2006). Essa solidariedade pode ser percebida por trás das palavras pois Resfa não poderia resistir tanto tempo sozinha, como ia se alimentar e ter suas necessidades básicas atendidas. A mulher escancara a sordidez da guerra que massacra inocentes e lhes nega até mesmo o direito a uma sepultura digna. No tempo de Davi a guerra era uma estratégia de governo e uma forma de obter tributos de outros povos.

A dor e a busca de Resfa lembra a de tantas mães e mulheres que hoje veem seus filhos e filhas vítimas da violência. No Brasil temos as vítimas da ditadura militar e hoje os mortos na guerra as drogas que só penaliza os pobres e os periféricos. Também na defesa do meio ambiente e na luta pela terra a violência impera e mata. As mulheres buscam a justiça e revelar a verdade sobre as execuções pois muitas vezes o opressor quer matar o corpo e a reputação das pessoas.

O Conselho indigenista missionário (CIMI)⁹ identificou que, em 2020, os casos de “invasões possessórias, exploração ilegal de recursos e danos ao patrimônio” aumentaram, em relação ao já alarmante número que havia sido registrado no primeiro ano do governo Bolsonaro. Foram 263 casos do tipo registrados em 2020 – um aumento em relação a 2019, quando foram contabilizados 256 casos, e um acréscimo de 137% em relação a 2018, quando haviam sido identificados 111 casos. Este foi o quinto aumento consecutivo registrado nos casos do tipo, que em 2020 atingiram pelo menos 201 terras indígenas, de 145 povos, em 19 estados. No ano de 2022 ganhou notoriedade internacional o assassinato de as mortes do indigenista Bruno Pereira, 41 anos, e do jornalista Dom Phillips, 57 anos em plena Amazônia. A esposa de Bruno Pereira, Beatriz Matos é incansável em denunciar as mentiras contadas pelo governo e cobrar investigação, recebendo apoio de diversas instituições e entidades. Resfa fez escola, mesmo sem saber.

⁹ <https://cimi.org.br/wp-content/uploads/2021/11/relatorio-violencia-povos-indigenas-2020-cimi.pdf>

Muitas perícopes poderiam ser citadas para ilustrar essa permanência da atuação contestatória feminina nos relatos bíblicos. Na época dos profetas Elias e Eliseu quem os acolheu em suas viagens foram as mulheres.

No tempo da imposição violenta do monoteísmo¹⁰ pela reforma de Josias com a retirada da autonomia celebrativa das famílias e santuários locais e centralização do culto em Jerusalém a ideologia da reforma dizia que o culto a outros deuses e deusas era a causa de todos os males que o povo sofria. O livro de Jeremias guarda a fala de mulheres que questionam essa conclusão ao dizer:

A palavra que nos falaste em nome de Iahweh, nós não a queremos escutar. Porque continuaremos a fazer tudo o que prometemos: oferecer incenso à rainha do Céu e fazer-lhe libações, como fazíamos, nós e nossos pais, nossos reis e nossos príncipes, nas cidades de Judá e nas ruas de Jerusalém; tínhamos, então, fartura de pão, éramos felizes e não víamos a desgraça. Mas desde que cessamos de oferecer incenso à rainha do Céu e de fazer-lhe libações, tudo nos faltou e nós perecemos pela espada e pela fome. Por outro lado, quando oferecemos incenso à rainha do Céu e quando lhe fazemos libações é, por acaso, sem que saibam nossos maridos que lhe fazemos bolos que a representam e lhe fazemos libações? (Jer 44,16-19)

Nessa passagem as mulheres mostram ter muito mais consciência do que realmente interessa para a vida prática do dia a dia, que é a sobrevivência e a dignidade. As reformas religiosas não pretendiam melhorar a vida do povo, mas aumentar o poder e usar o nome de Deus para justificar as ações do Rei. Ainda ameaçam com morte e castigos a quem desobedece. No versículo 20, que segue o trecho transcrito, as mulheres dizem ainda que o culto a Rainha do céu era feito com conhecimento e consentimento dos seus maridos. Mulheres são mais difíceis de enganar e por isso incomodam. Estamos muito distantes da profecia do segundo Isaías que revela um Deus libertador para todos os povos e nações¹¹.

Concluimos esse breve levantamento lembrando um fato ocorrido depois do exílio, na época em que o templo e a cidade de Jerusalém foram reconstruídos sob os auspícios do Império Persa. No trecho de Neemias Ne 5,1-5 a ação das mulheres em cobrar as autoridades é destacada. Vejamos o texto:

¹⁰ Sobre a história dos atos violentos que aconteceram na história bíblica para impor o monoteísmo como religião oficial de Israel consultar o Dossiê “Dossiê: Monoteísmos: intolerância, discriminação e violências em nome de Deus” na Revista Estudos Bíblicos nº 119, especialmente o artigo do Professor Luis Dietrich sob o título: Quando Deus faz mal e mata

¹¹ Não por acaso o biblista Sandro Galazzi sustenta que a segunda parte do livro do profeta Isaías, capítulos de 40 a 55 foi escrita por mulheres, conforme bibliografia referida no final desse artigo.

Levantou-se uma grande queixa entre os homens do povo e suas mulheres contra seus irmãos, os judeus. Uns diziam: "Somos obrigados a penhorar nossos filhos e nossas filhas para recebermos trigo, para podermos comer e sobreviver." Outros diziam: "Temos que empenhar nossos campos, vinhas e casas para recebermos trigo durante a penúria." Outros ainda diziam: "Tivemos que tomar dinheiro emprestado penhorando nossos campos e vinhas para pagarmos o tributo do rei; ora, temos a mesma carne que nossos irmãos e nossos filhos são como os deles: no entanto, temos que entregar à escravidão nossos filhos e filhas; e há entre nossas filhas algumas que já são escravas! Não podemos fazer nada, porque nossos campos e nossas vinhas já pertencem a outros."

É interessante notar que na Bíblia a administração de Neemias é muito louvada. Ele é tido como o reconstrutor da nação ao redor do templo. No entanto, o povo estava na miséria. As queixas guardam uma simetria muito grande com a do capítulo 47 do Livro do Gênesis quando José comprou para o Faraó toda a terra do Egito e reduziu a população a condição de servos.

Logo no começo da passagem fala em homens do povo e suas mulheres. A inclusão das mulheres na narrativa é sugestiva pois elas raramente são referidas no livro de Neemias ao ponto de Ne 12,43 indicar como uma exceção o fato delas participarem da festa da dedicação das muralhas. Pelo projeto de pureza implantado por ele e Neemias as mulheres estrangeiras deveriam ser expulsas junto com seus filhos, não seriam consideradas como parte do povo. Desta forma entendemos que o protesto foi organizado pelas mulheres que arrastaram seus maridos. As mulheres como sempre são as mais penalizadas. O texto diz expressamente que apesar de haver o perigo de ter de entregar os filhos à escravidão, algumas das filhas já eram escravas.

A cobrança pública de providências surte efeito pois o governador Neemias se compromete em perdoar as dívidas, devolver vinhas e campos e obrigar os nobres e magistrados a fazer o mesmo como se pode ler na continuação do relato.

A interpretação tradicional desse texto exalta a bondade de Neemias e sua honestidade. Por outro lado, como representante do Império Persa ele é o responsável pela instituição e cobrança dos tributos que reduziram a população a insolvência e conservaram o luxo das elites. Na própria casa do governador "eram preparados todos os dias um boi, seis ovelhas gordas e aves e de dez em dez dias, traziam-se odres de vinho em quantidade" (Ne 5,18). Aliados a gestos individuais de resgate e de caridade Neemias sustentava a mando do império um regime de desigualdade e exploração e concentração de terra nas mãos das elites. O livro só registra apenas esse protesto, mas podemos nos perguntar se foi o único. Mais uma vez as mulheres são a pedra no sapato das autoridades e mostram a face perversa do império e de seus representantes locais.

Na sociedade patriarcal as mulheres sequer são nomeadas, mas a memória de muitas delas foi preservada. Porque e por quem? Podemos suspeitar que grupos de mulheres guardavam essas memórias e as repassavam para as gerações seguintes. São protagonistas na missão de acolher a ação de Deus no meio dos mais esquecidos mulheres, crianças e famintos. As novelas bíblicas são um exemplo dessa tradição, assim como os gestos proféticos de protesto.

Neste sentido vale lembrar a figura de Tamar. Tamar, nora de Judá, aparece em Gênesis 38 como uma mulher que enfrenta a injustiça de uma sociedade patriarcal ao ser privada do direito à descendência após ficar viúva. Negligenciada por Judá e mantida em situação de exclusão, ela age com astúcia para garantir sua dignidade e seu lugar na comunidade, engravidando do próprio sogro. Ao revelar sua identidade, obriga Judá a reconhecer sua culpa, que admite: “Ela é mais justa do que eu”. No livro de Rute ela é citada como mãe de uma descendência, junto com as matriarcas Lia e Raquel (Rt, 4,12). A narrativa preserva Tamar como símbolo de resistência e justiça, inserindo-a na linhagem que dará origem ao rei Davi e, posteriormente, a Jesus.

Uma pista que pode nos ajudar a compreender como a memória da religião popular foi preservada é a existência dos Meguilot. Na Bíblia Hebraica estão reunidas no terceiro grupo designado por Ketuvim (“Escritos”) e pertencem ao ciclo de leitura sinagoga. As meguilot são lidas nas festividades judaicas de Pessach/Páscoa (Cântico dos Cânticos), Shavuot /Pentecostes (Rute), Tishá BeAv/Memorial pela destruição do Templo e de Jerusalém (Lamentações), Sucot/Festa das Tendas (Eclesiastes) e Purim (Ester) nos quais está impressa a marca da resistência feminina, mas não apenas neles, como procuramos demonstrar. Enquanto a religião oficial lia a lei as festas populares recordavam as novelas populares e alimentavam a esperança e visões mais abertas das tradições religiosas¹².

É claro que na narrativa bíblica não temos apenas mulheres heroínas e defensoras do povo, lembramos por exemplo a rainha Jezabel que se opõe a Elias e Eliseu, as mulheres do palácio de Sísara (Jz 5) e até da profetisa Noadías (Ne 6.14), mas elas são minoria e apesar de serem mulheres reforçam e confirmam a visão machista e patriarcal da história.

Mas recordar as ações libertadoras das nossas ancestrais pode nos levar a trilhar caminhos não oficiais e ajudar a fortalecer a resistência das mulheres a partir de suas experiências cotidianas, atuando para salvar vidas. Nos momentos de crise a voz da mulher se levanta.

¹² A revista de interpretação bíblica Latino Americana número 67 trata exclusivamente desse tema a partir de um enfoque feminista. A maioria dos artigos é escrita por mulheres

Seguindo as pegadas da profecia das mulheres, muitas vezes silenciosa e feita de gestos de resistência e acolhimento podemos nos perguntar aonde nos levará a ruah divina?

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As mulheres sempre fizeram parte da história da humanidade e, desde o início, constituem força essencial na defesa da vida. Mesmo quando atuaram em espaços considerados comuns aos homens ou em ações silenciosas, contribuíram de forma decisiva para a construção da sociedade, ainda que sem reconhecimento ou valorização. Inseridas em contextos marcados pelo patriarcado e pela submissão imposta, as mulheres desenvolveram, ao longo da história, formas próprias de organização, resistência e liderança, sobretudo no cotidiano, no serviço comunitário e na promoção da vida.

Tanto nas narrativas bíblicas quanto na realidade contemporânea, a presença feminina revela-se como um grito profético que denuncia desigualdades, violências, relações de dominação e exploração, afirmando o direito à vida, à dignidade e à liberdade. Essa resistência, muitas vezes invisibilizada, permanece ativa e mobilizadora, sustentando redes de solidariedade e enfrentando estruturas que produzem morte e exclusão.

A luta pela terra, tanto na Bíblia como nos tempos atuais, demonstra que o protagonismo das mulheres tem sido imprescindível nas lutas pela libertação da terra das garras do latifúndio, tendo, inclusive, muitas delas sido martirizadas por este compromisso, como, por exemplo, Margarida Alves e a Irmã Dorothy Stang. A agricultura ecológica, a marcha das margaridas, o programa de cisternas de placas e o Movimento de Mulheres Camponesas são algumas das faces desse compromisso. Os movimentos de mulheres do campo não se contentam em ganhar o seu quinhão ou o seu sustento, mas se soma a outras movimentos populares na defesa da democracia e da justiça.

Principalmente por pressão dos grupos de mulheres, tramita no Congresso Nacional o Projeto de Lei 810/2020 de autoria do deputado José Guimarães - PT/CE em 23/02/2020, que altera a Lei nº 8.629, de 25 de fevereiro de 1993, para que se estimule e facilite a titulação de terras a mulheres trabalhadoras rurais no âmbito da reforma agrária. Desde junho de 2021 aguarda o parecer da

comissão de Agricultura, Pecuária, Abastecimento e Desenvolvimento Rural (CAPADR) da Câmara dos deputados¹³.

No contexto brasileiro, a desigualdade de gênero marca profundamente a trajetória das mulheres e explica o longo e difícil processo de conquista de direitos civis. Desde o período colonial até a República, as mulheres foram excluídas da vida política e econômica, submetidas a diferentes formas de dominação, agravadas pelas distinções raciais. A industrialização possibilitou a entrada das mulheres no mercado de trabalho e impulsionou lutas por cidadania, em sintonia com os movimentos feministas internacionais. A conquista do voto feminino, iniciada no Rio Grande do Norte em 1927, simboliza essa resistência, seguida por avanços significativos com o fortalecimento do feminismo nas décadas posteriores e com a Constituição de 1988.

Apesar de conquistas importantes, como a Lei Maria da Penha e políticas de proteção às mulheres, o Brasil ainda apresenta elevados índices de desigualdade e violência de gênero, resultado de décadas de dominação e exclusão. Diante desse cenário, a luta das mulheres permanece urgente, expressa no protagonismo cotidiano, nos movimentos sociais e na resistência de tantas mulheres que enfrentam a cultura machista e defendem justiça, trabalho, dignidade e vida.

No campo teológico, amplia-se o conceito de profecia para além das figuras clássicas, reconhecendo como proféticas as ações femininas em defesa da vida e contra os sistemas que produzem morte. A Bíblia, nesse sentido, preserva uma tradição libertadora protagonizada por mulheres marginalizadas, cuja memória, guardada na religiosidade doméstica, inspira a resistência contemporânea. Em tempos de retrocessos políticos e uso ideológico da religião, recordar essa tradição é fundamental, pois nenhum direito feminino foi concedido gratuitamente, e todos exigem vigilância permanente. A construção de um mundo novo passa pelo reconhecimento da diversidade humana como dom e pela afirmação de que toda vida deve ser preservada, pois nela se reflete a imagem do divino.

REFERÊNCIAS

BRENNER, Athalya. **A mulher Israelita**: papel social e modelo literária narrativa bíblica, São Paulo: Paulinas, 2001.

¹³ Detalhes sobre a redação e tramitação do projeto podem ser consultados no site do congresso nacional

DIETRICH Luiz José. Quando Deus faz mal e mata. **Estudos Bíblicos**, 116, Petrópolis: Vozes, p.11-27, 2012. <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/299/285>.

Dicionário Teológico: **O Deus Cristão** / dirigido por Xabier Pikaza e Nereo Silanes; [Tradução I. F. L. Ferreira, Honório Dalbosco e equipe] – São Paulo: Paulus, 1988. (Serie dicionários).

GALLAZZI, Sandro. **Leitura Militante da Bíblia**, Candiota RS: Instituto Cultural Pe. Josimo, 2018.

GALLAZZI, Sandro. RIZANTTE, Anna Maria. **Teologia das mulheres: a quem Deus revelou seus mistérios**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

LOPES, Mercedes. **Gênero e Leitura Bíblica**. <http://teologiaonline.blogspot.com.br/2012/04/genero-e-leitura-biblica.html> (acesso em 07 de julho de 2022)

MCKENZIE, John L. **Dicionário Bíblico**. 7 ed. São Paulo: Paulus, 1984.

WEILER, Lucia. RISPÁ simplesmente RISPÁ. **Estudos Teológicos**, v 46, n 1, p. 71-78, 2006. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-metodista/index.php/Ribla/article/view/9904/7009>. Acesso em 01/08/2022.

“DEIXARAM TUDO E O SEGUIRAM”: O CHAMADO DOS PRIMEIROS DISCÍPULOS EM Mt 4,18-22

Raimundo Alves da Silva Sobrinho¹⁴
Francisco Cornélio Freire Rodrigues¹⁵

RESUMO

Este artigo irá expor uma exegese feita da perícope de Mt 4,18-22. Trata-se do chamado dos primeiros quatros discípulos: Pedro, André, Tiago e João. A cena faz parte do início da missão pública de Jesus, na Galileia, lugar central no Evangelho de Mateus, que apresenta Jesus como um mestre que ensina e pouco caminha. O chamado acontece no mar da Galileia, quando Jesus vê dois irmãos que lançavam as redes ao mar e as consertavam. Se tratava de pescadores, profissão comum naquela época. Após uma breve introdução, cada versículo da passagem será trabalhado de forma separada a fim de colher melhor a mensagem. Observando a atitude de Jesus, desde o início da sua missão, se vê que ele não deseja caminhar sozinho, mas que espera e convida as pessoas a formar uma comunidade. O chamado exige uma resposta imediata, dificilmente se conseguirá resistir a ele, no entanto, é necessário também fazer renúncias, e saber que é preciso trilhar um caminho de discipulado. Jesus torna aqueles homens “pescadores de homens”. Não se trata de um proselitismo, mas de uma atitude de querer levar os homens à Boa-Notícia e que os ajude a resgatar sua dignidade de filhos de Deus.

Palavras-Chaves: Chamado; Discípulos; Imediatamente; Reino.

ABSTRACT

This article presents an exegetical study of Matthew 4:18–22, the passage describing the calling of the first four disciples: Peter, Andrew, James, and John. The narrative belongs to the beginning of Jesus' public ministry in Galilee, a central setting in the Gospel of Matthew, where Jesus is portrayed primarily as a teacher who instructs more than he travels. The call takes place by the Sea of Galilee, where Jesus encounters two pairs of brothers engaged in casting and mending their fishing nets, a common occupation at the time. Following a brief introduction, each verse of the passage is examined individually in order to provide a more comprehensive understanding of its message. The study shows that, from the very beginning of his ministry, Jesus does not intend to carry out his mission alone but calls others to form a community of disciples. His invitation demands an immediate response, one that is difficult to resist, while also requiring renunciation and a willingness to embrace the path of discipleship. Jesus transforms these men into "fishers of people," not in the sense of proselytism, but as participants in the mission of proclaiming the Good News and helping others recover their dignity as children of God.

Keywords: Calling; Disciples; Immediately; Kingdom.

¹⁴ Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN. Bacharelado em Teologia pelo Centro Universitário UniCatólica do RN (Mossoró-RN)

¹⁵ Mestre em Teologia Bíblica pela Pontifícia Università San Tommaso D'Aquino – Angelicum (Roma); Professor de Teologia no Centro Universitário UniCatólica do RN (Mossoró-RN).

1 INTRODUÇÃO

O chamado de Deus permeia toda a Sagrada Escritura. Ele chama os homens, os quais têm a liberdade de responder sim ou não. Porém, é um convite muito atrativo e que causa uma inquietação no coração. E nos tempos atuais, o Senhor ainda continua chamando as pessoas para responder com generosidade sua voz. E assim sendo, o chamado dos primeiros discípulos, revela o amor e a misericórdia de Deus pela humanidade, por meio de Jesus, o Deus conosco.

Homens simples, pescadores, são chamados a se tornarem seguidores do Mestre. Tudo acontece no cotidiano na vida. Jesus está bem no começo de sua missão, mostrando que não deseja caminhar sozinho, mas quer formar uma comunidade que se ajude mutuamente.

O Senhor conhece o coração de cada um e sua história, ele não olha julgando, mas com um olhar de amor, acreditando no potencial daquela pessoa. O discípulo, assim como o Mestre, é chamado a propagar o Reino sobre todas as nações. O Senhor acompanha, Ele está sempre presente e próximo. Ele acredita no crescimento e amadurecimento daqueles que os chamou. Por isso, confia neles para “pescar pessoas” que se encontram abatidas, tristes e isoladas, e salvá-las. Não se trata de um proselitismo, mas uma caridade do amor.

2 TEXTO E CONTEXTO

2.1 O texto em seu contexto

A perícopes escolhida pode ser relacionada com a intenção do evangelista que queria ensinar aos seus leitores-ouvintes a olhar o Mestre, decidir segui-lo. Ele considerava que o verdadeiro e autêntico discipulado decorre do conhecimento de Jesus, descobrindo sua identidade e seguindo os seus passos.

Estudiosos costumam apontar que a figura dos discípulos em Mateus parece representar a comunidade que ele está descrevendo em seu Evangelho, como diz Overman: “[...] Sua ideia de discipulado e sua apresentação de discípulos revelam muito sobre as questões que confrontavam a comunidade e o ambiente do Evangelho, assim como a prioridade e valores de sua comunidade e o desenvolvimento de sua estrutura social” (1997, p.127).

A perícopre escolhida encontra-se no começo do Evangelho de Mateus, trata-se do chamado de Jesus aos primeiros discípulos e da resposta deles diante da proposta do Nazareno. Esse episódio ocorre na beira do mar da Galileia, Jesus foi para tal local após a prisão de João Batista. É o início da sua vida pública, quando ele começa a pregar sobre o Reino: “[...] começou Jesus a pregar e a dizer ‘Arrependei-vos, porque está próximo o Reino dos Céus’ (Mt 4,17). O chamado dos pescadores acontece nesse contexto.

Se pode observar que no início do seu ministério, Jesus manifesta a sua presença salvífica e confia aos discípulos uma missão. Vale ressaltar também que esta perícopre demonstra que a iniciativa do chamado é de Jesus e não dos discípulos, ou seja, justificando que o Filho de Deus também desejava que os seguissem, aprendessem com eles e servissem como colaboradores. Como afirma, Vitorio:

A catequese de Mateus evidencia a preocupação de Jesus, desde o começo de sua atuação, de jamais se apresentar como se fosse um guru solitário centrado em si mesmo. A missão recebida do Pai para ser levada a toda a humanidade seria partilhada com os discípulos-apóstolos do Reino. Por isso, dá os primeiros passos para formar uma comunidade missionária já no começo de seu ministério (2019, p.54).

2.2 O texto de Mt 4, 18-22¹⁶

18 Estando ele a caminhar junto ao mar da Galileia, viu dos irmãos: Simão, chamado Pedro, e seu irmão André, que lançavam a rede ao mar, pois eram pescadores
19 Disse-lhes: “Seguir-me e eu farei de vós pescadores de homens”.
20 Eles, deixando imediatamente as redes, o seguiram.
21 Continuando a caminhar, viu outros dois irmãos: Tiago, filho de Zebedeu, e seu irmão João, no barco com o pai Zebedeu, a consertar as redes. E os chamou.
22 Eles, deixando imediatamente o barco e o pai, o seguiram.

¹⁶ Utiliza-se aqui a tradução da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2019

3. LEITURA EXEGÉTICA

v. 18 - Estando *ele a caminhar*

O evangelista começa afirmando que Jesus estava caminhando à beira do mar da Galileia, quando vê dois irmãos pescadores que lançavam as redes, Pedro e João (Mt 4,18). É interessante que aparece a palavra caminhando, pois Mateus, diferente de Marcos e Lucas, costuma apresentar Jesus e os seus discípulos de maneira mais estática, como afirma o professor Overman: “[...] nesse Evangelho, Jesus e seus discípulos são menos itinerantes e aparecem mais fixados e estabelecidos [...]” 1997, p.128). Além disso, Jesus e seus discípulos permanecem essencialmente na Galileia, no Evangelho de Mateus, diferente de Marcos e Lucas que os colocam sempre a caminho.

A Galileia era a região mais alta da Palestina, situada ao norte da Judéia e da Samaria, tem um papel importante na missão pública de Jesus, pois: “[...] Jesus escolheu a Galileia para ser o local onde ele restabeleceria as ‘ovelhas perdidas do povo de Israel’ (1 5, 24), reuniria seus discípulos dispersos (26, 3 1 -32) e os enviaria a uma missão mundial (28, 7. 1 0. 1 6-20)” (Hahn, Mitch, 2014, p.41).

[...] A localização junto ao mar da Galileia continua a ênfase sobre lugares longe do centro poderoso e clarifica a significância do ato. Tanto 4,13 e 15 conectam a região junto ao mar com a Galileia dos pagãos (ver 4,12-16), o lugar de escuridão opressora e morte no qual a luz da presença salvífica de Deus agora brilha (Carter, 2002, p.165).

Esse episódio encontra-se também em Mc 1,16-20, no começo da vida pública de Jesus. O relato é idêntico ao de Mateus, diferente só quando apresentava o cognome Simão. Já em Lucas, aparece em Lc 5,1-11, embora com claras diferenças, inclusive, quando a fama de Jesus parece já ter se espalhado, pois uma multidão estava escutando a palavra de Deus a beira do lago, e que Jesus “viu dois pequenos barcos parados à margem do lago; os pescadores haviam desembarcado e lavavam as redes” (Lc 5,2).

Lucas diz que Jesus estava pregando e viu os pescadores que estavam desembarcando do barco, logo em seguida “subindo num dos barcos, o de Simão, pediu-lhe que se afastasse um pouco da terra; depois, sentando-se ensinava do barco às multidões” (Lc 5,3). Em Mateus, Jesus avista eles quando lançavam as redes.

Na mentalidade bíblica, o mar é comparado ao mal. Para Fausti, quando o evangelista indica que Jesus estava junto ao mar, ele afirma que: “a água relembra tanto o Gênesis como o Êxodo, a nova criação e libertação” (Fausti, 2019, p.67). Jesus vem para libertar os homens da condição de escravos para se tornarem filhos.

Na narrativa também aparece o verbo que significa um importante movimento interior do Senhor, o verbo ver: “viu: a vista vai onde leva o coração e leva o coração aquilo ao qual ela vai. Os olhos de Deus, o seu ver-me, é o meu próprio existir. Eu existo enquanto sou visto e amado por ele: o meu eu é o amor que ele tem por mim” (Fausti, 2019, p.67). O Senhor vê o ser humano, o ama e olha o existir da pessoa.

Mantendo a linha de reflexão, na perícope aparece também o verbo chamou: “[...] este verbo indica que Deus seleciona a atividade salvífica na origem e destino de Jesus, designa o propósito e missão de Jesus como agente da presença salvífica de Deus [...]” (Carter, 2002, p.167). Por conseguinte, o chamar não expressa somente um momento de fala, mas revela o intuito de Deus para que alcancemos a salvação.

Ademais, acima aponta-se que somente no Evangelho de Mateus aparece o nome Simão, chamado Pedro. Segundo Fausti o fato de Pedro ser o primeiro chamado dos discípulos significa que ele também deve ser o primeiro entre eles. Ele explica o significado da palavra Pedro, “pedra”:

Simão, chamado Pedro: o primeiro a ser chamado será também o primeiro dos apóstolos (10,2). Pedro, em aramaico Kepha, significa ‘pedra’, mas também ‘cabeça dura’. Simão, duro de cerviz e de coração será o primeiro a fazer a experiência de ‘dureza de Deus’, que é a sua ternura e fidelidade indefectível. Nessa experiência, por Pedro sempre lembrada para si e por todos, o Senhor edificará a sua Igreja (166,17ss; cf. Lc 22,31) (2019, p.67).

Nesse primeiro versículo ainda aparece a imagem das redes, um instrumento que Pedro e seu irmão André estavam utilizando. O intuito deles era pescar muitos peixes, algo que parece não terem conseguido como aponta o Evangelho de Lucas, mas deve-se prestar atenção que a rede apesar de ser simples, é preciso saber como a joga ao mar. Como aponta Fausti: “Lançando as redes ao mar: é uma pequena rede que se lança ao redor em forma de círculo e se deixa chegar ao fundo do mar como uma ‘armadilha’, na esperança de pescar alguma coisa. É a rede mais modesta e difícil de se usar” (2019, p.67).

Assim sendo, o chamado dos primeiros discípulos ocorre no cotidiano da vida, o Senhor caminha, avista-os e os chama. Homens simples que exerciam uma profissão comum naquele tempo, despercebidos por muitos, mas vistos por Jesus com muito amor e compaixão.

v.19 - Disse-lhes: *“Segui-me e eu farei de vós pescadores de homens”*.

Na sequência, encontramos as palavras que Jesus utilizou para chamar os primeiros discípulos: “Segui-me e eu farei de vós pescadores de homens” (Mt 4,19). Ele faz um convite aos discípulos para segui-lo e mudar de serviço, não mais pescar peixe e sim os corações dos homens. Assim, fica evidente que os pescadores não escolhem o seu mestre, mas sim o contrário, pois o mestre os escolhe: “Jesus não é um mestre que o discípulo escolhe para si. É o próprio Senhor, que nos escolhe para estar com ele. A sua palavra, como uma semente, gera conforme a sua espécie: a todos os que o acolhem deu-lhes o poder de se tornar filhos de Deus (Jo 1,12)” (Fausti, 2019, p.68).

A missão que Jesus pede aos discípulos não pode ser entendida como proselitismo como assinala Galazzi: “Creio que “pescar gente” não deve ter nada a ver com esse tipo de proselitismo [...]” (2013, p.99). Pescar gente significa tirar as pessoas do mar e libertá-las das dominações, pois como apontado o mar é figura do mal. Além disso a pesca causa a morte do peixe, mas o contrário acontece com o “pescar gente”, pois é fazer as pessoas que se encontram mortas voltem a viver novamente.

Na verdade, quem primeiro é pescado são os discípulos e depois Jesus os chama para eles também pescarem os homens para a filiação divina. Cumpre acrescentar que o chamado de Jesus confronta com o controle imperial que existia na época, pois ele começa a formar uma comunidade com uma proposta renovada de valores e modo de vida alternativos:

[...] Alguém não pode oferecer-se como voluntário para ser um seguidor. Nem fazer parte do nascimento, riqueza, gênero ou treinamento. O chamado de Jesus invade e desafia seu mundo cotidiano controlado pela economia imperial. As suas palavras fazem disponível o império/reinado de Deus e cria para aqueles que seguem uma comunidade alternativa e um modo de vida com centro, valores e estrutura diferentes (Carter, 2002, p.166).

Convém recordar, ainda, as injustiças sofridas pelos pescadores e as pessoas mais simples, por parte do império, que oprimia e maltratava o pobre. E os profetas como diz Carter denunciam as

atrocidades dos grandes, utilizando a imagem da pesca, e, por outro lado o chamado dos discípulos irá evidenciar uma construção de uma comunidade que não suportará os abusos sofridos:

[...] Os profetas utilizam a imagem da pesca para denunciar o falso culto da elite (Jr 16,16) e o injusto estilo de vida de “oprimir o pobre e esmagar o indigente” (Am 4,2). Ezequiel condena abertamente o poder imperial do Egito e usa uma imagem de pesca para prometer o julgamento de Deus (Ez 29,3.4-16; ver Mtg 13,47). O estilo de vida de Pedro e André, como parte de uma nova comunidade, resistirá aos abusos imperiais e ao privilégio opressor [...] (Carter, 2002, p.166).

Olhando outros chamados na Bíblia, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento, percebe-se que o Senhor tem um modo próprio de chamar e confia àquele que chama uma missão. É o caso do patriarca Abraão ao quem Deus diz: “Sai da tua terra, da tua parentela e da casa de teu pai, para a terra que te mostrarei. Eu farei de ti um grande povo, eu te abençoarei, engradecerei teu nome; sê uma benção” (Gn 12, 1,2). São igualmente exemplares o chamado de Moisés (Ex 3,10), de Samuel (1Sm 3, 9) e muitos outros.

Nesses chamados apresentados na Bíblia, observamos que cada um tem o seu contexto, mas o desejo do Senhor é que o seu amor e sua misericórdia se estendam por toda a terra. Ele chama homens concretos, que vivem em determinadas épocas para o segui-lo e cumprir a sua vontade.

v. 20 - Eles, deixando imediatamente as redes, o seguiram

Os discípulos expressam uma atitude imediata, comprovando que quando Jesus chama não se consegue resistir. Isso não quer dizer que o chamado não terá suas contradições e quedas, mas será um itinerário para crescer como discípulo na resposta do chamado:

v.20: Então, imediatamente: destaca-se a resposta imediata (v.22). Qualquer decisão só acontece quando a gente se decide. Esse momento, como todo início, conhecerá dúvidas, infidelidades e contradições. Mas a história pessoal de cada um confirmará que aquele instante foi decisivo para acolher o próprio ‘nome’. Quando alguém é chamado pelo próprio nome, até os animais, ‘imediatamente’ se volta para quem o chama (Fausti, 2019, p.68).

Essa atitude de deixar tudo e seguir imediatamente, mostra uma alegria e uma inquietação de responder o chamado do Mestre: “Decidir é renunciar a muitas outras possibilidades, para realizar

uma que dá mais alegria. Pode custar; mas é realizada com alegria e pela alegria, se vem de Deus” (Fausti, 2019, p.68).

O chamado de Jesus exige uma disponibilidade total, e o verdadeiro discípulo do Reino é aquele que se entrega sem reservas. O autêntico discípulo não coloca empecilhos e desculpas para fugir do chamado.

v. 21 -Continuando a caminhar; viu outros dois irmãos

Jesus vê mais dois irmãos, que estavam consertando as redes. São Tiago e João, também chamados para a mesma missão. Eles têm a mesma atitude de Pedro e André, seguem imediatamente Jesus, demonstrando ser irresistível o chamado. Ora, o Reino exige uma resposta clara, é preciso renunciar a muita coisa para seguir a Jesus, o que muitos não compreenderão. Na resposta se exige uma confiança na pessoa que chama:

[...] Como entender uma tomada de decisão desse porte prescindindo de consultar a família, colocar em ordem os negócios, pedir explicações a respeito dos meios de subsistência e tantos outros detalhes? A mensagem, porém, é clara: quem quiser tornar-se discípulo do Reino deverá se dispor a fazer rupturas radicais e abrir mão da segurança e da exigência de conhecer os desdobramentos futuros. Trata-se de se lançar numa aventura inteiramente confiado em Deus nos passos do Messias Jesus (Vitorio, 2019, p.54).

v. 22 -Eles, deixando imediatamente o barco e o pai, o seguiram.

A resposta ao chamado pode exigir também o deixar a família. Isso, não significa literalmente não se importar mais com a família, mas não se prender a determinado lugar por alguma coisa, como diz Carter: “[...] Compromisso com Jesus toma a precedência sobre todas as demais lealdades, mas não significa que todos os vínculos são rompidos [...]” (2002, p.168). Além disso, novamente Jesus chama dois, evidenciando que a missão se faz em comunidade.

Ainda no início de sua vida pública, se vê o interesse de Jesus em formar um grupo que colabore na propagação do Reino, para que o siga sem medo das contrariedades da vida, como diz Gallazi: “Na beira-mar, Jesus começa a constituir o seu grupo. Começa por estes primeiros quatro

amigos que são convocados a participar de sua mesma missão: fazer crescer o Reino dos Céus, sem medo do mar e de seus habitantes” (2013, p.101).

É como afirma Fausti: “e o seguiram: Seguir ele, o Filho, é a realização do ser humano: acaba a fuga de Deus e começa o retorno [...] A fé é estar enamorado por Jesus, como ele está por mim, para viver como ele, até dele, na reciprocidade de amor [...]” (2019, p.69). Com isso, Mateus consegue introduzir as partes subsequentes do seu Evangelho, no qual os discípulos estarão presentes.

4 MENSAGEM TEOLÓGICA

O chamado dos primeiros discípulos revela o convite pessoal que Jesus realiza àqueles homens e continua fazendo. Os cristãos são impelidos a dar uma resposta e segui-lo, para aprender com ele. E com isso, também são chamados a não se colocar a frente, mas sim após ele, se convertendo e formando uma comunidade de irmãos:

Vinde após mim – é o convite pessoal de Jesus. O cristianismo é a resposta a essa proposta. Segui-lo significa “converter-se”, voltar ao Deus conosco, entrar no Reino do céu, que já está aqui: é ele. Segue-se ele para tornar como ele, filhos e irmãos que vivem o reino do Pai (Fausti, 2019, p.65).

O convite do Senhor também exprime a misericórdia e o amor que ele tem pela humanidade, que apesar de frágil, deseja que contribua na missão de anunciar o Reino. Desse modo, compreende-se que a fé não se resume a aprender normas, mas consiste numa relação pessoal com Jesus, que acontece durante o caminho, no qual os gestos vão se transformando nos deles:

A fé cristã não é antes de tudo uma doutrina ou uma prática: é a relação pessoal com Jesus, o meu Senhor, que amo porque ele me amou por primeiro. O amor por ele que se exprime em ouvidos que escutam, olhos que veem, pés que seguem, mãos que tocam, faro que cheira, boca que saboreia, coração que canta, é o centro do cristianismo (Fausti, 2019, p.65).

Logo, os discípulos não são chamados para simplesmente cumprir tarefas, mas primeiro permanecer com Jesus, aprender com ele e fazer a sua vontade. Ser discípulo é se colocar a caminho, atrás do Mestre, deixando tudo que impede de ter uma vida autêntica e total, carregando a cruz e

respeitando cada período da vida. É a vida inteira esse caminhar, mas que vale muito a pena, vale a felicidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho procurou aprofundar a perícopes de Mateus sobre o chamado dos primeiros discípulos. Observa-se que o Senhor desde o início de sua missão não quis caminhar sozinho, mas desejou que as pessoas também caminhassem com ele. Fazendo um paralelo com os tempos atuais, percebe-se que o Senhor ainda tem esse mesmo desejo. Ficou evidente que todo discípulo deve andar atrás do Mestre. É necessário deixar tudo e não estar apegado as pessoas ou a objetos.

O caminho para se tornar um verdadeiro discípulo se faz caminhando, escutando as palavras do Mestre e aprendendo com suas atitudes. Acredita-se que num estudo posterior o trabalho poderá ser mais aprofundado e conseguir adentrar nas entrelinhas que podem ter sido despercebidas.

REFERÊNCIAS

- BÍBLIA de Jerusalém. **Nova edição revista e ampliada**. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARTER, Warren. **O Evangelho de São Mateus**. São Paulo: Paulus, 2002. 712 p.
- FAUSTI, Silvano. **Uma comunidade lê o Evangelho de Mateus**. São Paulo: Paulus, 2012.
- GALLAZZI, Sandro. **O Evangelho de Mateus: uma leitura a partir dos pequeninos**. São Paulo: Fonte Editorial; Santuário, 2013.
- HAHN, Scott; MITCH, Curtis. **O Evangelho de São Mateus: cadernos de estudo bíblico**. Campinas: Ecclesiae, 2014.
- OVERMAN, J. Andrew. **O evangelho de Mateus e o judaísmo formativo**. Tradução de Cecília Camargo Bartalotti. São Paulo: Edições Loyola, 1997.
- VITÓRIO, Jaldemir. **Lendo o Evangelho segundo Mateus: O caminho do discipulado do Reino**. São Paulo: Paulus, 2019.

A DINÂMICA DO DISCIPULADO EM MARCOS: COMPAIXÃO COMO CRITÉRIO TEOLÓGICO NO MINISTÉRIO DE JESUS E NO DISCIPULADO A PARTIR DE Mc 6,30-44

Íkaro Renan Lima dos Santos¹⁷
Francisco Cornélio Freire Rodrigues¹⁸

RESUMO

A primeira multiplicação dos pães e peixes (Mc 6,30-44) ocupa lugar central na estrutura teológica e narrativa do Evangelho de Marcos. Está inserida na terceira seção da primeira parte do Evangelho, dedicada à revelação progressiva da identidade de Jesus, articulada em dois eixos fundamentais: a manifestação de Jesus como o Bom Pastor e a formação dos discípulos. O texto situa o milagre no retorno dos Doze enviados em missão (Mc 6,7-13), quando Jesus, ao perceber a necessidade da multidão, interrompe o descanso e, movido pela compaixão, assume o papel de pastor. A compaixão de Jesus revela tanto sua identidade messiânica quanto sua atenção às necessidades integrais do povo, unindo ensino e cuidado concreto. A perícopes também funciona como catequese dirigida aos discípulos. A resposta de Jesus “Dai-lhes vós mesmos de comer” desloca a lógica do poder para o serviço. A organização da multidão em grupos, o gesto de bênção, a distribuição e o recolhimento dos cestos remanescentes remetem às tradições do Antigo Testamento, especialmente às ações providentes de Deus na história de Israel. Assim, Mc 6,30-44 ilumina a missão de Jesus e o caminho do discipulado, enfatizando que seguir o Mestre é assumir seu olhar, seu serviço e sua entrega.

Palavras-Chaves: Discipulado; Compaixão; Multiplicação dos pães.

ABSTRACT

The first multiplication of the loaves and fishes (Mk 6:30–44) occupies a central place in the theological and narrative structure of the Gospel of Mark. It is situated within the third section of the first part of the Gospel, which focuses on the progressive revelation of Jesus' identity through two fundamental themes: the manifestation of Jesus as the Good Shepherd and the formation of the disciples. The episode takes place after the return of the Twelve from their missionary journey (Mk 6:7–13), when Jesus, recognizing the needs of the crowd, interrupts his time of rest and, moved by compassion, assumes the role of the shepherd. Jesus' compassion reveals both his messianic identity and his concern for the people's holistic needs, bringing together teaching and concrete care. The pericope also serves as a catechetical instruction for the disciples. Jesus' command, "You give them something to eat," shifts the logic of power toward the logic of service. The organization of the crowd into groups, the blessing, the distribution of the food, and the gathering of the leftover baskets recall

¹⁷ Bacharelado em Teologia no Centro Universitário UniCatólica do RN. Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

¹⁸ Professor de Teologia no Centro Universitário UniCatólica do RN. Mestre em Teologia Bíblia pela Pontificia Università San Tommaso D'Aquino – Angelicum (Roma).

Old Testament traditions, especially God's providential care throughout the history of Israel. Thus, Mark 6:30–44 sheds light on both the mission of Jesus and the path of discipleship, emphasizing that to follow the Master is to embrace his vision, his service, and his self-giving.

Keywords: Discipleship; Compassion; Multiplication of the Loaves.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca compreender a perícope da multiplicação dos pães e peixes (Mc 6,33-44), situando-a no conjunto do Evangelho de Marcos, evidenciando sua relevância no caminho de revelação da identidade de Jesus e na formação dos discípulos. Inserida na primeira grande parte do Evangelho, marcada pela busca progressiva sobre quem é Jesus, essa narrativa se desenvolve no contexto do ministério do Mestre com os Doze, em meio às multidões que o seguem.

Ao relatar o retorno dos discípulos da missão, o olhar compassivo de Jesus e o sinal da multiplicação, o evangelista quer conduzir o leitor a uma compreensão de que o milagre não se esgota em si mesmo, mas assume um caráter catequético e formativo em relação ao discipulado. Trata-se de um texto no qual palavra e ação se entrelaçam, revelando um Jesus que ensina, organiza, alimenta, serve e doa, tudo isso ligado à figura do bom Pastor, como prometido nas Escrituras.

Ao mesmo tempo, o relato evidencia as tensões presentes nos discípulos, marcadas pela incompreensão da identidade Jesus e pela dificuldade em assimilar a dinâmica do Reino. Assim, a leitura exegética deste trecho busca não apenas esclarecer seus elementos literários e teológicos, mas também mostrar como, por meio do sinal do pão partilhado, Jesus revela sua missão e convoca seus discípulos a configurarem-se a Ele, assumindo a lógica da compaixão, do serviço e da partilha.

2 O TEXTO EM SEU CONTEXTO

O Evangelho de Marcos pode ser dividido em três partes, sendo a primeira parte fundada na busca pela identidade de Jesus, que inicia em Mc 1,16 e vai até 8,30. A segunda parte, que vai de Mc 8,31 a 10,52, traz o caminho de Jesus com os discípulos rumo à cruz. Na terceira e última parte, de Mc 11,1 a 15,47, são apresentados os últimos passos de Jesus em Jerusalém antes de sua paixão. A perícope escolhida situa-se na primeira parte, dentro da terceira seção.

O texto pertence ao gênero literário de narrativa de milagre, característico dos Evangelhos Sinóticos. Esse gênero apresenta uma estrutura recorrente: “aproximação de Jesus e do

povo/discípulos; indicação da necessidade; preparação da cena do milagre; realização do milagre; conclusão, em forma de constatação do milagre” (Lima, 2014, p.195). O milagre da multiplicação dos pães e peixes manifesta o olhar de compaixão de Jesus, que revela o seu poder como aquele que provê e sacia o povo, prefigurando a Eucaristia e dando ênfase à sua imagem de pastor.

O Evangelho de Marcos também busca mostrar o caminho do discipulado. E a incompreensão dos discípulos se torna ponto singular deste Evangelho; porém, é por meio dela que vemos a imagem de Jesus insistindo em instruí-los, mantendo-os próximos.

Os discípulos encontram-se em oposição ao Mestre Jesus. O envio dos Doze é uma maneira de fazê-los abrir os olhos para ver a identidade do seu Mestre. “Jesus se propõe fazê-los ver o erro em que se encontram, mas não consegue” (Matéos, 1998, p. 164). Mais do que uma narração de milagre, portanto, a multiplicação dos pães é uma catequese para os discípulos, é ensinamento de Jesus sobre o verdadeiro sentido da missão, que é serviço.

2.2 Estrutura

A perícopes pode ser estruturada da seguinte forma:

1ª Parte: Mc 6,30-34	
Jesus, pastor responsável	
Vv. 30-34	Jesus dispõe aos discípulos a possibilidade de descanso, ao retornarem da missão.
Vv. 33-34	Mostra a impossibilidade de Jesus descansar, vendo com o olhar repleto de compaixão a multidão necessitada, pondo-se como o bom pastor.
2ª Parte: Mc 6,35-44	
Jesus e seus discípulos, pastores e servos	
Vv. 35-38	Os discípulos relatam a Jesus a multidão que se encontra com fome, e Jesus os exorta a darem eles mesmo de comer.
Vv. 38-41	Jesus dá de comer a multidão, de maneira discreta, os exortam a se acomodarem.
Vv. 41-44	Apresentação do êxito do milagre

2.2 Tradução

O texto que será utilizado para a exegese de Mc 6,30-44 é o da Bíblia de Jerusalém:

³⁰ Os apóstolos reuniram-se a Jesus e contaram-lhe tudo o que tinham feito e ensinado. ³¹Ele disse: “Vinde vós, sozinhos, a um lugar deserto e descansai um pouco”. Com efeito, os que chegavam e os que partiam eram tantos que não tinham tempo nem de comer. ³²E forma de barco a um lugar deserto, afastado. ³³Muitos, porém, os viram partir e, sabendo disso, de todas as cidades, correram para lá, a pé, e chegaram antes deles. ³⁴Assim que Ele desembarcou, viu uma grande multidão e ficou tomado de compaixão por eles, pois estavam como ovelhas sem pastor. E começou a ensinar-lhes muitas coisas. ³⁵Sendo a hora já muito avançada, os discípulos aproximaram-se d’Ele e disseram: “O lugar é deserto e a hora já muito avançada. ³⁶Despede-os para que vão aos campos e povoados vizinhos e comprem para si o que comer”. ³⁷Jesus lhes respondeu: “Dai-lhes vós mesmo de comer”. Disseram-lhe eles: “Iremos nós e compraremos duzentos denários de pão para dar-lhes de comer?” ³⁸Ele perguntou: “Quantos pães tendes? Ide ver”. Tendo-se informado, responderam: “Cinco, e dois peixes”. ³⁹Ordenou-lhes então que fizessem todos se acomodarem, em grupos de convivas, sobre a grama verde. ⁴⁰E sentaram-se no chão, repartindo-se em grupos de cem e de cinquenta. ⁴¹Tomando os cinco pães e os dois peixes, elevou Ele os olhos ao céu, abençoou, partiu os pães e deu-os aos discípulos para que lhes distribuíssem. E repartiu também os dois peixes entre todos. ⁴²Todos comeram e ficaram saciados. ⁴³E ainda recolheram doze cestos cheios dos pedaços de pão e de peixes. ⁴⁴E os que comeram dos pães eram cinco mil homens.

3 LEITURA EXEGÉTICA

O v. 30 relata o retorno dos Doze da missão que, tendo acabado de realizar, partilham a experiência com o Mestre. Foram enviados para pregar, expulsar demônios e curar enfermos. A palavra utilizada é “apóstolos”, que significa enviados, dando então a conotação do que realmente são. O termo denota então a atividade dos discípulos de serem enviados por Jesus com a missão de pregar, expulsar demônios e curar os enfermos.

O v. 31 expressa a figura de Jesus Bom Pastor e demonstra sua insatisfação em relação aos discípulos que acabam de partilhar a sua mesma missão. De fato, Jesus ainda percebe neles a incompreensão deles desde o início, como observam Mateos e Camacho:

“Ouvido o relato e sem dar-lhes nenhum sinal de aprovação, Jesus tem a reação imediata: quer falar a sós com eles (vós sozinhos). *Vinde* recorda o primeiro chamado ao seguimento (1,17); o lugar despovoado/deserto alude à ruptura com os valores da sociedade (1,35.45); a expressão *à parte* indica que Jesus pretende de novo sanar a incompreensão dos discípulos (cf. 4,34). O verbo ‘descansar’ usa-se em Is 14,3 LXX para significar a libertação do cativo da Babilônia realizada por Deus; Mc alude a essa passagem para indicar que Jesus quer libertá-los da ideologia que os domina, impedindo-lhes o seguimento.” (Mateos, 1998, p. 166)

Como Mestre e Pastor, Jesus os convida a um lugar à parte, promovendo uma libertação daquilo que é contrário ao ensinamento do Reino, além do descanso. Diz-nos Fritzleo: “a palavra ‘descansar’ já antecipa a tarefa do pastor (cf. v. 34) que, de acordo com Ez 34,15; Sl 22,2, fará repousar o povo em bons prados.” (2003, p. 227).

No v. 32, vendo Jesus que as multidões já o cercavam, partem de barco para um lugar deserto e afastado. “São as mesmas palavras contidas no convite de Jesus no v. 31. Aqui, o relacionamento particularmente intenso de Jesus com os Doze é enfatizado pelo fato de que ‘estão na barca’, sinal da comunidade que segue Jesus de perto.” (Beck, 2019, p. 282). O v. 33 ainda volta a atenção às multidões que seguiam Jesus, querendo estar com ele e os discípulos.

A expressão “muitos os reconheceram” denota então aqueles que foram testemunhas da missão realizada pelos discípulos e os escutaram. Com isso, “Marcos insiste particularmente em apresentar o acorrer das multidões em torno de Jesus, sinal de eficácia de sua palavra e da obra por ele realizada” (Beck, 2019, p. 282). Porém, isso “não exclui que alguns destes detalhes das narrativas de Marcos deixem entrever o formar-se de um movimento messiânico de tipo nacionalista ao redor de Jesus, que, porém, sempre reage drasticamente” (Beck, 2019, p. 282).

O v. 34 relata a chegada de Jesus em terra. Porém, ao chegar, se depara com a grande multidão que já se encontrava no lugar, dando então a compreensão de que a multidão conseguia ver para onde o barco estava indo e onde iria desembarcar, possibilitando acompanhá-lo. A reação de Jesus, ao desembarcar, além do olhar de compaixão, porém, Mateos e Camacho observam que “Jesus fica de novo frustrado pela presença da multidão que o espera: não poderá instruir em particular seus discípulos, os quais, portanto, continuarão apegados a seu ideal de renovação de Israel.” (Matéos, 1998, p. 169).

Jesus quer instruir seus discípulos, mas se depara com uma multidão que também se encontra presa a pensamentos nacionalistas. Todavia:

Os discípulos por ora desaparecem da cena. Jesus se dá conta da presença e da situação da multidão, e esta provoca nele o mesmo sentimento (*comoveu-se*) que teve ao encontrar-se com o leproso (1,41): é a reação própria do amor terno diante da miséria e da desgraça, sentimento atribuído a Deus no AT e no judaísmo. (Matéos, 1998, p. 169)

Neste trecho de Mc 6,34, o verbo utilizado para se referir ao ato de Jesus compadecer-se não é ἐλεέω (*eleéo*), que também significa sentir compaixão, mas ἑσπλαγχνίζομαι (*splanchnízomai*):

“Esse verbo recalca um substantivo hebraico análogo (*rahamim*), que indica o útero materno, as vísceras generativas e que é aplicado a Deus. O verbo grego citado está na base do mesmo símbolo materno.” (Ravasi, 2024, p. 204). Isso implica dizer que a compaixão sentida por Jesus ao ver a multidão como ovelhas sem pastor foi uma compaixão profunda, uma dor que tomou seu interior, fazendo-o sentir em suas entranhas.

O olhar de compaixão é próprio de Deus; já no Antigo Testamento várias são as passagens que revelam esse olhar cheio de compaixão, não necessariamente encontrado com a palavra “compaixão”, mas tendo o mesmo sentido. Em Êxodo, quando Deus olha e vê o sofrimento do seu povo, aquilo o comove e o faz agir.

Nesta narração do milagre dos pães e peixes, Jesus também é movido, ao ver a multidão como ovelhas sem pastor, a assumir a identidade de Pastor. Sua compaixão o leva a saciar a fome da multidão, seja ela de pão material ou de pão espiritual. “Assim Marcos, com sua típica sintetização, sugere o tema da fome do ensinamento de Jesus, que introduz a fome física, motivo do milagre” (Beck, 2019, p. 283).

Seu objetivo agora não é mais descansar e orientar seus discípulos, mas, como Pastor, ensinar e saciar a fome da multidão. “Jesus assume o papel de pastor de Israel, e seu primeiro objetivo é dar alimento às ovelhas.” (Matéos, 1998, p. 169). Não é dito ao certo o que Jesus ensina: “Mc não expõe conceitualmente o conteúdo do ensinamento, mas o explica por meio da ação de Jesus.” (Matéos, 1998, p. 170). Jesus agora não fala em parábolas, fala abertamente ao povo, para neutralizar os pensamentos dos discípulos que estavam contidos na multidão.

A figura de Jesus Pastor e Mestre é respaldada no seu olhar de compaixão e na atitude de ensinar e saciar a fome: Ele vê as dores daquela multidão, vê suas angústias e sofrimentos, como também revela a eles a sua real identidade, não como pensavam os nacionalistas, mas segundo o coração de Deus. Jesus coloca-se em ensinar não só o povo, mas também os seus discípulos.

Partiremos agora para a segunda parte da perícope, mediante a estruturação de Fretzleo, que traz essa parte com o tema: “Jesus e seus discípulos, pastores e servos”. Compreende os vv. 35-44 e é composta de uma subdivisão, sendo a primeira dos vv. 35-38.

Os ensinamentos são muitos. Jesus, no v. 34 põe-se a ensinar; nos vv. 35-36 vemos os discípulos preocupados com a hora que, já muito avançada, se aproxima. Juan e Fernando comentam: “É tanto o que Jesus tem de ensinar ao povo que o tempo não conta (estava ficando tarde).” (Matéos, 1998, p. 170). Porém, chama-nos a atenção a atitude dos discípulos: eles “se aproximam, implicando

que tinham estado longe de Jesus, e interrompem o ensinamento. Não perguntam a Jesus que planos tem, lhe ditam o que tem de fazer (despede-os).” (Matéos, 1998, p. 170). Essa atitude leva-nos a entender que os discípulos ainda estavam longe de compreender as reais intenções e a real identidade de Jesus, seu mestre.

Os discípulos já se acham em estado de missão. A multidão já invadiu suas vidas. A sorte do povo os preocupa. O que o evangelista não aprova é sua proposta. Chega mesmo a apresentá-la com uma ponta de ironia, sugerindo quão distantes estão da mentalidade e do posicionamento de Jesus. (Soares, 2012, p. 224)

Os discípulos, ao mandarem dispersar a multidão, demonstram falta de solidariedade e desinteresse. Não buscam saber do mestre o que fazer, como agir; chegam e pedem para dispersar a multidão. São posicionamentos distantes do de Jesus, contrários a uma atitude de pastor.

A uma massa de dispersos, o pastor busca reunir. Agora, chegam seus colaboradores e sugerem que tudo volte à estaca zero: “despede-os”. Retorna a imagem inicial de uma gente dispersa por campos e cidades, cada um buscando “para si” de comer. Os discípulos ainda não assimilaram a tarefa de Pastor. (Soares, 2012, p. 224)

A imagem que Jesus transmite ao se colocar como pastor das ovelhas que se encontram perdidas, seus discípulos querem distorcer. Os doze se encontram ainda incompreensíveis em relação à identidade de seu mestre, Jesus. Todavia, são nas ações de Jesus que sua identidade é revelada; é por meio de suas atitudes e exortações que Ele persiste em advertir seus discípulos e corrigi-los diante dos seus pensamentos contrários ao Seu.

Com o denso diálogo entre Jesus e os discípulos, que respondem de modo brusco, Marcos destaca a necessidade de que a fé, alimentada no seguimento a Jesus, seja concretizada também na ação, e começa a fazer emergir um dos temas dominantes desta “seção dos pães”: isto é, a incapacidade de entender quem é Jesus, que se doa a nós sob o sinal dos pães, se se raciocina com a mentalidade mundana, segundo a qual se trata de “despede-os” ou, muito mais, de “iremos comprar” o pão necessário, em vez de doar-se a si mesmo, sem limites, com aquele amor que faz milagres, começando com o pouco que se tem. (Beck, 2019, p. 283)

No versículo 37 Jesus os ordena: “Dai-lhes vós mesmos de comer”. Com essas palavras, Jesus quer que os discípulos se sintam convocados a assumir as necessidades do povo. “A fome do povo não pode ser apenas um fato a constatar, mas terá de ser uma tarefa a assumir, por força da compaixão,

da solidariedade.” (Soares, 2012, p. 224) Se o mestre é movido por compaixão para com suas ovelhas, assim também quer que seus discípulos ajam; quer que eles também se sintam responsáveis e se demonstrem solidários às necessidades do povo.

Porém, assim como a persistência de Jesus em corrigir os discípulos permanece, os discípulos também permanecem persistentes em seus pensamentos distorcidos. Jesus manda que eles deem de comer, ou seja, movidos pela compaixão, motiva-os a agir com solidariedade e generosidade. Os discípulos, contrários a isso, falam em comprar, cada um por sua conta. “Eles interpretam a proposta de Jesus sem sair de suas categorias: insistem em ‘comprar’ e querem mostrar a Jesus a impossibilidade do que propõe.” (Matéos, 1998, p. 171).

No versículo 38 Jesus os exorta a irem ver quantos pães encontram. Essa atitude de Jesus, de fazê-los agir, deve levá-los à compreensão de que é responsabilidade deles solucionar o problema; isso faz parte do discipulado e do ser pastor. Eles saem e encontram apenas cinco pães e dois peixes.

É preciso ir ver o que se tem. Mas, outra vez, os discípulos esbarram na constatação de sua impotência. O que têm é ridículo face às necessidades da multidão: “Cinco pães e dois peixes”. O número é expressivo. De um lado, a soma total já anuncia o suficiente, a plenitude da saciedade — sete — e o horizonte inscrito na realidade, mas de jeito nenhum percebido pelos discípulos. O que percebem, a partir de sua análise que só alcança o imediato e a aparência, é o número quebrado: cinco e dois, em si mesmo absolutamente insuficiente aos objetivos. (Soares, 2012, p. 225)

Certamente os discípulos se questionam sobre o que fariam com apenas cinco pães e dois peixes frente à numerosa multidão que estava junto com eles. Há comentadores que dizem que o número cinco pode fazer alusão aos livros de Moisés, a Torá. Ou seja, aquilo que têm a oferecer é o antigo. Juntam-se aos cinc pães os dois peixes, que, somados, trazem a expressão de saciedade e, mais do que isso, o número da perfeição. Essas figuras também prefiguram a eucaristia: “pão e peixe figuram-se, frequentemente, como símbolo da eucaristia na arte cristã dos primeiros séculos, sobretudo nas catacumbas” (Beck, 2019, p. 284).

Nisto, Jesus “começa a atuar com sua ‘autoridade’. Uma vez que já se sabe bem quais os pobres meios de que se dispõe, pode-se começar a preparar o banquete.” (Soares, 2012, p. 225).

Adentramos na segunda parte da subdivisão, que compreende os vv. 39-41. Nos vv. 39-40, Jesus ordena aos discípulos que façam todos se acomodarem sobre a grama verde. Pode-se fazer alusões a Ex 16, quando no deserto o Senhor alimenta o seu povo com o maná, como também ao Salmo 23/22,2, que fala sobre repousar em verdes pastagens. Alusões essas que nos levam, mais uma

vez, a ver a identidade de Jesus sendo revelada: o Bom Pastor, que alimenta, cuida e faz o povo se acomodar em verdes relvas. Não deixando de transmitir aos discípulos o perfil que eles devem assumir, o do próprio Mestre, Jesus.

A multidão é organizada em grupos, assim como no Êxodo. “A distribuição recorda a ordem do acampamento de Israel no deserto (Ex 18,21-25). ‘Sentar’ é posição de convidados a um banquete, e ‘grama verde’ pode aludir às verdes pastagens do Sl 23,2.”¹⁹ Sentam-se ao chão, na grama verde, e aguardam o Pastor que proverá o alimento.

No v. 41, Jesus toma o que os discípulos conseguiram, os cinco pães e os dois peixes, volta o seu olhar para o céu e pronuncia um louvor a Deus. “Só agora o texto nos põe diante do gesto culminante de Jesus. A primeira coisa que chama a atenção é a formulação eucarística.” (Soares, 2012, p. 226). Jesus toma o alimento em mãos, eleva os olhos ao céu e louva o Pai e, após isso, o distribui.

A ação de Jesus não chama a atenção, “o relator registra o acontecimento discretamente, sem lhe dar grande realce.” (Lentzen-Deis, 2003, p. 233). Todavia, mais uma vez vemos Jesus voltar-se para os discípulos, certamente estando eles em volta de Jesus, observando cada ação do Mestre. Jesus, por meio delas, quer ensinar a eles. Jesus “faz com que os discípulos repartam e, ao fazê-lo, acontece, entre suas mãos, a maravilhosa multiplicação do alimento para todos.” (Lentzen-Deis, 2003, p. 233). Jesus, sem chamar a atenção, tendo o olhar de seus discípulos fixos em si, demonstra seu poder — um poder contrário ao que os doze acreditavam.

Para as ovelhas sem pastor, Jesus torna-se Pastor; para saciar a fome intelectual, ensina; para saciar a fome de pão, no pouco que se tem, partilha multiplica. E cada ação de Jesus diz algo para seus discípulos: mostrar a eles quem realmente Ele é e, mais do que isso, mostrar qual imagem eles devem assumir e configurar a sua vida. Por isso: “Encarrega os discípulos de servir o pão e os peixes: devem estar na comunidade como servidores, não como chefes. Jesus não lhes confere um poder, mas lhes confia um serviço” (Matéos, 1998, p. 172). O encargo da missão de Jesus dada aos discípulos é o serviço. Eles são chamados a configurarem a vida deles à real identidade de Jesus, o Pastor que cuida, que alimenta, sacia a fome e, mais do que isso, serve.

Na terceira e última subseção desta perícope, que compreende os vv. 42-44, é apresentado o bom êxito da multiplicação e a saciedade dos que estavam com fome. Se Jesus, a cada passo, quer falar algo para seus discípulos, a afirmação do v. 42, de que todos ficaram saciados, mostra-nos que

¹⁹ BÍBLIA do Peregrino. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2017. Tradução: Ivo Storniolo; José Bortolini

todos comem, ninguém é excluído. Eles não só se saciam do alimento material, mas saem saciados dos ensinamentos de Jesus.

Em seguida, após todos se saciarem, são recolhidos doze cestos cheios de pães e peixes (v. 43). “A própria multidão recolhe as sobras do pão e do peixe; não guarda um o que lhe sobrou, mas põe em comum.” (Matéos, 1998, p. 173). A mensagem ainda permanece de doação e generosidade. Mais do que isso, na quantidade dos cestos recolhidos é feita relação a Israel e suas doze tribos, ou seja, a todo o povo. “Os doze cestos indicam que o destinatário é Israel. A multidão compromete-se a levá-la a efeito.” (Matéos, 1998, p. 173). Os pedaços que ficaram permitem uma nova partilha; a multidão comeu, saciou-se e agora não quer deixar desperdiçar: recolhem aquilo que sobrou — cestos cheios e abundantes.

O relato finda no v. 44, onde se evidencia a quantidade daqueles que comeram: cerca de cinco mil homens. Esse número é pleno de significado: “é múltiplo de cinco (número de pães e de livros de Moisés) e de cinquenta (número de membros de uma comunidade de profetas, 1Rs 18,4-7; 2Rs 2,7.15-17). Com essa dupla correspondência, Mc indica que a Lei é substituída pelo Espírito.” (Matéos, 1998, p. 174). Se o espírito de Moisés comunica aos chefes (Nm 11,26), o de Jesus é comunicado a todo aquele que responde ao seu convite.

O número dos que comeram indica que a multidão se converte em uma multiplicidade de profetas, que devem evidenciar a partilha. Se a multidão chegara como ovelhas sem pastor, sai saciada, tocada pela compaixão de Jesus, motivada a proclamar aquilo que viu com seus próprios olhos. Da mesma forma, os discípulos, a cada passo da narração, são exortados por Jesus a compreender a verdadeira identidade do seu Mestre e a sua real missão.

4 MENSAGEM TEOLÓGICA

A perícopes da multiplicação dos pães e peixes revela, antes de tudo, a identidade de Jesus como o bom Pastor, movido por um olhar de compaixão diante de uma multidão que se encontra como ovelhas sem pastor. O texto não apresenta apenas um milagre, mas uma catequese dirigida aos discípulos. Ao ordenar “Dai-lhes vós mesmos de comer”, Jesus desloca então os discípulos de uma lógica de poder, cálculo e compra para uma lógica de serviço, partilha e solidariedade, doação. Isso, porque a missão não consiste em dispersar a multidão, mas em assumir a responsabilidade pelo povo, missão de um verdadeiro pastor.

O milagre faz saciar a multidão e Jesus mostra aos discípulos que o seu poder e autoridade não está preso aos pensamentos nacionalistas deles, mas está firmado no amor, que se multiplica, serve e sacia. Os discípulos aparecem como pastores e servos, chamados não a dominar, mas a distribuir o pão que recebem do Mestre. Jesus pede para que os seus discípulos ajam, não fiquem parados, mas que tenham atitudes de responsabilidade para com o povo, para que, na prática, saibam quem é o mestre deles e assimilem em suas vidas a vida de Jesus.

Assim, a mensagem central dessa perícopes afirma que Jesus é o Pastor que cuida, alimenta e serve, e que o discipulado verdadeiro consiste em configurar-se a Ele, assumindo a missão como serviço e partilha, para que o Reino de Deus se realize concretamente na vida do povo. A busca pela identidade de Jesus, no evangelho de Marcos é característica dos doze, que presos ao nacionalismo, não conseguem enxergar a verdadeira identidade de seu Mestre, Jesus. Todavia, como Pastor, Jesus persiste e insiste naqueles que ele quis chamar, os exortando a todo momento e os convidando a enxergarem e se configurarem a sua imagem, a de Pastor.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pode-se concluir que a perícopes da multiplicação dos pães e peixes, em Mc 6,33-44, vai além de uma simples narração de um prodígio/milagre. Apresenta uma catequese decisiva sobre a identidade de Jesus e o sentido do discipulado, revelando-o o Bom Pastor que, movido por profunda compaixão, ensina, organiza, alimenta e serve o povo, ao mesmo tempo em que educa seus discípulos a abandonarem uma lógica de poder nacionalista, para assumirem a lógica do serviço, da partilha e da responsabilidade pastoral. Mostra que a missão confiada a eles consiste em colaborar com a ação salvadora de Jesus, que distribuindo o pão, para que todos, quer que todos sejam saciados e o Reino de Deus se realize de forma concreta e inclusiva na vida de todo o povo.

REFERÊNCIAS

BECK, T. et al. **Uma comunidade lê o Evangelho de Marcos**. Brasília: Edições CNBB, 2019.

BÍBLIA de Jerusalém. Nova edição revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.

BÍBLIA do Peregrino. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2017. Tradução: Ivo Storniolo; José Bortolini.

LENTZEN-DEIS, Fritzieu. **Comentário ao Evangelho de Marcos: modelo de nova evangelização**. 1. ed. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2003.

LIMA, Maria de Lourdes Corrêa. **Exegese bíblica: teoria e prática**. São Paulo: Paulinas, 2014.

MASCILONGO, Paolo. **Evangelhos sinóticos e Atos dos Apóstolos: crítica e interpretação**. Tradução de Francisco Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

MATÉOS, Juan, S. J.; CAMACHO, Fernando. **Marcos: texto e comentário**. Tradução de José Raimundo Vidigal. São Paulo: Paulus, 1998.

MYERS, Ched. **O Evangelho de São Marcos: crítica e interpretação**. Tradução de I. F. L. Ferreira; revisão H. Dalbosso. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

NOVO TESTAMENTO INTERLINEAR GREGO-PORTUGUÊS. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.

RAVASI, Gianfranco. **O alfabeto de Deus**. Tradução de Dom Hilário Moser. Aparecida: Editora Santuário, 2024.

SOARES, Raimundo et al. **Comentário do Evangelho de Marcos**. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

ENTRE O CUMPRIMENTO DOS MANDAMENTOS E O SEGUIMENTO DE JESUS: ESTUDO EXEGÉTICO DE MATEUS 19,16–22

Jackson Henrique Nobre de Melo²⁰
Francisco Cornélio Freire Rodrigues²¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar a perícope de Mateus 19,16-22, buscando compreender o diálogo entre Jesus e o jovem rico e suas implicações para o discipulado cristão. A análise considera o movimento interno da narrativa: a busca sincera pela vida eterna, o reconhecimento da observância da Lei, a exigência de desapego e o convite ao seguimento. O estudo aprofunda o significado da expressão “ser perfeito”, entendida como integridade de vida e coerência entre fé e prática. A convocação para vender os bens e dar aos pobres não é apresentada como punição ou heroísmo, mas como caminho de libertação do apego que impede a adesão total ao Reino. A tristeza do jovem ao afastar-se mostra o drama humano diante da escolha entre segurança material e entrega confiante, ilustrando a dificuldade de romper com concepções religiosas baseadas na retribuição e no acúmulo. Seguir Jesus implica reorientar prioridades, abandonar falsas seguranças e acolher a lógica do Reino, marcada pela gratuidade, partilha e liberdade. Conclui-se que Mateus 19,16-22 não apresenta apenas uma exigência moral, mas uma convocação radical à fé madura, que integra Lei, desapego e seguimento numa proposta de vida plena diante de Deus.

Palavras-Chave: Discipulado; Riqueza; Perfeição; Seguimento.

ABSTRACT

This study aims to analyze Matthew 19:16–22, seeking to understand the dialogue between Jesus and the rich young man and its implications for Christian discipleship. The analysis follows the internal development of the narrative: the sincere search for eternal life, the acknowledgment of obedience to the Law, the demand for detachment, and the invitation to follow Jesus. The study explores the meaning of the expression "to be perfect," interpreting it as integrity of life and coherence between faith and practice. The command to sell one's possessions and give to the poor is presented not as a punishment or an act of heroism, but as a path of liberation from the attachments that prevent complete commitment to the Kingdom of God. The young man's sadness as he walks away reveals the human struggle between material security and trusting surrender, illustrating the difficulty of abandoning religious conceptions based on reward and accumulation. Following Jesus requires a reordering of priorities, the renunciation of false securities, and the acceptance of the values of the Kingdom, characterized by generosity, sharing, and freedom. The study concludes that Matthew 19:16–22

²⁰ Bacharelado em Teologia no Centro Universitário UniCatólica do RN. Possui Licenciatura em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN.

²¹ Professor de Teologia no Centro Universitário UniCatólica do RN. Possui mestrado em Teologia Bíblica pela Pontificia Università San Tommaso D'Aquino – Angelicum (Roma).

presents not merely a moral demand, but a radical call to mature faith, integrating the observance of the Law, detachment, and discipleship into a proposal for fullness of life before God.

Keywords: Discipleship; Wealth; Perfection; Following Jesus.

1 INTRODUÇÃO

O Evangelho de Mateus apresenta Jesus como o Mestre que ensina o caminho da justiça e da perfeição. Nesse sentido, o episódio do jovem rico – Mt 19,16-22 – é uma lição sobre o discipulado, mostrando que seguir Cristo vai além do simples cumprimento dos mandamentos. É necessário dar um passo adiante: viver o amor em sua totalidade, partilhar com os outros e colocar Deus acima de tudo. O diálogo entre Jesus e o jovem mostra que a verdadeira conversão não se limita a práticas externas, mas nasce da transformação interior.

2 OPERAÇÕES PRELIMINARES

A perícopre escolhida se encontra em meio a uma sequência de perícopes do Evangelho de Mateus (Mt), na qual transcorre em uma mesma intensidade de sentido. Assim podemos perceber a forma em que ela se encontra no capítulo 19 quando “começa agora uma nova fase do ministério de Jesus e, por consequência, da formação dos discípulos-apóstolos (cf. Mt 19-23)” (Vitório, 2019, p.197).

O episódio traz consigo temas centrais da teologia mateana, como a justiça superior exigida aos discípulos, a relação entre a Lei e o seguimento de Cristo, e o verdadeiro sentido da perfeição cristã. Nesse sentido, a forma estrutural detalhada da passagem, se organiza em três partes distintas, unificadas pelos temas da riqueza e da vida eterna.

Mateus adapta uma tradição comum aos sinóticos, conferindo-lhe particularidades teológicas próprias. O evangelista ressalta, mais do que os outros, o aspecto da perfeição e o chamado ao seguimento de Cristo como expressão do verdadeiro cumprimento da Lei. Carter destaca que Mateus dedica outras seções do mesmo capítulo à discussão da Lei e de seu cumprimento, mostrando como sua comunidade se vê como herdeira legítima da tradição judaica:

Mt 19,3-12 e 19,16-22 constituem mais duas seções sobre a Lei. A correta compreensão e interpretação, a correta aplicação e o cumprimento da Lei são temas cruciais para Mateus. É aspecto importantíssimo que, na opinião dele, diferencia o judaísmo mateano de outras opções da época do segundo Templo. Sua comunidade é a forma de judaísmo que entende e cumpre perfeitamente a Lei. A comunidade mateana “cumpre a Lei (cf. 5,17) [...]” (Carter, 2002, p. 303-304).

Abaixo podemos analisar como a perícopes está estruturada e como ela oferece um entendimento mais compreensível.

- v.16 - Introdução: Pergunta sobre a vida eterna;
- v.17-19 - Primeira resposta de Jesus: a observância dos mandamentos;
- v.20-21 - O segundo pedido e o convite de Jesus à perfeição;
- v.22 - Conclusão: a reação do jovem.

Como se observa acima, a perícopes apresenta três fases bem definidas. A primeira é introdutória marcada pelo questionamento do jovem, que expressa seu desejo de compreender o caminho para alcançar a vida eterna e assim introduz o contexto do diálogo. Em seguida, ocorre a resposta de Jesus, que inclui também um convite/pedido para ir além do cumprimento da Lei e aderir plenamente ao seguimento do Mestre. Por fim, a terceira fase é conclusiva, quando o jovem ao ouvir as palavras de Jesus, retira-se entristecido, encerrando a narrativa e revelando a dificuldade de renunciar aos bens materiais para segui-lo.

2.1 Tradução²²

¹⁶Aí alguém se aproximou dele e disse: “Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?” ¹⁷Respondeu: “Por que me perguntas sobre o que é bom? O Bom é um só. Mas se queres entrar para a Vida, guarda os mandamentos”. ¹⁸Ele perguntou-lhe: “Quais?” Jesus respondeu: “Estes: Não matarás, não adulterarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho; ¹⁹honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo”. ²⁰Disse-lhe então o moço: “Tudo isso tenho guardado. Que me falta ainda?” ²¹Jesus lhe respondeu: “Se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me”. ²²O moço ouvindo essa palavra, saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens.

²² Para este trabalho, utilizamos a tradução da Bíblia de Jerusalém, da editora Paulus. Ela foi escolhida por sua clareza e precisão no estudo bíblico. A perícopes de Mateus 19,16-22 segue essa versão.

3 EXEGESE DO TEXTO

v.16: *Aí alguém se aproximou dele e disse: “Mestre, que farei de bom para ter a vida eterna?”*

O jovem rico busca em Jesus não apenas um mestre entre tantos, mas alguém que possa lhe revelar a chave para alcançar a vida eterna. Sua pergunta revela uma mentalidade religiosa que se orienta por meio de uma lógica da retribuição. Dessa forma: “O jovem é rico e quer mais, quer, também, a vida eterna: qual o bem que preciso fazer para ter, em retribuição, a vida eterna? É para isso que existem os mestres, para ensinar as receitas da salvação” (Gallazi, 2013, p. 386). Essa perspectiva ressalta uma compreensão de salvação fundamentada na ação humana, no acúmulo de méritos.

Essa atitude tomada por alguém que se aproxima de Jesus com respeito e interesse sincero, na qual ele o chama de “Mestre”, reconhece a sua autoridade moral e espiritual. Percebemos algo além disso:

Na versão mais primitiva, a pessoa que se aproximou de Jesus e perguntou o que devia fazer para herdar a vida eterna, começou por chamar Jesus de “Bom Mestre” (Mc 10,17 // Lc 18,18). Em Mateus, Jesus é chamado simplesmente de “Mestre”. Mateus usou a palavra “bom” (agathon) para modificar os atos que devem ser praticados com a finalidade de se herdar a vida eterna [...] (Overman, 1999, p.309).

Ao omitir o adjetivo “bom” aplicado diretamente a Jesus, Mateus distrai do foco qualificativo da pessoa de Jesus para a qualidade das ações necessárias para alcançar a vida eterna. Isso reforça a pedagogia mateana, que procura conduzir a uma compreensão mais profunda sobre a verdadeira fonte da bondade, que é Deus, como será explicitado no versículo seguinte. Assim, o evangelista não nega a bondade de Jesus, mas insere a narrativa num horizonte onde a resposta à busca pela vida eterna não se limita ao reconhecimento de um mestre, por mais competente que seja, mas exige uma conversão concreta, que passa por discernir e praticar o bem conforme a vontade divina.

v. 17: *Respondeu: “por que me perguntas sobre o que é bom? O bom é um só. Mas se queres entrar para a vida, guarda os mandamentos”.*

Ao analisar a resposta de Jesus à inquietação do jovem, percebe-se uma estratégia pedagógica que desvia a discussão da lógica puramente moralista para uma esfera teológica mais profunda. Jesus, ao ser questionado sobre o “bem” necessário para herdar a vida eterna, responde com uma aparente tensão lógica, direcionando o olhar do interlocutor para Deus como única fonte de bondade, assim como observa Vitório:

A resposta de Jesus começa um tanto desajeitada. A pergunta gira em torno das boas ações, o que é “bom”, e ele declara que “um só é Bom” (v.17). O ouvinte sabe tratar-se de Deus. A indicação da prática dos mandamentos, correspondentes ao projeto de vida querido por Deus para a humanidade, faz resposta adequar-se à pergunta (Vitório, 2019, p.202).

O convite para guardar os mandamentos indica continuidade com a tradição judaica, porém, a resposta não esgota a questão, abrindo espaço para um aprofundamento sobre a interioridade da fé e o seguimento pessoal. “Falar em mandamentos é ainda muito amplo, dá chance às dúvidas. O rico quer ter certeza, a receita deve ser clara: quais mandamentos?” (Gallazi, 2013, p.386). Nesse sentido, o diálogo revela a busca do jovem por segurança e por um caminho definido que lhe garanta a vida eterna, o que mostra também a limitação de uma religiosidade baseada em regras externas, que precisa evoluir para uma relação pessoal com a vontade de Deus, como será proposto na sequência por Jesus.

É nesse sentido que Jesus o provoca a ir além do cumprimento formal da lei, questionando as verdadeiras bases de sua confiança. Como bem afirma Fausti: “[...] Jesus o situa: o seu Deus é Deus, o único bom, ou mamona (6,24)? Deus é bom porque é amor humilde e serviçal, que dá a vida. Mamona é o ídolo do egoísmo, arrogante e escravizante, que dá a morte” (Fausti, 2019, p.476).

vv. 18 e 19: *Ele perguntou-lhe: “quais?” Jesus respondeu: “estes: não matarás, não adulterarás, não roubarás, não levantarás falso testemunho; honra teu pai e tua mãe, e amarás o teu próximo como a ti mesmo”.*

Jesus faz uma ligação aos mandamentos centrais da Lei mosaica, especialmente àqueles que tratam das relações interpessoais. Sua resposta se contextualiza no conjunto normativo presente no Antigo Testamento. Ao mencionar os mandamentos, Jesus não segue os preceitos rituais, mas mostra aqueles que convivem de forma justas e amorosa entre os seres humanos. Assim, neste decálogo percebe-se:

A Pessoa dá ares de desentendida, necessitando que Jesus elenque alguns dos dez mandamentos relativos ao trato com o semelhante para lhe refrescar a memória, embora o "amor ao próximo como a si mesmo" não faça parte do Decálogo (v. 18-19; cf. Ex 20,12-16; Dt 5,16-20; Lv 19,18) (Vitório, 2019, p. 202).

Dessa forma: “Ao elencar os mandamentos, Mateus insere a citação de Lv 19,18, relativa ao amor com o próximo, que será posteriormente retomada de forma mais ampla em 22,29. Enfim, está ausente a observação de Marcos sobre o olhar amoroso de Jesus para com o jovem” (Mascilongo, Landi, 2022, p. 159). A inclusão desse mandamento de Lv 19,18 mostra a intenção de Jesus em consolidar o amor como síntese e plenitude da Lei, ampliando seu alcance para além da mera observância legal.

v.20: *Disse-lhe então o moço: “tudo isso tenho guardado. que me falta ainda?”*

Neste v. 20, “O jovem questiona o mestre. Ele não respondeu. O mestre só disse o que todos os demais mestres já disseram: “Eu já venho fazendo isso.” Não basta. O que ainda falta? (Gallazi, 2013, p.388). Ao afirmar que tem observado todos os mandamentos, ele demonstra uma vida exemplar aos olhos da tradição judaica. No entanto, sua pergunta revela que ele percebe um vazio interior, ou seja, uma inquietação que nem o cumprimento da Lei foi capaz de saciar. Essa constatação de Vitório, ilumina a ironia presente no versículo:

A pessoa responde com segurança ter "praticado todas essas coisas", donde lhe vinha a certeza de estar fazendo coisas boas que lhe garantiriam a obtenção da vida eterna, sua grande preocupação (v. 20). A pergunta "O que me falta ainda?" Esconde a certeza de estar em dia com Deus e, por isso, ser merecedor da vida eterna” (Vitório, 2019, p.202).

Contudo, o jovem ainda não percebe que o que lhe falta não é algo a fazer, mas alguém a seguir. Sua segurança no cumprimento da Lei com Deus pode está correta, porém, pode-se transformar em um obstáculo para a novidade do Reino. É exatamente essa lacuna entre o cumprimento da Lei e viver o discipulado, que Jesus está preste a se revelar, chamando-o a uma conversão, como também, a abertura de confiança, desapego e entrega total.

v.21: *Jesus lhe respondeu: “se queres ser perfeito, vai, vende o que possuis e dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus. Depois, vem e segue-me”.*

Jesus responde à inquietação do jovem como um convite radical e definitivo, a fim de se alcançar a perfeição:

Em 19,21, Mateus coloca a "perfeição" como objetivo mateano alcançável. É também adição à narrativa anterior de Mateus, que usou a mesma palavra para concluir uma passagem do ensinamento de Jesus no sermão da montanha (5,48). A palavra usada aqui, *teleios*²³, sugere algo semelhante a "integridade" ou "realização", como sugerem os cognatos dela, o elemento de composição "telo" ou o adjetivo "teleológico". Mateus acreditava que uma determinada atitude e uma série de ações eram necessárias para seus membros. Para ele, ações e atitudes eram indivisíveis. Era preciso seguir os dez mandamentos. "Não será omitido um só i, uma só vírgula da Lei" (cf. 5,18) [...] (Overman, 1999, p.310).

A partir dessa observação, fica evidente que Mateus não compreende a perfeição como uma utopia espiritual, mas como um chamado concreto à integridade moral e existencial, fundamentada no cumprimento da Lei e aprofundada no seguimento de Jesus. Ao usar o termo *teleios*, o evangelista estabelece uma continuidade entre o ensinamento de Jesus e a prática da vida dos discípulos.

O pedido de Jesus para que o jovem venda seus bens e os dê aos pobres não é uma exigência isolada, mas a expressão concreta da perfeição. Desapegar-se das riquezas materiais e compartilhá-las com os necessitados é a forma mais radical de viver o amor como dom. A doação aos pobres não aparece como um gesto opcional, mas como um sinal visível de que o discípulo entendeu que tudo o que tem e é vem de Deus e se destina ao bem comum.

Gallazi compreende que "quem acumula riqueza torna-se escravo do egoísmo e faz os pobres escravos da miséria. Enquanto houver ricos e pobres, não haverá casa, não haverá vida, quanto menos a vida eterna" (Gallazi, 2013, p. 389). Nesse cenário, o convite de Jesus a doar aos pobres não é apenas uma ética de generosidade pessoal, mas uma proposta de transformação social, que visa fazer transformar uma comunidade de vida e igualdade onde todos possam experimentar o Reino de Deus já neste mundo, assim:

O desafio de Jesus exigia dele pensar a relação com Deus de forma totalmente distinta. Renunciar à riqueza e abraçar a pobreza exigiriam dele apresentar-se na sociedade com os sinais externos da maldição divina, pois a pobreza, diferentemente da riqueza-bênção, evocava castigo divino por eventuais faltas cometidas. Sem uma profunda conversão da imagem de Deus, a proposta de Jesus seria inimaginável.

²³ τέλειος, α, ov perfeito (Mt 5.48); perfeito, genuíno (1Jo 4.18); completo (Tg 1.4); maduro (Ef 4.13); adulto (Hb 5.14); τελειότερος mais perfeito (Hb 9.11) (Wilson, 2018, p. 198).

Pensar o binômio pobreza-bênção significava uma revolução nas estruturas religiosas daquele jovem. Por outro lado, renunciar à segurança da posse dos bens e se lançar na aventura de ser anunciador do Reino nos passos do Messias Jesus (cf. Mt 8,20) era demasiado para aquela figura acostumada com uma religião confinada nos limites da prática de mandamentos, como pregavam os doutores da Lei e os fariseus. (Vítório, 2019, p. 203).

Assim, Jesus chama o jovem a uma fé madura, que supera a mera observância da Lei e abraça o Reino. É nesse contexto que se compreende a promessa “E terás um tesouro no céu.” (Mt 19,21) a qual se completa com o chamado ao seguimento: “Quem se faz irmão vem em direção ao Filho. É preciso afastar de si aquilo que afasta do Deus da vida” (Fausti, 2019, p.477). Esse é o verdadeiro tesouro: uma vida sintonizada com Deus e com os irmãos, libertando dos ídolos que escravizam.

v.22: *O moço ouvindo essa palavra, saiu pesaroso, pois era possuidor de muitos bens.*

O desfecho do diálogo revela de forma contundente o drama espiritual do discipulado. Diante do chamado radical de Jesus, “O jovem, tendo ouvido a palavra, afasta-se entristecido. Ele tinha muitas propriedades e queria, também, a vida eterna. Para os demais mestres, ter riquezas já era meio caminho andado, já era sinal de estar no caminho certo.” (Gallazi, 2013, p. 389). Isso desvela-se uma incapacidade de renunciar às riquezas que o aprisionam.

Sua tristeza não deriva apenas da renúncia pedida, mas do rompimento de suas certezas. Aquilo que ele considerava sinal de fidelidade a Deus, Jesus denuncia como obstáculo. Assim, o jovem se vê diante do chamado à liberdade, mas não consegue abandonar o ídolo que moldou sua fé.

[...] qual a causa verdadeira da tristeza do jovem? Simplesmente pela exigência de abrir mão de todos os seus bens? O motivo é mais profundo. A posse de “muitos bens” era sinal inequívoco da bênção divina como retribuição por sua fidelidade religiosa, demonstrada pela prática dos mandamentos com toda sinceridade. Quanto mais riqueza possuísse, tanto mais seguro estaria de trilhar os caminhos queridos por Deus rumo à vida eterna (Vitorio, 2019, p. 203).

A tristeza do jovem revela uma crise mais profunda que a simples perda de bens. Ela parte de sua visão religiosa, que via a riqueza como sinal da bênção de Deus, e o chamado exigente de Jesus que exige total confiança no Pai. Ao ser convidado a renunciar a isso, ele se vê diante da desconstrução de suas capacidades, incapaz de entregar-se totalmente ao Evangelho.

O jovem não recusou apenas um pedido de desapego material, mas toda uma forma nova de se relacionar com Deus, ele não estava preparado para ver a pobreza como sinal de fé, nem para abandonar a segurança de sua riqueza, entendida como bênção divina. Jesus o chama a uma verdadeira conversão, que exige trocar a lógica da posse pela confiança total em Deus.

4 MENSAGEM TEOLÓGICA

A perícopes de Mateus 19,16-22 revela a essência do discipulado cristão e evidencia com profundidade a busca incessante pela vida eterna.

Está em jogo a teologia da retribuição ou, melhor, toda a teologia. Um jovem rico um rico bom ou, também, um jovem bom abençoado com as riquezas. Dá na mesma pela teologia da retribuição, ser bom e ser rico acabam sendo sinônimos. Assim como ser pobre e ser pecador. É a teologia do bem-estar, tão difundida nos dias de hoje (Gallazi, 2013, p. 386).

O jovem que se aproxima de Jesus representa todo aquele que, mesmo cumprindo a Lei e vivendo uma religião sincera, reconhece uma falta interior que a simples observância de preceitos não consegue preencher. Essa inquietação revela que a vida eterna não é alcançada por meio do acúmulo de obras, mas por uma relação viva e transformadora com Deus.

Ao pedir que o jovem venda seus bens e os dê aos pobres, Jesus toca na parte mais sensível do discipulado: o apego. As riquezas aparecem como símbolo das seguranças humanas que impedem o coração de ser totalmente de Deus, pois representam tudo aquilo em que a pessoa deposita sua confiança, sua identidade e sua estabilidade. A renúncia ao sucesso e posição terrenos era algo com que os judeus mateanos teriam de aprender a conviver. Somente quem se despe da autossuficiência é capaz de acolher o Reino.

O convite “Vem e segue-me” Mt 19,21, é o ponto culminante da narrativa. Mais do que abandonar bens, o jovem é chamado a assumir uma nova forma de viver, marcada pela proximidade com Jesus. O discipulado é apresentado como caminho de relação, e não como simples prática de sua fé. Jesus se coloca como caminho para a vida eterna, seguir o Mestre significa reorientar a própria existência a partir da sua vida, suas escolhas e sua missão.

A tristeza do jovem ao afastar-se revela o drama da liberdade humana diante do chamado exigente do Evangelho. Ele reconhece a verdade do convite de Jesus, mas permanece prisioneiro

daquilo que possui. Essa reação mostra que a vida eterna não se perde apenas pela falta de fé, mas também pela incapacidade de deixar-se transformar.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo mostrou que Jesus conduz o jovem a um processo de continuidade, revelando que o cumprimento dos mandamentos é fundamento, mas não o ápice do discipulado. Ao fazer o convite para vender os bens e distribuí-los aos pobres, Jesus apresenta o desapego como condição de liberdade interior e expressão de amor concreto ao próximo, atitude que ultrapassa a ética e se projeta como exigência espiritual. A verdadeira perfeição, consiste na capacidade de integrar fé e prática com um compromisso social.

A tristeza do jovem ilustra o drama humano diante do chamado divino. Sua incapacidade de romper com as seguranças materiais demonstra que os bens se tornam obstáculos ao seguimento. O discipulado exige coragem para abandonar aquilo que aprisiona e impede o coração de ser plenamente livre para Deus. A tristeza final não representa apenas a recusa do jovem, mas o conflito permanente entre desejo e decisão que marca a vida espiritual.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. Bíblia de Jerusalém. Tradução de Euclides Martins Balancin et al. São Paulo: Paulus, 2002.

CARTER, Warren. O Evangelho de São Mateus. São Paulo: Paulus, 2002. 712 p. (Série grande comentário bíblico).

FAUSTI, Silvano. Uma comunidade lê o Evangelho de Mateus. Brasília: edições CNBB, 2019.

GALLAZI, Sandro. O evangelho de Mateus: uma nova leitura a partir dos pequenos. São Paulo: Santuário, 2013.

MASCILONGO, P.; LANDI, A. Evangelhos Sinóticos e Atos dos Apóstolos. [s.l.] Editora Vozes, 2022.

OVERMAN, J. Andrew. Igreja e Comunidade em Crise - O Evangelho Segundo Mateus. São Paulo: Paulinas, 1999.

SCHOLZ, Vilson. Dicionário grego-português do Novo Testamento. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.

VITÓRIO, Jaldemir. Lendo o Evangelho segundo Mateus: o caminho do discipulado do Reino [livro eletrônico]. São Paulo: Paulus, 2019.

ST 2: RELIGIÃO, FÉ, POLÍTICA E PROFETISMO

Prof. Me. Ricardo Rubens Fernandes Carvalho²⁴
(UniCatólica do RN)

As comunicações desta Sessão Temática exploram as múltiplas interfaces entre religião, fé, política e profetismo, evidenciando como a experiência religiosa continua a dialogar criticamente com as questões sociais, culturais e éticas da contemporaneidade. Os estudos apresentados abordam diferentes contextos e perspectivas teológicas, revelando a força transformadora da fé quando assumida como compromisso com a justiça, a dignidade humana e a construção do bem comum. Em seu conjunto, os trabalhos reafirmam o caráter crítico e profético da reflexão teológica diante dos desafios do mundo atual.

Palavras-Chave: Fé e Política; Profetismo; Transformação social.

²⁴ Possui graduação em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte – FCRN (2018). Mestre em Teologia Sistemática pela UNICAP (2021). Atualmente é docente da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte, com ênfase em Teologia Sistemática; atuando principalmente nos seguintes temas: Esperança Cristã, Fenômeno da Morte, Liturgia, Homilética, Mariologia, Trindade, Missão Cristã, Dogmas, Eclesiologia e Pastoral.

INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA ENTRE AS LIDERANÇAS RELIGIOSAS MOISÉS E ANTÔNIO CONSELHEIRO

Rosana Nogueira Fernandes de Queiroz²⁵

Patrícia Gurgel Medeiros Gastão²⁶

Márcio Bezerra dos Santos²⁷

RESUMO

Na expressão da fé, assim como nas questões sociais, é natural a revelação de lideranças, que conduzem os fiéis a buscar vida em abundância, realidade repetida inúmeras vezes na catequese da história humana. Com o foco nessa relação comparativa entre autoridades religiosas, este trabalho tem como objetivo geral analisar a intertextualidade bíblica entre a vida de Moisés, conforme a bíblia e a de Antônio Conselheiro com base nos escritos de José Carlos de Ataliba Nogueira (1978). E objetivos específicos: verificar a influência das lideranças religiosas estudadas na busca da vida em abundância para o povo de Deus; O comportamento do povo que se deixa guiar por um homem de fé e a expectativa da terra para se viver junto de Deus. Para alcançar o propósito, foi realizada, uma pesquisa bibliográfica, que consiste na revisão de literatura relacionada a intertextualidade na teoria literária e nos estudos bíblicos e sobre a vida de Moisés e a vida de Antônio Vicente Mendes Maciel. A pesquisa foi feita a partir de materiais já publicados, constituída principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses e internet. Diante da intertextualidade Bíblica entre as lideranças religiosas, constatou-se que Moisés e Antônio, foram vistos como profetas, intérpretes da vontade divina e líderes sagrados. Ambos assumiram a missão libertadora de levar o povo fiel à “Terra Prometida”. Foram sinal de esperança de um mundo mais justo. As semelhanças entre eles reforçam o poder da liderança carismática em contextos de crise e opressão.

Palavras-Chave: Intertextualidade bíblica; Moisés; Canudos; Antônio Conselheiro; liderança religiosa.

ABSTRACT

This study aims to analyze the biblical intertextuality between the life of Moses, as presented in the Bible, and that of Antônio Conselheiro, based on the writings of José Carlos de Ataliba Nogueira (1978). It explores the comparative relationship between these two religious leaders, considering how

²⁵ Mestre em Manejo de Solo e Água (UFERSA)/ Especialista em Engenharia de Segurança do Trabalho (UFRN), discente da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. E-mail: rosana.queiroz@catolicadorn.com.br.

²⁶ Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), licenciada em História pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Bacharel em Teologia pela Faculdade Diocesana de Mossoró (FDM) e Docente da UniCatólica do Rio Grande do Norte. E-mail: pat.gastao@gmail.com

²⁷ Mestre em Teologia Sistemática pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Graduado em Filosofia pela Faculdade Católica de Fortaleza (FCF), em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Professor e coordenador do curso de Teologia da UniCatólica do Rio Grande do Norte. E-mail: fcomarciofni@hotmail.com

leadership emerges both in the expression of faith and in social contexts, guiding people in their search for abundant life. Specifically, the research examines the influence of these religious leaders on the pursuit of fullness of life for the people of God, as well as the response of communities that follow a man of faith and their hope for a land where they may live in communion with God. The study is based on a bibliographical review of literature on intertextuality in literary theory and biblical studies, as well as works concerning the lives of Moses and Antônio Vicente Mendes Maciel. The research draws upon previously published sources, including books, journals, scientific articles, newspapers, bulletins, monographs, dissertations, theses, and online materials. The findings indicate that both Moses and Antônio Conselheiro were regarded as prophets, interpreters of the divine will, and sacred leaders. Each embraced a liberating mission, leading the faithful toward the "Promised Land" and becoming a sign of hope for a more just society. The similarities between these two figures reinforce the enduring significance of charismatic leadership in contexts of crisis and oppression.

Keywords: Biblical Intertextuality; Moses; Canudos; Antônio Conselheiro; Religious Leadership.

1 INTRODUÇÃO

A busca pelo caminho da salvação permeia a vida humana, sendo a causadora de conflitos interpessoais, e consequentemente, fazendo emergir relacionamentos diversificados. Essas relações religiosas geram efeitos, e alguns repercutem no universo social.

O que se observa é que as questões sociais relatadas na Bíblia são realidades contemporâneas que se misturam com a fé das pessoas. Na expressão da fé, assim como nas questões sociais, é natural o despontamento de lideranças que com base em uma relação espiritual conduzem os fiéis a buscar vida em abundância, realidade repetida inúmeras vezes na catequese da história humana. Nesse caminho de fé se dá a busca por melhores condições sociais, através do amparo mútuo, da solidariedade, da convivência harmoniosa e partilha de alimentos, para que todos realmente tenham vida, não só espiritual, mas também no que se trata ao sustento material.

Com o foco nessa relação comparativa entre lideranças religiosas, este trabalho tem como objetivo geral analisar a intertextualidade bíblica entre a vida de Moisés, conforme a Bíblia e a de Antônio Conselheiro com base nos escritos de José Carlos de Ataliba Nogueira (1978). E como objetivos específicos: verificar a influência das lideranças religiosas estudadas na busca da vida em abundância para o povo de Deus; O comportamento do povo que se deixa guiar por um homem de fé e a expectativa de uma terra para se viver junto de Deus.

Para tanto foi realizado de forma qualitativa, uma pesquisa bibliográfica, que consiste na revisão de literatura relacionada a intertextualidade na teoria literária, nos estudos bíblicos e sobre a

vida de Moisés e a vida de Antônio Vicente Mendes Maciel, conhecido como Antônio Conselheiro. A pesquisa foi feita a partir de materiais já publicados, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses e internet.

A fim de cumprir o objetivo comparatista, este trabalho inicia com a compreensão dos instrumentos usados, isto é, a intertextualidade e a Literatura Comparada, através de Schmidt *et al.* (2021), Vigner (1979), Kristeva (2005), Koch (2005) e Oliveira (2010). Em seguida se faz um estudo sobre a vida de Moisés, conforme a Bíblia, e a de Antônio Conselheiro através de autores como: Nogueira (1978), Moniz (1982), Olivieri (1998), Montenegro (2004), Câmara (2015), Cavalcante & Moura (2018) e Andrade (2016).

2 CONCEPÇÃO DE INTERTEXTUALIDADE BÍBLICA

Como o objetivo de estabelecer relações de sentido a partir do diálogo entre textos, é de fundamental importância uma melhor compreensão sobre o que venha a ser intertextualidade e literatura comparada. De forma simples, é possível afirmar que intertextualidade trata de um texto formado por um conjunto de enunciados, tomados de outros textos, que se cruzam e se relacionam (Kristeva, 2005). Essa expressão intertextualidade foi desenvolvida nos anos 60, por Júlia Kristeva, uma teórica e filósofa francesa.

Por sua vez, analisando a expressão “Literatura Comparada”, à primeira vista, este termo parece sugerir uma compreensão reducionista dessa área de investigação. No entanto, para Schmidt *et al.* (2021), trata-se de um campo dos estudos literários que se dedica à análise comparativa entre duas ou mais tradições literárias, buscando identificar tanto os pontos de convergência quanto às divergências entre elas. Essa abordagem permite o desenvolvimento de novas perspectivas interpretativas e favorece a produção de análises críticas mais consistentes e aprofundadas sobre o fenômeno literário.

Em sentido restrito a intertextualidade, é considerada por Koch (2005) a relação de um texto com outros textos previamente existentes, isto é, efetivamente produzidos. Por sua vez Vigner (1979) afirma a importância do fenômeno da intertextualidade como fator essencial da legibilidade do texto literário, e a seu ver, de todos os outros textos. O texto não é mais considerado só nas suas relações com um referente extratextual, mas primeiro na relação estabelecida com os outros textos.

Em sua tese, Oliveira (2010) expressa a classificação feita por Koch (2005), em que intertextualidade pode se manifestar de forma interna e externa, além de ser explícita ou implícita. A intertextualidade explícita ocorre quando a fonte original é claramente indicada no novo texto, por meio de citações ou referências diretas. Já a intertextualidade implícita se caracteriza pela ausência de uma citação formal da fonte, mas se revela por meio de alusão, paródia, ironia ou paráfrase, permitindo ao leitor perceber de maneira sutil com qual texto o autor está dialogando.

Conforme Oliveira (2010) os estudiosos do antigo testamento aplicam de várias formas a teoria intertextual:

Traçando um Panorama da aplicação da intertextualidade. Esteve Moyse classificou cinco tipos mais utilizados de intertextualidade: eco intertextual; intertextualidade narrativa; intertextualidade exegetica; intertextualidade dialógica e intertextualidade pós-moderna. O eco intertextual é a utilização, inconsistente, de uma citação ou alusão entre dois ou mais textos. A intertextualidade narrativa é definida como "o contar uma nova história (ou escrever um novo texto) usando seus próprios argumentos, mas, ao mesmo tempo, recontar e recordar a tradição, incluindo elementos de transformação. A intertextualidade exegetica é marcada por uma detalhada atividade exegetica feita entre os textos a fim de provar determinado argumento. A intertextualidade dialógica é uma mútua influência entre textos que acontecem em dois caminhos: no novo texto afetando o antigo e o antigo afetando o novo. E a intertextualidade pós-moderna é a percepção e a determinação do significado do texto através do complexo de intenções e ideologias que a tornam possível.

Verifica-se que o estudo realizado se firmou na intertextualidade, explícita, exegetica e narrativa, com uma abordagem comparativa. Para tanto, diante das ideias que serão explicadas, na seção subsequente, foi realizada uma análise comparativa entre a vida de Moisés segundo a Bíblia Sagrada e a vida Antônio Conselheiro segundo José Carlos de Ataliba Nogueira, buscando relações explícitas e implícitas que um texto mantém com outro nos seus diversos aspectos e verificando a influência Bíblica e especificamente de Moisés na vida de Conselheiro. Seguindo-se pela apresentação de semelhanças e diferenças dos personagens, expressões, relação com Deus, dentre outros.

3 DESCRIÇÃO DOS LÍDERES RELIGIOSOS EM ESTUDO: MOISÉS E ANTÔNIO CONSELHEIRO

O estudo realizado trata de dois líderes religiosos, Moisés e Antônio Conselheiro, o primeiro é a referência bíblica de comportamento pautado em uma relação íntima com Deus e foi sensível a necessidade de um povo que vivia sob o jugo do Faraó. O segundo, teve Moisés como fonte de inspiração e foi sensível a necessidade de um povo que vivia sob o jugo dos coronéis e das instituições políticas da época.

2.1 Moisés

Moisés foi um líder religioso, juiz, legislador e profeta reconhecido no Judaísmo, Cristianismo e Islamismo. Conforme a narrativa bíblica (Êxodo – Deuteronômio), é o grande instrumento de Deus para a libertação dos hebreus das mãos do faraó, tornando-se verdadeiro líder à frente do povo na épica travessia do Mar Vermelho e na busca pela Terra Prometida. A Moisés é atribuída a autoria da Torá, conforme texto introdutório da Bíblia Paulinas (2023, p. 16.). O judaísmo rabínico situou sua vida entre os anos 1391-1271 a.C, tendo vivido em torno de 120 anos. (Telushkin, 1991).

2.1.1 Contexto Histórico

Moisés nasce em um período crítico, quando os israelitas estavam sob escravidão no Egito. A Bíblia relata que o povo de Israel cresceu consideravelmente em número e poder. Temendo o crescimento dos hebreus que em caso de guerra combatesse contra eles para depois sair do país, o faraó decretou um regime de trabalho forçado e severa opressão, além de uma política Rigorosa de controle de natalidade, conforme consta nos versículos 11 a 14, do primeiro capítulo, do Livro do Êxodo. Conforme tal política, os bebês israelitas Do sexo masculino deveriam ser lançados no Rio Nilo, como uma tentativa de reduzir a população masculina e enfraquecer o povo de Israel. Esse ambiente de opressão e medo é o cenário em que Moisés nasce, e sua sobrevivência representa um ato de resistência contra esse decreto.

Moisés é filho de Joquebede e Amram, ambos da tribo de Levi (Êxodo 2:1-2). Diante do decreto do faraó, sua mãe o escondeu por três meses. Para protegê-lo, ela coloca o bebê em um cesto

de junco e o deixa à deriva no rio Nilo (Êxodo 2:3), a filha do Faraó que se banhava nas águas o encontra e entrega aos cuidados de uma mulher israelita, que neste caso foi a mãe biológica. Quando o menino cresceu, ela o entregou à filha de Faraó, a qual o adotou e lhe pôs o nome de Moisés, dizendo: "Eu o tirei das águas."

Essa adoção é um ponto crucial, pois coloca Moisés em uma posição única: ele recebe uma educação egípcia e vive na corte do faraó, mas mantém suas raízes no povo oprimido, considerando que por ser criado inicialmente por sua mãe, foi gerado o vínculo afetivo com sua ascendência israelita, tendo conhecimento de sua fé e costumes.

2.3 Antônio Conselheiro

Assim como Moisés, Antônio Conselheiro seguiu junto ao povo que se encontrava sem perspectivas de vida, em busca de uma nova terra, a "Cidade de Deus" (MONTENEGRO, 2004, p.19) onde jorraria leite e mel, paz e abundância. Desde a infância, tanto Moisés quanto Antônio, viveram situações que os prepararam para as missões que os aguardavam. Conduziram verdadeiras peregrinações em meio ao deserto e as caatingas, enfrentando resistências e rejeição dos poderes políticos e militares. Assim como Moisés, Conselheiro foi o legislador que trouxe as leis que formaram a base da moral e da vida religiosa do povo de Belo Monte.

2.3.1 Vida alicerçada na resignação

Antônio Vicente Mendes Maciel, que se tornou conhecido como Antônio Conselheiro, nasceu em Quixeramobim, na então província do Ceará, provavelmente nos idos de 1828, filho de Vicente Mendes Maciel e Maria Chana (Maria Joaquina de Jesus). Ficou órfão de mãe quando tinha seis ou sete anos, tinha duas irmãs, e do segundo casamento de seu pai, também mais duas irmãs. (Moniz, 1982).

Aprendeu a ler e a escrever com um amigo da família, depois passou a estudar na escola de um renomado educador da região, professor Antônio Ferreira Nobre, onde aprendeu latim, francês, português, aritmética e geografia, foi um aluno estudioso e perspicaz, se destacando dos demais (Olivieri, 1998).

Aos vinte e sete anos ficou órfão de pai. Com sua morte do seu genitor, passa a ser o chefe da família e toma para si os cuidados com suas irmãs. Assume o comércio do seu pai, que também foi construtor, de onde aprendeu esse ofício que mais adiante lhe seria bastante útil. (Moniz, 1982).

Casou-se com Brasilina Laurentina de Lima, venderam a casa onde moravam e mudaram-se para uma fazenda onde começou a dar aulas de português, geografia e aritmética (Olivieri, 1998). Diante dos conhecimentos obtidos nos seus estudos, assumiu o exercício de escrivão de juiz de paz, depois tornou-se solicitador (incumbido de conduzir as petições ao Poder Judiciário) e rábula (advogado sem diploma). Havia construído um brilhante caminho profissional, quando sofreu um grande infortúnio. Foi traído pela mulher, que fugiu com outro homem. (Olivieri, 1998) .

Diante de tamanho rebaixamento moral, amargurado, partiu vagueando sem destino. Existe uma hipótese que ele, dominado pelo ódio, passou a procurá-la, juntamente com aquele que a seduziu, com instinto de vingança. A outra hipótese é de que ela foi abandonada pelo seu amante, passou a viver na miséria em Sobral e ele sabia onde ela se encontrava, podendo agir de acordo com os sentimentos que o reprimiam. (Moniz, 1982).

Suas andanças pelos sertões, por diversas cidades no interior dos estados do Ceará, Pernambuco, Bahia, Alagoas, Sergipe, possibilitou o contato com a realidade de vidas miseráveis e marcadas por profundas injustiças, advindas dos grandes latifundiários. (Olivieri, 1998).

Com a abolição dos escravos, não só a economia, mas a população no Nordeste estremeceu. Houve migrações tanto para a Amazônia, para trabalhar na exploração da extração da borracha, quanto para o Sudeste, com o cultivo do café. No entanto, os imigrantes espanhóis, italianos, portugueses, que se encontravam na região, dificultaram a afluência da mão-de-obra nordestina. (Olivieri, 1998). Os sertanejos que continuaram em suas terras, não tinham como livrar-se do desemprego, da falta de oportunidades de uma vida digna e da fome devastadora.

2.3.2 De Antônio Vicente Maciel para Antônio Conselheiro

Conforme estudos realizados por Olivieri (1998), sobre Canudos, constatou-se que a forte influência do Padre Ibiapina, criou-se condições para o surgimento de um novo homem, o generoso Antônio Conselheiro, aquele que ouvia as pessoas e dava conselhos capazes de encantar, gerar novas perspectivas de vida e, por vezes, mudanças radicais. Uma de suas principais características era gerar

esperança de dias melhores em corações marcados pela insegurança e a angústia do cenário sertanejo nordestino.

Aos poucos, vê-se surgir a expectativa de uma comunidade ideal, na qual a solidariedade fosse o valor principal. Impelidos por tal desejo, alguns de seus seguidores passam a residir em uma antiga fazenda, no povoado de Canudos, que passa a ser chamado de Belo Monte. (Olivieri, 1998).

A pregação de Conselheiro tinha o cunho espiritual, mas também social, não existe como separar as duas dimensões, uma implica a outra. A meditação sobre a Palavra de Deus proporciona o deslocamento de uma realidade desesperadora, para uma que gera esperança, que consola, que permite se sentir cuidado por Deus. (Olivieri, 1998).

4 ANTÔNIO CONSELHEIRO E MOISÉS – CONDUZINDO O POVO NO DESERTO

Considerando a relevância dessas duas figuras religiosas e buscando perceber pontos comuns, apresenta-se de modo sucinto alguns traços de suas conduções frente ao povo por eles dirigidos. A princípio, aborda-se o chamado para a missão; em seguida, as pedagogias utilizadas, destacando suas lutas contra as opressões inimigas, até culminar no fim de suas vidas, reconhecendo neles verdadeiros exemplos de liderança religiosa para todos os tempos.

4.1 O Chamado

Moisés recebeu o seu chamado através de uma sarça ardente, enquanto pastoreava ovelhas no deserto. Deus faz a promessa de libertação do seu povo oprimido e de uma vida nova na Terra Prometida. Moisés interpela o Senhor, diante de sua pequenez e limitações, mas Ele o acompanha em todo o caminho lhe dando amparo necessário (cf. Êxodo 3, 1-11).

Quanto ao chamado de Conselheiro, sua vocação foi forjada a partir de experiências de sofrimento pessoal e revolta com as injustiças sociais. Após perdas familiares e uma vida de peregrinação, encontrou na nova profissão de construtor de igrejas e cemitérios a oportunidade de vivenciar a fé. Após perceber que o perdão era essencial para seguir sua vida espiritual, prosseguiu em frente e passou a viver como um servo de Deus pregando, aconselhando e acolhendo os oprimidos (Moniz, 1982).

Moisés e Conselheiro foram escolhidos para libertar e guiar povos sofridos. Moisés recebeu o chamado de modo direto e sobrenatural. Já o, de Antônio, foi silencioso e construído pela experiência de leigo sertanejo. No entanto, os dois tornaram-se guias espirituais de comunidades que buscavam salvação e justiça.

4.2 Pedagogia Religiosa

Em uma época em que a transmissão de conhecimentos, histórias e ensinamentos eram feitos oralmente, Moisés utilizou destes meios para se comunicar com seu povo e moldá-los dentro dos preceitos divinos. Ensinando os Dez Mandamentos (Deuteronômio 5), os diversos rituais que o povo deveria realizar, dentre eles o Rituais da Páscoa (Êxodo 12), além de memórias dos antepassados (cf, Deuteronômio). Tais temáticas fazem parte da “catequese mosaica”, cuja finalidade é conduzir o povo da escravidão à liberdade. Esses ensinamentos eram passados de geração a geração, a fim de garantir a identidade religiosa do povo e nutrir a relação de Israel com seu Deus.

Por sua vez, Antônio Conselheiro Teve sua fé alicerçada nos sermões de padre Ibiapina, o qual inspirava se na espiritualidade franciscana, baseada no amor; e dos Jesuítas, através dos sermões de padre Vieira (Cf. Nogueira, 1978; Andrade, 2016; Cavalcante & Moura, 2018). O cristianismo vivido por Ibiapina e pelo Conselheiro se expressava de forma profundamente caritativa, coerente com a pregação de uma vida inspirada nos ensinamentos de Cristo e de São Francisco de Assis.

No contexto árido e sofrido do sertão nordestino do século XIX, marcado pelo abandono e pela escassez, Conselheiro desenvolveu uma firme disposição de luta em favor de uma vida fraterna e comunitária. Essa vida se afastava das vaidades mundanas e se enraizou na oração e no diálogo constante com o Redentor, como um caminho de purificação dos pecados e das fraquezas humanas para alcançar a salvação. Essa ação evangelizadora, realizada pelo Beato laico, era uma realidade no século XIX.

Nas comunidades rurais, eram comuns e normais as figuras dos beatos, dos monges e dos conselheiros. Por longos anos, o Clero manteve contato semi-oficial com esse “exército religioso-laico”. O apoio e a formação de atividades religiosas informais ocorriam direta e indiretamente. Sacerdotes cediam os púlpitos para beatos e conselheiros e alguns chegavam a incentivar, com exemplos, tais formas de vida. (Macedo; Maestri, 1997, p.17)

Conforme Andrade (2016) o povo sertanejo enfrentava dificuldades para compreender algumas homilias de párocos romanizados, cujas práticas litúrgicas eram bastante distantes de sua cultura. Além disso, a falta de padres no sertão levou ao surgimento de várias lideranças leigas, que organizavam a prática religiosa de forma autônoma, respeitando os ensinamentos do clero. Os manuais disponibilizados por esses líderes auxiliavam na promoção da religiosidade entre o povo, fortalecendo ainda mais suas devoções.

A devoção ao rosário, o ofício de Nossa Senhora, a via-sacra durante a quaresma, a recitação do terço mariano e as práticas contidas em manuais como as Horas Marianas, Missão Abreviada e a Bíblia Sagrada tornaram-se ferramentas essenciais para conselheiros, catequistas e líderes nas proximidades de Belo Monte, tema também tratado por Andrade (2016).

Essa maneira de vivenciar a fé é caracterizada por procissões, homenagens aos santos, foguetes, estandartes coloridos, bandeiras, roupas brancas, pés descalços e um espírito de penitência, além da oração do ângelus, que levam os devotos a uma realidade meta-histórica, em busca do transcendente, do Deus Benigno e do Bom Jesus. Também merecem destaque as devoções a Santo Antônio, Nossa Senhora das Dores e ao Bom Jesus, sendo este último o preferido do Conselheiro. Embora leigo, Antônio Conselheiro estudava a Bíblia, conhecia da vida dos santos e através de seu conhecimento transbordavam suas palavras de conversão, salvação e vida eterna. Sobre sua espiritualidade Nogueira (1978, p. 8) sinaliza:

Antônio Maciel também reza com o povo e faz-lhe prédicas. Mas, as orações têm a sua hora e as prédicas o seu dia. Trabalho todos os dias. Não faz milagres nem os seus entusiastas admiradores lhe atribuem a prática de qualquer milagre. Não usurpa funções sacerdotais, nem de médicos, nem de farmacêuticos. Não é curandeiro. Não lhe chamam Bom Jesus. Não se inculca enviado de Deus. Não é profeta. Apenas prega a doutrina dos evangelhos e a da tradição da igreja católica romana. É pregador leigo como muitos outros da história da Igreja e como hoje é até recomendado pela Igreja.

Em sua tese, Andrade (2016) expõe que a vida em Canudos é profundamente influenciada pelo elemento doutrinário presente nos manuscritos do Conselheiro, que é de suma importância para a elaboração do discurso teológico. A cosmovisão do líder de Canudos, a mensagem religiosa e a formação catequética determinam sua ação missionária e fundamentam a opção de vida inspirada no seguimento de Jesus Cristo.

Dessa forma verifica-se que Conselheiro fazia uso de uma pedagogia inclusiva, com base nos fundamentos catequéticos orientados pela Igreja Católica e com uso da religiosidade e devoção.

4.3 Libertação Das Amarras Dos Poderosos

Moisés desponta como grande líder na libertação dos hebreus, instigado por Deus, conduz o povo na superação da escravidão egípcia, quem punha o trabalho escravo e a opressão através de altos impostos e violência. Moisés, com o poder de Deus, confrontou o Faraó. Após a travessia do Mar Vermelho, os hebreus finalmente se libertaram. Desta forma, saíram do jugo e iniciaram a caminhada rumo à Terra Prometida, guiados pela fé.

O povo do Conselheiro, teve a esperança de dias melhores, na tentativa da resistência à injustiça social, e conseguiram encontrar um local ideal, conseguiram atingir a organização da produção, da distribuição de tarefas, da vida de oração, do respeito às diferenças religiosas. No entanto, foram vistos como ameaça para os poderosos e não conseguiram permanecer na terra que mana leite e mel, foram injustamente dizimados pelas autoridades federais.

Canudos era um oásis de prosperidade sem ganância, na aridez do sertão de fome e penúria, a prova cabal de que a vida digna poderia ser atingida ainda neste “vale de lágrimas”, mas sem a necessidade do vil metal, que mais divide que agrega, nem das promessas infundadas que os padres apregoavam, que se atinham à teoria de uma prática de uma vida plena somente após a morte. (Câmara, 2015, p 11).

4.4 Morte Sem Usufruir A Terra Prometida

Conforme Deuteronômio 34, 1-12, Moisés caminhou quarenta anos no deserto, a caminho da terra que mana leite e mel, mas não pode viver na terra prometida, morreu com 120 anos, antes de pôr seus pés no chão sagrado. Antes de sua morte Moisés preparou seu sucessor, Josué, que foi aceito pelo povo de Deus. E em Israel não se levantou mais um profeta como Moisés, um que o Senhor conhecesse face a face.

Por sua vez, Conselheiro viveu quatro anos em Belo Monte, porém, no quinto ano de sua existência, ele e seu povo foram exterminados pelos poderes militar e político da nova República. As autoridades temiam que a Monarquia fosse a incentivadora do movimento messiânico de Canudos,

que se tornou conhecido em todo o território nacional. (Câmara, 2015, p. 11). Dessa forma Antônio não teve a chance de deixar sucessores, porque a comunidade de Belo Monte foi totalmente dizimada.

Em pouco tempo, o arraial de Belo Monte cresceu e chegou a atingir uma população de 25 mil habitantes, distribuídos em umas 5 mil casas. Para melhor compreensão, na mesma época, Juazeiro a maior cidade do norte da Bahia tinha por volta de 3 mil habitantes, Salvador tinha 200 mil e São Paulo, 240 mil habitantes. (Olivieri, 1998, p 43).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da intertextualidade Bíblica entre as lideranças religiosas, constatou-se que Moisés e Antônio, foram vistos como profetas, intérpretes da vontade divina e líderes sagrados. Ambos assumiram a missão libertadora de levar o povo fiel à “Terra Prometida”. Foram sinal de esperança de um mundo mais justo. As semelhanças entre eles reforçam o poder da liderança carismática em contextos de crise e opressão.

Ao tratar do contexto histórico em que Antônio Conselheiro viveu, deve-se considerar que ao longo da história do Brasil, Estado e Igreja se confundiram, até ocorrer a ruptura, quando ambos precisaram se organizar de forma autônoma. Em 1889 com início da República, foi declarado o Estado laico, que diferentemente do Estado confessional é baseado no poder do povo, não adotando uma religião oficial. Assim, o Estado deve ser imparcial nos assuntos religiosos, não podendo impor normas de caráter religioso, entretanto, deve garantir plenamente a liberdade de crença dos indivíduos.

Embora o movimento de Antônio Conselheiro tivesse a dimensão religiosa e fosse messiânico, o governo laico o via como uma ameaça à nova ordem republicana. E por sua vez a Igreja no Brasil estava passando por uma reestruturação de forma que não via sob o aspecto positivo o empoderamento do ativismo leigo, na pessoa de Antônio Conselheiro. Esses foram os fatores que contribuíram para o precoce fim da história de Belo Monte e por sua vez de Antônio Conselheiro.

Diante do estudo realizado, constatou-se a semelhança entre os enredos de dois grandes personagens da nossa história, Moisés, em Israel, antes do nascimento de Jesus Cristo e Antônio Conselheiro, no nordeste brasileiro, no século XIX. Em ambas as histórias houve a opressão contra o povo, Moisés, escolhido por Deus para tirar o povo que lhe foi confiado, da escravidão do Egito.

Por sua vez, Antônio Conselheiro, diante de tantos desenganos na sua vida, consegue reencontrar sentido para sua existência quando se ver como mensageiro da Palavra de Deus, levando esperança e acolhimento, como também vendo o descaso, o jugo que o povo se encontrava, além do sofrimento com a seca em meio aos sertões nordestinos. Com semelhante missão a de Moisés, reúne pessoas de diversas idades, grupos étnicos, que acreditavam que seria possível encontrar uma terra que o Senhor havia preparado para eles.

Em épocas distintas, mas com realidades políticas e sociais análogas, ambos confiavam no Deus de Israel, ele era a confiança que os fez resistir a todos os percalços e adversidades encontradas pelo percurso.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, José Wilson et al. **História e Teologia da Experiência de Antônio Conselheiro: Encontros e Desencontros de Dois Modelos Eclesiológicos em Canudos**. 2016. Tese de Doutorado apresentado à Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Belo Horizonte/BH:2016. Disponível em: <https://faculdadejesuita.edu.br/historia-e-teologia-da-experiencia-de-antonio-conselheiro-encontros-e-desencontros-de-dois-modelos-ecclesiologicos-em-canudos/>. Acesso em: 02 abr. 2025.
- BÍBLIA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. Nova edição rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 1985.
- BÍBLIA. Português. Bíblia Paulinas. São Paulo, SP. Paulinas, 1 edição, 2023.
- CÂMARA, Maria Rabelo. **Canudos Revisitado: Uma Breve Análise do que Foi a Utopia de Antônio Conselheiro, Ameaça À Consolidação do Poder da República no Final do Século XIX**.
- CAVALCANTE, Maria Juraci Maia; MOURA, Antônio Rosenberg de. **As pregações de Antônio Conselheiro: entre as missões dos jesuítas e a formação cristã popular**. Légua & Meia, Brasil, n. 09, v. 1, p. 82-96, 2018.
- KRISTEVA, Julia. **Introdução à semanálise**. 2ª edição. Trad. Lúcia Helena França Ferraz. São Paulo: Perspectiva, 2005, pp.67-68. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/introducao-a-semanalise-julia-kristevapdf-pdf-free.html>. Acesso em 05/04/2025.
- KOCH, Ingedore Villaça. **O Texto e a Construção dos Sentidos**, p. 63. Disponível em: <https://pdfcoffee.com/koch-ingedore-g-villaa-o-texto-e-a-construao-dos-sentidos-pdf-free.html>Acesso em: 05/04/2025.
- MACEDO, Rivair; MAESTRI, Mário. **Belo Monte: uma história da guerra de Canudos**. São Paulo, Moderna, 1997 (Coleção Polêmica), 1997, 127 p.

MONIZ, Edmundo. **CANUDOS: A LUTA PELA TERRA**. 2ª ed. São Paulo:1982 (História Social; n.1) Global Ed.,

MONTENEGRO, Pe. F., **FÉ EM CANUDOS**. Rio - São Paulo- Fortaleza: ABC Editora, 2004
NOGUEIRA, José Carlos de Ataliba. **Antonio Conselheiro e Canudos: revisão histórica**. 2ª Ed. São Paulo. Editora Nacional. 1978.

OLIVIERI, Antônio Carlos. **CANUDOS. Guerras e Revoluções Brasileiras**. 5ª ed. São Paulo. Ed. Ática. 1998.

SCHMIDT, Ana Lucia Lima Da Costa *et al.* **Criação e História: Uma Análise Comparativa entre o Evangelho Segundo Jesus Cristo, de José Saramago e a Bíblia Sagrada**. Revista Transformar, v. 15, n. 1. Itaperuna, RJ, 2021. Disponível em: <https://www.fsj.edu.br/transformar/index.php/transformar/issue/view/Revista%20Transformar%20Vol%2015%20N%C3%BAmero%201>. Acesso em: 05 abr. 2025.

TELUSHKIN, Joseph. **Alfabetização Judaica**. Nova York: William Morrow and Co., 1991. Disponível em: <https://www.jewishvirtuallibrary.org/moses>. Acesso em 12 abril de 2025.

VIGNER, Gerard. **INTERTEXTUALIDADE, NORMA E LEGIBILIDADE**. capítulos do livro *LIRE: du texte au sens*, CLE International, Paris, 1979. Disponível em: <https://antigositebolsa.fde.sp.gov.br/rodada5/apoio/Gerard%20Vigner%20-%20Intertextualidade%20norma%20e%20legibilidade.pdf> Acesso em: 05/04/2025.

ST 3: ECLESIOLOGIA: A(S) HERANÇA(S) DO VATICANO II

Prof. Me. José Alles Paiva Junior²⁸
(UniCatólica do RN)

A Sessão Temática Eclesiologia: a(s) herança(s) do Vaticano II reuniu pesquisas voltadas à recepção contemporânea do Concílio Vaticano II, especialmente no horizonte da sinodalidade proposta pelo Papa Francisco. Os trabalhos discutem a conversão pastoral, a implementação do processo sinodal e os desafios da renovação permanente da Igreja, enfatizando a corresponsabilidade de todo o Povo de Deus, a participação e o discernimento comunitário como expressões concretas de uma eclesiologia de comunhão. As contribuições evidenciam que a sinodalidade constitui uma das mais significativas heranças do Vaticano II e um caminho privilegiado para a missão evangelizadora da Igreja no tempo presente.

Palavras-Chave: Vaticano II; Sinodalidade; Reforma eclesial.

²⁸ Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (2018). Possui graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2012). Bacharel em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte - FCRN (2016). É professor de Dogmática no Centro Universitário Católica do Rio Grande do Norte. Doutorando de Teologia Dogmática na Pontifícia Universidade Gregoriana Roma.

IGREJA EM ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO: UMA ABORDAGEM A PARTIR DA EXPERIÊNCIA EVANGELIZADORA DA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA MISSIONÁRIA (IAM) NA DIOCESE DE MOSSORÓ/RN

Edson Danilo Cavalcante Filho²⁹

Antônio Niemiec³⁰

José Alves Paiva Júnior³¹

RESUMO

Desde o Vaticano II, a Igreja vem passando por um profundo processo de renovação e de transformação. Uma das principais novidades desse processo incide no imperativo a conversão para um estado permanente de missão. Esse processo vem sendo feito para que a Igreja possa cumprir melhor a tarefa de cooperar com a missão de Jesus Cristo no mundo. A partir desse cenário, o presente artigo tem como objetivo refletir sobre a experiência evangelizadora da Infância e Adolescência Missionária (IAM) na Diocese de Mossoró/RN assumida como expressão de uma Igreja em estado permanente de missão. Quais sinais da experiência da IAM na Diocese de Santa Luzia de Mossoró apontam para missão universal da Igreja? De que modo o testemunho das crianças e adolescentes da IAM é capaz de manifestar a identidade missionária da Igreja? Este artigo está fundamentado em pesquisa bibliográfica de documentos da Igreja como: o Decreto do Concílio Vaticano II Ad Gentes (sobre a atividade missionária da Igreja); documentos magisteriais, como a Exortação Apostólica Evangelii nuntiandi (sobre a evangelização no mundo contemporâneo) de Papa Paulo VI; a Carta Encíclica Redemptoris Missio (sobre a validade permanente do mandato missionário) de Papa João Paulo II e a Exortação Apostólica Evangelii Gaudium (sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual) do Papa Francisco. Além da introdução, o trabalho conta com duas seções subdivididas internamente, as considerações finais e as referências que marcam o fim do presente artigo.

Palavras-Chave: Missão; Testemunho; Compromisso; Transformação; Protagonismo.

ABSTRACT

Since the Second Vatican Council, the Church has undergone a profound process of renewal and transformation. One of the most significant developments of this process has been the call to conversion toward a permanent state of mission. This renewal seeks to enable the Church to fulfill more effectively its mission of cooperating in the saving work of Jesus Christ in the world. Within

²⁹ Licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, graduando em Teologia pela Centro Universitário Católica do Rio Grande do Norte – UniCatólica do RN. Pós-graduado

³⁰ Lato Sensu em Missiologia – FATEO / CCM (CNBB) em E mail: edsondanilo2@gmail.com. Coordenador Pedagógico do Centro Cultural Missionário – CCM. Missionário Redentorista Polonês. E-mail: antonio.niemiec1963@gmail.com

³¹ Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco - UNICAP (2018). Possui graduação em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (2012) e Bacharelado em Teologia pela Faculdade Católica do Rio Grande do Norte - FCRN (2016).

this context, the present article aims to reflect on the evangelizing experience of the **Missionary Childhood and Adolescence Association (MCA)** in the Diocese of Mossoró, Rio Grande do Norte, Brazil, as an expression of a Church in a permanent state of mission. The study is guided by the following questions: what aspects of the MCA experience in the Diocese of Santa Luzia de Mossoró reveal the universal missionary nature of the Church? In what ways does the witness of children and adolescents involved in the MCA express the Church's missionary identity? The research is based on a bibliographical review of ecclesiastical documents, including the Second Vatican Council's Decree *Ad Gentes* (on the Church's missionary activity), Pope Paul VI's Apostolic Exhortation *Evangelii Nuntiandi* (on evangelization in the modern world), Pope John Paul II's Encyclical *Redemptoris Missio* (on the permanent validity of the Church's missionary mandate), and Pope Francis' Apostolic Exhortation *Evangelii Gaudium* (on the proclamation of the Gospel in today's world). In addition to the introduction, the article is organized into two main sections with internal subdivisions, followed by the concluding remarks and references.

Keywords: Mission; Witness; Commitment; Transformation; Leadership.

1 INTRODUÇÃO

O estado permanente de missão da Igreja emana da sua própria natureza. A missionariedade da Igreja nada mais é do que expressão de sua fidelidade à sua pedra fundamental, Jesus Cristo. No contexto atual de conflitos humanos, sociais, e da perda de referenciais constitutivos da sociabilidade, a fé cristã é interpelada a mergulhar na realidade humana para transformá-la à luz do Evangelho de Jesus.

A verdadeira adesão a Jesus, é responsável por transformar a vida, a comunidade eclesial, a sociedade, o mundo. Para isso, é necessário um amadurecimento da fé e principalmente da adesão a Cristo. Com efeito, convém explicar que “o amadurecimento no seguimento de Jesus e a paixão por anunciá-lo requerem que a Igreja particular se renove constantemente em sua vida e ardor missionário” (DAp, 2007, n. 176).

A propósito, as particularidades das demandas que brotam no coração de cada Igreja local são fator primordial para impulsionar a Igreja à conversão num estado permanente de missão. É partindo do encontro pessoal com Jesus Cristo vivo e presente na Igreja local, com suas alegrias e tristezas, angústias e esperanças, desafios e perspectivas - que se cria o desejo por uma Igreja em estado permanente de missão.

Partindo dessas intuições, o presente artigo tem como objetivo destacar a experiência evangelizadora dos grupos da Infância e Adolescência Missionária (IAM) na Diocese de Santa Luzia de Mossoró como manifestação de uma Igreja em estado permanente de missão. Para tanto, o trabalho

se propõe responder a seguinte questão: quais sinais da experiência evangelizadora da Infância e Adolescência Missionária (IAM) na Diocese de Santa Luzia de Mossoró apontam para missão universal da Igreja? Em outras palavras: de que modo a IAM na Diocese de Mossoró é expressão de uma Igreja em estado permanente de missão?

A experiência evangelizadora da IAM implica no assumir um estilo de vida e requer um compromisso fiel com Jesus missionário que caminha junto e impulsiona com o Espírito Santo, a estar sempre em saída, evangelizando crianças e adolescentes. Se, efetivamente a experiência da IAM imprime, desde cedo uma identidade missionária nas crianças e adolescente, certamente, esta mesma experiência confirma e manifesta uma Igreja em estado permanente de missão, portanto, uma Igreja fiel à sua natureza missionária.

A metodologia empregada no texto integra interpretação bibliográfica e relato descritivo de caso. A abordagem bibliográfica serve como alicerce teórico em vista de apresentar, a partir do magistério eclesial, as implicações para um estado permanente de missão da Igreja. por sua vez, busca identificar em uma experiência particular, a da IAM na Diocese de Santa Luzia de Mossoró, os sinais da missão universal da Igreja.

Em vista desse fim, as principais fontes sobre as quais se fundamenta este trabalho são: Decreto Conciliar *Ad Gentes* do Vaticano II (1965); a Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* (1975) de Paulo VI; a Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (1990) de João Paulo II e a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (2013) de Papa Francisco. Tendo em vista que o artigo não possui a intenção de expor sistemática e progressivamente os elementos pertinentes à noção de evangelização, metodologia aplicada nas fontes consistiu em leitura e interpretação de trechos específicos relativos à temática desenvolvida.

Além da presente introdução, o trabalho conta com duas seções, as considerações finais as referências bibliográficas. Na primeira sessão, buscamos apresentar em linhas gerais o entendimento que a Igreja possui de si mesma acerca da missão. Nisso, trabalhamos os conceitos de: natureza missionária e identidade. Na segunda sessão que, por sua vez, subdivide-se em outras duas partes, procuramos apresentar a experiência da IAM na Diocese de Mossoró como uma possibilidade que realiza e encaminha a Igreja no estado permanente de missão.

Com isso, acreditamos que o nosso artigo, embora não se trate de um estudo histórico e sistemático do assunto em questão, colabora com a produção literária sobre esse tema que é tão importante para a Igreja na atualidade, e possui, de igual modo, o seu valor para a teologia que, por

sua vez, desde o Vaticano II trabalha sobre esse tema que tem nas oferecido ricas e profícuas produções teológicas.

2 A NATUREZA MISSIONÁRIA DA IGREJA NO ENSINAMENTO MAGISTERIAL

O Concílio Ecumênico Vaticano II inaugurou um novo tempo na Igreja, uma nova consciência eclesial e missionária. O Decreto Conciliar *Ad Gentes* sobre a Atividade Missionária da Igreja é categórico quando afirma logo no início: “A Igreja peregrina é, por natureza, missionária. Pois ela se origina da missão do Filho e da missão do Espírito Santo, segundo o desígnio de Deus Pai” (*Ad Gentes*, 1965, n. 2.). Essa é a razão do “ser missionária” da Igreja.

No que significa o termo “natureza”. Uma palavra que corresponde à natureza é essência. Sendo assim, dizer que a Igreja é, por natureza missionária, equivale dizer que a Igreja é missionária por sua essência. Essência é aquilo sem o qual uma coisa não pode ser o que é. E qual é a essência da Igreja? “A Igreja peregrina é, por sua natureza, missionária, visto que tem a sua origem, segundo o desígnio de Deus Pai, na «missão» do Filho e do Espírito Santo. Este desígnio brota do «amor fontal», isto é, da caridade de Deus Pai” (AG, n. 2).

A segunda novidade está contida no uso do termo “missionária” associado a “natureza”. Nesse caso, dizer que a Igreja é “missionária” significa dizer que a missão da Igreja procede da missão do Pai, revelada pelo Filho e conduzida pelo Espírito. Sendo assim, não é a missão que procede da Igreja, mas a Igreja procede do desejo salvífico do Pai, ou seja, a Igreja já nasce missionária. Sendo assim, quando a Igreja envia em missão não porque a missão procede dela, mas porque ela é missionária.

Não obstante, com essas duas palavras “natureza e missionária” (AG, n. 2) o proêmio do Decreto *Ad Gentes* do Concílio Ecumênico Vaticano II além de relacionar a missionariedade da Igreja com a sua natureza trinitária oferece também um *aggiornamento* a uma das notas fundamentais da Igreja, a saber, a catolicidade. Os padres conciliares colocam essa questão nos seguintes termos: “Enviada por Deus a todos os povos para ser sacramento universal de salvação, por exigência íntima de sua catolicidade e obedecendo ao mandato do seu Fundador (cf. Mc 16,16), esforça-se por anunciar o Evangelho a todos os povos” (AG, n. 1).

Desde a sua natureza, a Igreja é enviada para que os povos conheçam o desejo salvífico do Pai revelado plenamente na pessoa e missão de Jesus (AG, n. 5). A missão da Igreja consiste, nesse sentido, em dar continuidade em todos os contextos, tempos e lugares a missão de Jesus. Se é assim,

não existe Igreja de Jesus Cristo sem que, necessariamente, seja uma Igreja missionária. De igual modo, não existe catolicidade da Igreja sem missão.

A natureza missionária potencializa a realização histórica da catolicidade da Igreja e a confirma como Igreja de Jesus, sacramento universal de salvação para todos os povos, a quem Deus desejou salvar, não obstante a diversidade de culturas e raças, como um único povo, o seu povo. Por sua natureza e implicações a catolicidade, a atividade missionaria da Igreja como expressão de sua natureza implica o movimento de saída e encontro, serviço, anúncio e testemunho de Jesus.

Em continuidade ao Vaticano II, Papa Paulo VI, através da Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, expõe os aspectos essenciais da evangelização. De fato, a *Evangelii Nuntiandi*, fruto da Assembleia Sinodal dos Bispos em 1974, não foi apenas um relato final do Sínodo que coube ao Papa Paulo VI fazer, mas, sobretudo, uma atitude de reafirmação da natureza missionária da Igreja, assumindo e prolongando o Concílio Vaticano II no horizonte da missão *Ad gentes* e do serviço ao mundo moderno, da promoção e libertação humana.

Não se pode falar sobre o tema da evangelização sem fazer referência à *Evangelii Nuntiandi*. De igual modo, não se pode falar de evangelização sem que a evangelização não seja um serviço ou, em última instância, expressão da natureza missionária da Igreja. Na verdade, o tema da evangelização é o que melhor exprime a própria missão da Igreja frente ao desafio de superar a ruptura entre o evangelho e a cultura, a fé e a vida (*Evangelii Nuntiandi*, 1975, n. 20.).

Para Paulo VI “a Igreja existe para evangelizar”. A título de revisitação, vejamos o que diz a Exortação no número 14:

A Igreja sabe-o bem, ela tem consciência viva de que a palavra do Salvador, “Eu devo anunciar a Boa Nova do reino de Deus”, se lhe aplica com toda a verdade. Assim, ela acrescenta de bom grado com São Paulo: “Anunciar o Evangelho não é título de glória para mim; é, antes uma necessidade que se me impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho”. Foi com alegria e reconforto que nós ouvimos, no final da grande assembleia de outubro de 1974, estas luminosas palavras: “Nós queremos confirmar, uma vez mais ainda, que a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja”; tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição. (EN, n. 20).

Em síntese, “evangelização é vocação própria da Igreja” (EN, n. 14). Jesus é o primeiro evangelizador em seu anúncio do Reino de Deus, que é um anúncio de salvação, de conversão, de transformação e mudança. Jesus anunciou o Reino e se fez presente na vida das pessoas. Ele atrai e lança a sua gente para ir além, atrai para permanecer n’Ele, mas com o desejo ardente de com Ele ir ao encontro do outro. Cada batizado é chamado a viver a atração por Cristo para anunciar ao mundo o Reino anunciado por Ele.

Não obstante, segundo o teólogo salvadorenho Jon Sobrino, a evangelização tal como é definida na *Evangelii Nuntiandi* deve ser pautada em três aspectos fundamentais: “1) proclamação verbal da Boa Nova, 2) testemunho da própria vida, e 3) e uma práxis transformadora”. (Sobrino, p. 268). Do contrário, a evangelização e anúncio do Reino que devem ser vocação e missão da Igreja correm o risco de converter-se em proselitismo estéril.

Outra grande contribuição para a reafirmação da identidade missionária da Igreja no horizonte da nova evangelização e missão *Ad gentes* foi-nos dada através da Carta Encíclica *Redemptoris Missio* (1990) do Papa João Paulo II. Considerada “testamento doutrinal” do Papa João Paulo II sobre a missão, a *Redemptoris Missio* avalia e reafirma a validade permanente do mandato missionário da Igreja. Já na introdução do documento o Papa escreve: “[...] a missão renova a Igreja, revigora a sua fé e identidade, dá-lhe novo entusiasmo e novas motivações. É dando a fé que ela se fortalece! A nova evangelização dos povos cristãos também encontrará inspiração e apoio, no empenho pela missão universal” (*Redemptoris Missio*, n. 2.).

Por sua vez, na Exortação apostólica *Evangelii Gaudium* sobre o anúncio do evangelho no mundo atual, Papa Francisco reafirma a natureza missionária da Igreja convocando-a ser uma “Igreja de portas abertas” e “Igreja em saída”. Essas duas expressões articulam-se mutuamente e coadunam-se de igual maneira com uma Igreja que é missão. Por isso e para isso “as portas abertas”, por isso e para isso “a saída” e não o comodismo.

A “Igreja em saída” é exatamente uma Igreja de portas abertas. É uma Igreja que busca iluminar a humanidade com as luzes do evangelho, sem condicionar a fé cristã num emaranhado de obsessões e procedimentos. Tal dinâmica exige a conversão das estruturas de conservação da Igreja em uma pastoral missionária que, por sua vez,

[...] não está obcecada pela transmissão desarticulada de uma imensidade de doutrinas que se tentam impor à força de insistir. Quando se assume um objetivo pastoral e um estilo missionário, que chegue realmente a todos sem exceções nem

exclusões, o anúncio concentra-se no essencial, no que é mais belo, mais importante, mais atraente e, ao mesmo tempo, mais necessário. A proposta acaba simplificada, sem com isso perder profundidade a verdade, e assim se torna mais convincente e radiosa (*Evangelii Gaudium*, 2013, n. 35, documento não paginado).

Assim, portanto, a consciência missionária deve impregnar a existência, todas as estruturas. Deve-se, pois, gerar uma revolução missionária e esta deve ser a constante preocupação enquanto Igreja: chegar nas mais diversas periferias e apresentar a mensagem da Boa nova.

Pode-se dizer que com a *Evangelii Nuntiandi* (1975), Papa Paulo VI assume o desafio dos “tempos novos da evangelização” o mundo secularizado e suas demandas, prefigurando, por assim dizer, a “nova evangelização” proposta pelo Papa João Paulo II com a *Redemptoris Missio* (1990). Esse processo é continuado por Papa Bento XVI com a criação do Conselho Pontifício para a Nova Evangelização, onde se destaca a convocação de um Sínodo dos Bispos dedicado ao tema, e agora impulsionado pelo Papa Francisco com a *Evangelii Gaudium* (2013).

Na prática, quais modelos ou atividades são capazes de realizar ou potencializar o estado permanente de missão da Igreja? É isso o que procuramos dizer, no próximo tópico, trazendo relato da experiência da Infância e Adolescência Missionária na Diocese de Santa Luzia de Mossoró. Antes de tudo, convém ressaltar que não se trata de reduzir toda a riqueza do que o magistério da Igreja diz sobre a natureza missionária da Igreja em uma experiência particular. Isso nem seria possível! Trata-se de dizer que o que o magistério diz sobre a natureza missionária da Igreja é possível efetivar-se desde a Igreja particular.

3 IAM NA DIOCESE DE MOSSORÓ: UMA EXPERIÊNCIA POTENCIALIZADORA DO ESTADO PERMANENTE DE MISSÃO DA IGREJA

Uma Igreja missionária, como já dissemos no ponto anterior, em comunhão com toda a tradição desde o decreto *Ad gentes* do Vaticano II até a *Evangelii Gaudium* de Papa Francisco, é uma casa de portas abertas que acolhe sem destinação a todos, com suas alegrias e dificuldades, tristezas e esperanças. Ao mesmo tempo, é uma casa de portas abertas para a “saída”, para ir ao encontro do outro, para ir às periferias geográficas, existenciais, sociais, humanas, enfim, para sair em missão como Igreja missionária.

Essa missão não prescinde em absolutamente nada as Igrejas Particulares com suas respectivas redes de comunidades que, por sua vez, constituem paróquias e consequentemente a comunidade do

povo de Deus em uma determinada porção geográfica, afetiva e espiritual. Partindo desse pressuposto, nesta parte do nosso artigo trazemos o relato da experiência de evangelização da Infância e Adolescência Missionária na Diocese de Santa Luzia de Mossoró. No entanto, antes de adentrarmos no relato, convém uma palavra mais ampla acerca da IAM.

3.1. A IAM: sua natureza, atuação e importância para a Igreja

A Obra da Santa Infância – conhecida no Brasil como Infância e Adolescência Missionária (IAM) – criada há 180 anos atrás por Dom Carlos Forbin Janson (bispo de Nancy na França) juntamente com a missionária Pauline Jaricot, preconiza e realiza, a missão *Ad gentes* da Igreja.

A Santa Infância nasceu em 19 de maio de 1843 a partir do desejo de gerar dignidade e vida para as crianças, precisamente, as crianças mais necessitadas da época na China. O que era uma experiência tímida, adquire proporções universais ao ser declarada “Obra Pontifícia” em 1922, pelo Papa Pio XI. Pontifícia, quer dizer, do Papa e, portanto, de toda a Igreja.

Desde então, esta obra pontifícia se espalhou por todo o mundo como manifestação de doação e entrega total das crianças à vida missionária. Desde então, esta obra tem estimulado nas crianças e adolescente o protagonismo missionário em vista de uma fé sinodal, madura, autêntica, aberta à universalidade e comprometida com os outros. Não sem razão o Estatuto das Pontifícias Obras Missionárias³² afirma:

A Pontifícia Obra da Infância e Adolescência Missionária auxilia os educadores a despertar gradualmente a consciência Missionária nas crianças, animando-as a partilhar a fé e os seus bens materiais com as crianças das regiões e Igrejas mais necessitadas; e para promover as vocações missionárias desde a infância. (Estatuto das Pontifícias Obras Missionárias, 2017, p. 4).

A atividade missionária se desenvolve como proclamação verbal da Boa Nova, testemunho da própria vida, e uma ação transformadora da própria vida, da vida do outro e da vida do mundo. Ademais, a IAM se firma no projeto de vida movido através da oração, sacrifício e solidariedade.

³² As Pontifícias Obras Missionárias (POM) são organismos oficiais da Igreja Católica, vinculados ao Dicastério para a Evangelização, que é presidido pelo Papa. As POM existem para intensificar a animação, a formação e a cooperação missionária em todo o mundo. Sua identidade pode ser resumida em duas palavras: universalidade, isto é, todas as Obras para todos os povos; e pontifícias, ou seja, são Obras do Papa para toda a Igreja (Pontifícias Obras Missionárias, documento não paginado). EM síntese, pode-se dizer que as POM têm como “[...] objetivo de promover o Espírito missionário universal no seio do povo de Deus” (Cooperação Missionária, 2015, p. 17).

Essas três colunas desenham o carisma da IAM que é proposto a cada um dos seus membros. A propósito, quando se fala em carisma se está falando de dom do Espírito

[...] e o Espírito é a Pessoa divina que Cristo ressuscitado envia da glória do Pai para lhe dar testemunho (cf. Jo 15, 26. 29). Sempre que o Espírito - através de um fundador ou grupo fundador - suscita e abençoa uma obra eclesial com a sua graça, o que ele procura é atualizar uma dimensão particular do mistério salvífico de Cristo a favor da Igreja e do mundo. Portanto, é apontando para este mistério que podemos discernir o carisma próprio da Obra da Santa Infância ou Infância Missionária. (Blanco; Barra, 2022, p. 29).

Imbuída do espírito missionário que habita no mais íntimo do seu ser, a IAM convoca as crianças do mundo inteiro a assumirem seu protagonismo missionário em suas respectivas comunidades paroquias, diocesanas. Para tanto se utiliza de um método que desperta consciência missionária e comprometimento com a missão local e além-fronteiras. A metodologia da IAM tem o objetivo de motivar as crianças e adolescentes a refletir sobre as realidades desde o âmbito local até além-fronteiras. Em vista dessa finalidade, a cada semana as crianças e adolescentes se encontram para trabalhar um tema proposto para o mês.

O Primeiro Encontro é dedicado à reflexão acerca da “Realidade Missionária”. O objetivo do encontro é conhecer a própria realidade à luz da palavra de Deus e observar que a realidade em que se vive é semelhante à realidade de outras cidades e países longínquos. Este encontro propicia uma visão completa da realidade local e além-fronteiras e, sobretudo, da demanda missionária diante dessas realidades.

No Segundo Encontro trabalha-se o tema da “Espiritualidade Missionária”. Esse encontro tem como finalidade ajudar a discernir a realidade a partir dos textos bíblicos e documentos da Igreja. Três compromissos são assumidos inspirados nessa reflexão: 1) Anunciar/evangelizar através da Palavra; 2) Anunciar com a própria vida; 3) pensar uma ação concreta para ajudar outras crianças e adolescentes.

No Terceiro Encontro, a reflexão gira em torno do “Compromisso Missionário”. O compromisso missionário busca ser uma resposta concreta à realidade encontrada. Para tanto, sugere uma colaboração com a missão além-fronteiras através da oferta do cofrinho. Deste encontro ficam três compromissos: 1) Contribuir materialmente com a moedinha; 2) Convidar novas pessoas para participar do grupo; 3) ajudar as crianças ao seu redor e além-fronteiras.

O Quarto Encontro, celebra, por assim dizer, a “Vida de Grupo”. Esse encontro é dedicado para refletir as vivências oportunizadas pelo Tema Gerador. Define-se, também, o tema para os novos encontros, esses que são fonte de comunhão e protagonismo das crianças e adolescentes que juntas escolhem o tema gerador para mais um mês de atividades do grupo, envolvendo suas realidades particulares e universais.

É certo que esse caminho metodológico é plausível de amadurecimento para um melhor serviço eclesial-missionário. A IAM, sem dúvidas, constitui-se como uma bonita experiência de uma Igreja missionária, de uma Igreja comprometida com o anúncio do Reino, com o testemunho e a mudança da realidade. De igual maneira, a IAM revela que a missão é dinâmica, pode e deve ser vivida por todo o povo de Deus desde os mais pequenos, como as crianças.³³

A Diocese de Santa Luzia de Mossoró do Rio Grande do Norte, na qual se encontra a Igreja de Jesus em sua totalidade, acolheu o carisma da IAM como dom do Espírito e, conseqüentemente como um modo através do qual colabora para colocar a Igreja em estado permanente de missão. Ou seja, acolheu a IAM como dom que colabora para imprimir uma identidade missionária na diocese, a começar pelas crianças e adolescentes.

A história da IAM na Igreja Particular de Mossoró remonta ao ano de 1999, quando a Obra ainda era conhecida como “Santa Infância”. Desde então a Obra tem passado por vários processos (inclusive quase o desaparecimento total) até a sua consolidação no atual plano pastoral diocesano. No ano de 2019, o Conselho Missionário Diocesano (COMIDI) da Diocese de Mossoró assumiu a IAM como uma de suas prioridades. Para tanto, foi criado um projeto que, basicamente consistiu em duas etapas importantes: 1) sensibilização acerca da Obra; 2) resgate ou implantação da IAM em todas as paróquias da diocese.

Na etapa de sensibilização, a diocese adotou a reflexão acerca de repensar o espaço que as crianças e adolescentes ocupam hoje na Igreja. Era preciso entender que as crianças e os adolescentes não são somente o futuro da Igreja, mas o presente. A missão não espera, ela acontece agora e reivindica a participação de todo o povo de Deus. As crianças e adolescentes possuem dentro de suas igrejas o direito de viverem a missão que lhes compete. Em síntese, a proposta procurou sensibilizar

³³ Sobre isso falaremos mais na apresentação do relato da experiência da IAM na Diocese de Mossoró. Veremos as várias atividades realizadas pelas crianças e adolescentes e como isso envolve a família, a comunidade e até mesmo a sociedade civil.

para a abertura de espaços nas paróquias e comunidades para que as crianças e adolescentes pudessem exercer a missão que lhes compete por direito e dever.

A Ir. Antônia Vânia, secretária nacional da IAM, em seu artigo intitulado *Crianças e adolescentes, protagonistas do futuro universal* refletindo sobre essa questão, escreveu:

Nós, os adultos, estamos tão sobrecarregados em meio às tarefas do dia a dia, que não paramos para refletir e perceber que, o presente é a base para o futuro cheio de esperanças e sonhos. E que são elas, as crianças e os adolescentes a nossa prioridade do hoje, se realmente sonhamos e queremos um mundo melhor. Por isso, é necessário nos inspirar nas atitudes de Jesus para com as crianças, atitudes de respeito e acolhida, torná-las protagonistas e atendê-las na sua formação integral (DAp, n. 441). Passamos boa parte da nossa vida escutando: “as crianças são o futuro da nossa sociedade, da nossa Igreja...do amanhã”. De fato, elas são! Portanto, vale lembrar que essas, continuam todos os dias, diante dos nossos olhos, fazendo história, no hoje que lhe é permitido sonhar, esperar e acreditar que também elas têm a capacidade transformadora, no presente. (Souza, 2023, não paginado)

A segunda etapa, a de reorganização da IAM no projeto pastoral-missionário consistiu em elaborar estratégias para resgatar, repropor e/ou apresentar a Obra às paróquias da Diocese integrando-a vida comunitária, missionária paroquial. Esta etapa incluiu, num primeiro momento, visita às paróquias e suas respectivas comunidades em vista de resgatar a vitalidade da Obra onde já existia e/ou implementar aonde ainda não tinha chegado; num segundo momento, a formação e implantação dos grupos. Graças a esse trabalho que foi realizado, hoje, a IAM encontra-se consolidada dentro do projeto pastoral da Igreja Particular de Mossoró.

Com isso, a Igreja de Mossoró aproxima-se, respeitadas as suas fragilidades e limites, de um real modelo de Igreja missionária. Uma Igreja que prolonga na sua vida a missão de Jesus desde a vida dos mais pequenos, as crianças e adolescentes. É claro que a Igreja de Mossoró não se reduz a IAM ou é uma Igreja missionária porque assumiu a IAM no seu projeto pastoral. Entretanto, indiscutivelmente, a presença da IAM na Igreja de Mossoró colabora para que a missão *Ad gentes* se realize nesse modelo de Igreja que, de algum modo, realiza a natureza e identidade missionária da Igreja Universal

3.2 IAM: missionariedade desde o grupo à imersão na comunidade

O projeto de resgate, implantação e articulação da Infância e Adolescência Missionária da Diocese de Mossoró, fez com que muitas comunidades aderissem à Obra. Atualmente, acompanha-se 80 grupos que estão inseridos nos 05 zonais que compreendem a geografia da diocese. Em cada zonal vive uma porção do povo de Deus, da Igreja particular de Mossoró, com suas mais diversas realidades. Algumas das paróquias possuem mais de 200 crianças inseridas na Obra, registrando assim um total de 1.600 crianças e adolescentes espalhados por todo território diocesano.

Com o aumento do número dos grupos da IAM, cada zonal da Diocese elegeu seus três representantes. Eles tornam-se a ponte entre Diocese, zonal e paróquia, facilitando a formação e coordenação diocesana e ajudando a adentrar nas muitas comunidades pertencentes ao território. A articulação acontece, antes de tudo, mediante um processo de reflexão e estudo planejado, feito pelos assessores, padres e coordenação paroquial para escolher, com responsabilidade, em cada lugar, os membros que irão ficar à frente da Obra da Infância e Adolescência Missionária.

Em termos de funcionamento enquanto grupo, todos os finais de semana, os membros da IAM se reúnem para pensarem a vivência da missão e a prática missionária não somente em seu lugar de origem, mas na Diocese. Refletem, sobre como tornar essa Obra mais conhecida e amada, como anunciar melhor e de forma mais credível o Reino de Deus. Desse modo, a IAM consegue inserir as crianças e adolescentes na dinâmica das comunidades, não sendo elas apenas parte, mas membros fundamentais e ativos da vivência comunitária. Tanto é verdade que, partindo da sua realidade, os grupos vão refletindo sobre o que podem realizar. Por tanto são provocadas com as seguintes questões: O que veem? Como iluminam? Como agir? E, por fim, como celebrar à luz do que viveram, inseridos em tal realidade?

O *Documento de Aparecida* (DAp, n. 438) diz que: “A infância, hoje em dia, deve ser destinatária de uma ação prioritária da Igreja, da família e das instituições do Estado, tanto pelas possibilidades que oferece como pela vulnerabilidade a que se encontra exposta”. Sendo assim, entendemos que a experiência da IAM na Diocese de Mossoró, em comunhão com *Aparecida*, transcende os limites do grupo e alcança a comunidade, a sociedade na qual as crianças vivem.

Partindo do descobrimento do protagonismo deles, algumas atividades específicas foram criadas para reunir todos os membros da IAM da Diocese. Algumas vezes ao ano, por exemplo, todas as crianças da IAM e da catequese se reúnem para refletirem sobre a questão da exploração e abuso

sexual de menores. Dessa iniciativa nasceu, o projeto “Caminhado com Maria em Defesa da Vida”. Uma das ações desse projeto consiste na caminhada em que todas as crianças da IAM saem às ruas levando cartazes e bandeiras com frases de conscientização sobre seus direitos e dignidade de vida.

A diocese também criou o projeto “Estrela de Belém”. Através dessa iniciativa as crianças da catequese e da IAM arrecadam recursos financeiros para ajudar outras crianças necessitadas na diocese e além-fronteiras. A campanha é realizada anualmente no período do Natal. Além disso, todos os anos, no dia 01 de maio, período da jornada nacional da Obra, acontece no santuário de Nossa Senhora dos Impossíveis, situado na cidade de Patu/RN, a romaria dos coroinhas e membros da IAM. Neste dia todos os grupos saem em romaria para, aos pés do altar do Senhor, depositarem os frutos dos seus sacrifícios e as doações. Participam desse momento as crianças, com suas famílias, assessores, o bispo diocesano e seu presbitério. É um momento bonito de encontro, celebração, partilha e comunhão.

Esses projetos são frutos do trabalho das crianças e adolescentes e dos seus assessores. É o protagonismo que nasce por meio dos grupos da IAM que vivem a sinodalidade e suas atividades missionárias, que as revelam capazes de realizar o imperativo evangélico “ide” manifestando também autenticidade e comprometimento com o mundo a sua volta. A convicção que perpassa todo esse processo é que hoje as crianças e adolescentes são lugar de esperança, de protagonismo e autenticidade. E isso nos possibilita caminhar com mais segurança em direção ao amanhã.

3.3 IAM, uma proposta que alcança a família e a sociedade

Como se sabe, a primeira Igreja em que as crianças e adolescentes se encontram inseridas é a Igreja doméstica, composta por sua família, amigos e pessoas próximas. É a Igreja construída a partir dos fatores biológicos e afetivos. É nesse ambiente familiar que elas dão seus primeiros passos ao seguimento de Jesus. É na família que o Espírito Santo, que as impulsiona à missão, deve ser acolhido para que os pais ou as figuras de autoridade no interior da família possam oferecer uma educação de valores aos filhos.

Para isso, como lembra o Documento de Aparecida, de um lado, a família precisa “[...] Inspirar-se na atitude de Jesus para com as crianças, de respeito e acolhida como os prediletos do Reino, atendendo à sua formação integral” (DAp, n.197-198). De outro lado, “[...] as crianças precisam espelhar-se no exemplo de oração de seus pais e avós, que têm a missão de ensinar a seus

filhos e netos as primeiras orações. (DAp, n. 441). Este comprometimento familiar assume uma dimensão ampla como responsabilidade coletiva que se estende além do núcleo direto de crianças e adolescentes.

À medida que os adultos próximos se tornam modelos de seguimento cristão, é essencial que cultivem uma cultura de inclusão e compreensão, reconhecendo e respeitando as diversas perspectivas presentes na família. Este envolvimento vai além do papel de meros orientadores, incentivando a construção de experiências significativas que promovam não apenas o crescimento individual, mas também a coesão familiar.

Ao buscar promover o protagonismo das crianças e adolescentes, a IAM aspira criar uma sinergia onde cada membro da família contribui com seus talentos, dons e sentimentos no enriquecimento espiritual e emocional uns dos outros. Assim, a participação e comunhão, fundamentais para a IAM, não se limitam a uma faixa etária específica, mas abrangem toda a família e não apenas a família, mas também a sociedade.

A propósito, a segunda “família” que as crianças e adolescentes vivem é a sociedade. Contudo, como pode uma sociedade sem valores ou que não consegue mais caminhar baseada em referenciais ser exemplo para as crianças e adolescentes? Nesse caso, a lógica se inverte. A experiência da IAM é que oferece ao mundo de hoje o exemplo de que a solidariedade é possível, a fraternidade é possível, o sofrimento do outro não me pode ser indiferente. A experiência da IAM, nesse sentido, acaba sendo “cura” para uma sociedade adoecida, devido a falta de referenciais humanos necessários à coexistência coletiva e à amizade social.

Desse modo, os grupos da IAM transcendem a prática de rezar, transformando-se em agentes de conscientização da comunidade e sujeitos de transformação da sociedade. Eles desempenham um papel ativo ao educar a comunidade com o seu testemunho e estilo de vida. Motivam a comunidade para a vivência de atitudes que transcendem o individualismo convocando a uma consciência coletiva das necessidades coletivas. Com isso, protagonizam a missão de batizados, participam de missão universal da Igreja desde as suas comunidades.

A Infância e Adolescência Missionária acolhe crianças e adolescentes não para ocupar o tempo delas com “doutrinação ideológica” e/ou “fundamentalismos estéreis”, tão presentes hoje nas comunidades eclesiais. A Obra as acolhe para criar espaços de crescimento e aprendizado mútuo, para estimulá-las à vivência de uma fé comprometida e decididamente missionária. Tal compromisso não

é apenas transformador para a vida pessoal de cada criança e cada adolescente da IAM, mas é potencializado de mudanças positivas que reverberam na Igreja e na sociedade em seu conjunto.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A missão da Igreja implica um processo de saída e encontro, anúncio e testemunho de Jesus. Encontrar as pessoas, falar de Jesus com palavras e obras, comprometer-se com os valores do Reino anunciado por Jesus, faz parte do “conteúdo” que confere identidade a uma Igreja que vive em estado permanente de missão. A cada tempo, novos desafios aparecem, mas o impulso do evangelho continua o mesmo; a Palavra de Deus não muda, mas as formas de comunicá-la, sim.

O desejo por uma Igreja missionária e comprometida com a evangelização deve ser suscitado desde cedo nas pessoas. A Infância e Adolescência Missionária traz uma proposta que estimula crianças e adolescentes a descobrirem, desde cedo, a beleza do seguimento a Jesus, do testemunhar e da saída missionária. Crianças e adolescentes que evangelizam crianças e adolescentes. Daí emerge uma clara percepção sobre a importância de envolver ativamente as novas gerações na vivência da identidade e do propósito missionário da Igreja.

O presente artigo procurou destacar, de um lado, o que o magistério diz sobre a natureza missionária da Igreja, de outro lado, como essa natureza missionária se realiza a partir da Igreja Particular. Para tanto, usamos como exemplo a experiência da Infância e Adolescência Missionária na Diocese de Mossoró/RN.

Ao longo da reflexão, ficou evidente que a dinâmica adotada pela Infância e Adolescência Missionária não se restringe apenas à transmissão da fé, mas a transcende e visa a formação integral dos seus membros. A metodologia proposta pela IAM não apenas fortalece a comunidade religiosa local, mas também incute valores éticos, sociais e uma visão de responsabilidade espiritual e social. Nisso, sem dúvidas, se realiza a missão da Igreja para além de proselitismo cristão, mas, sobretudo, como anúncio, testemunho e compromisso.

A participação ativa das crianças e adolescentes na missão eclesial não apenas fortalece sua fé, mas também contribui para o desenvolvimento de lideranças e cidadãos conscientes. A Igreja, ao viver em estado permanente de missão, se torna um agente transformador na vida das crianças e adolescentes, respondendo aos desafios contemporâneos de maneira significativa. Portanto, torna-se

agente catalizador de transformações na vida da sociedade e de mundo. Isso, sem dúvidas, é fermentar o mundo com os valores do Reino.

O comprometimento da comunidade religiosa em viver e cultivar essa perspectiva missionária revela-se não apenas como uma estratégia eficaz de evangelização, mas também como um meio de proporcionar às crianças e adolescentes um papel ativo na construção de uma sociedade mais justa e solidária. A ênfase na formação de lideranças, não só prepara crianças e adolescentes para assumirem papéis importantes na comunidade, mas também as fortalece para enfrentar os desafios do mundo moderno.

Além disso, a breve apresentação desta experiência na Diocese de Mossoró/RN faz compreender que a Igreja que vive em estado permanente de missão ajuda a responder, de maneira eficaz, aos anseios e necessidades das novas gerações. A proposta metodológica da Infância e Adolescência Missionária representa uma forma de motivar e ajudar as crianças e adolescentes, a conectarem-se com suas realidades, oferecendo-lhes um caminho significativo de crescimento espiritual e engajamento social.

REFERÊNCIAS

BLANCO, Juan Carlos Carvajal; BARBA, Rafael Santos. **História, carisma, espiritualidad de la obra misional pontificia de la santa infancia**. Roma: Secretariado Internacional Obra Pontificia de la Santa Infancia, 2022. Disponível em: <https://www.ppoomm.va/content/dam/ppoomm/documentazioni/pubblicazioni/pubblicazioni-posi/carisma/Historia-Carisma-Espiritualidad-ESP.pdf>. Acesso em: 18 de janeiro de 2024.

CNBB. **Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil 2019-2023**: Edições CNBB: Brasília, 2019.

CONCÍLIO VATICANO II. **Decreto *Ad Gentes***. Vaticano, dezembro de 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651207_ad-gentes_po.html. Acesso em: 18 de janeiro de 2024.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO e DO CARIBE - CELAM. **Documento de Aparecida**. Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Maio de 2007. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.pdf. Acesso em: 18 de janeiro de 2024.

COOPERAÇÃO MISSIONÁRIA. **Congregação para a evangelização dos povos**. Brasília: Edições CNBB, 2015.

DICASTÉRIO PARA A EVANGELIZAÇÃO. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cevang/index_po.htm. Acesso em: 18 de janeiro de 2024.

ESTATUTO. Brasília: Pontifícias Obras Missionárias, 2017.

FRANCISCO, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium***: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. Novembro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html. Acesso em: 18 de janeiro de 2024.

JARDIM, Maurício da Silva; SOUZA, Patrícia. **Infância e adolescência missionária**: diretrizes e orientações. Brasília: Pontifícia Obras Missionárias - POM, 2022.

JOÃO PAULO II, Papa. **Carta Encíclica *Redemptoris Missio***: sobre a validade permanente do mandato missionário. Dezembro de 1990. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em: 18 de janeiro de 2024.

MIKUSZKA, Gelson Luiz. **Por uma paróquia missionária**: a luz de aparecida. São Paulo: Paulus, 2012.

MIRANDA, Mario de França. **A Igreja que somos nós**. São Paulo: Paulinas, 2013.

PAULO VI, Papa. **Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi***: sobre a evangelização no mundo moderno. Dezembro de 1975. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html. Acesso em: 18 de janeiro de 2024.

SOBRINO, Jon. **Ressurreição da verdadeira Igreja**. Os pobres, lugar teológico da eclesiologia. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

SOUZA, Ir. Antonia Vania A. de. Crianças e adolescentes protagonistas do futuro universal. **Pontifícias Obras Missionárias**, 23 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://pom.org.br/criancas-e-adolescentes-protagonistas-do-futuro-universal/>. Acesso em 25 de maio de 2023.

LISTA DE ABREVIATURAS

AG	<i>Ad Gentes</i>
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DAP	Documento de Aparecida
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>

ISSN 2526-2335
IX SEMANA TEOLÓGICA

EN	<i>Evangelii Nuntiandi</i>
IAM	Infância e Adolescência Missionária
POM	Pontifícia Obra Missionária
RM	<i>Redemptoris Missio</i>

DESDOABRAMENTOS DA AÇÃO PASTORAL DA IGRJEA EM PERSPECTIVA SINODAL

Vinícius Emanuel Evangelista dos Santos³⁴

RESUMO

Sendo a sinodalidade uma questão de máximo interesse para o caminho pastoral da Igreja na atualidade, é de primordial importância entender a partir desse conceito quais implicações ele traz para a atuação da comunidade eclesial. Desse modo, este trabalho busca apontar como a sinodalidade é, não uma novidade propriamente, mas sim uma característica essencial da própria Igreja, e a partir desse pano de fundo desdobrar o consequente horizonte que ele aponta, sobretudo na linha de uma renovação pastoral, que não é primeiramente uma revisão estrutural ou legal, mas uma adaptação ao modelo da caminhada de todos juntos. Para tanto, a priori cabe identificar o que é sinodalidade, seu método e quais interpelações ela faz para a renovação da vida eclesial e da atividade pastoral, visando assim mostrar que sinodalidade se manifesta na atuação de todos os fiéis, respeitando a diversidade de seus dons e múnus, unidos na missão comum da Igreja e atuantes nela. Desse modo, compreendendo que a corresponsabilidade de todos na única missão de todo o corpo eclesial brota da nova vida que surge pelo sacramento do batismo, é partindo deste sacramento que se dará continuidade a análise, para dessa forma mostrar que a vida sinodal da Igreja está associada a vida nova dada por Cristo, da qual a integral porção dos fiéis participa, portanto todos devendo viver esta vida que chama a caminhar todos juntos. Consequentemente, isso levará a necessidade de olhar concretamente para a estrutura eclesial e verificar nela os espaços de vivência sinodal. Ora, sendo que os espaços já existem, é preciso principalmente utilizá-los de maneira participativa e corresponsável. Isso, na verdade, não significa negar a necessidade de reformas estruturais, que sem dúvida são importantes, mas para reconhecer e apontar que a sinodalidade é característica sempre presente na Igreja, pois lhe é essencial, mas que precisa ser vivida integralmente a partir de uma abertura das estruturas a agirem em chave sinodal, pois muitas já tem essa potencialidade.

PALAVRAS-CHAVE: Sinodalidade; Igreja; Batismo; Pastoral.

ABSTRACT

As synodality has become a matter of central importance for the Church's pastoral journey today, it is essential to understand the implications that this concept has for the life and mission of the ecclesial community. This study seeks to demonstrate that synodality is not a recent innovation but rather an essential characteristic of the Church herself. From this perspective, it explores the horizons opened by synodality, particularly with regard to pastoral renewal, understood not primarily as a structural

³⁴ Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), na modalidade de licenciatura. Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Católica do Rio Grande do Norte (Unicatólica do RN), na modalidade de bacharelado. Membro do grupo de Pesquisa Lumen, vinculado à UERN, voltado para a pesquisa da filosofia cristã na Idade Antiga e Idade Média.

or juridical reform but as a return to the model of the People of God journeying together. To achieve this objective, the study first examines the meaning of synodality, its method, and the challenges it poses for the renewal of ecclesial life and pastoral activity. It argues that synodality is expressed through the participation of all the faithful, respecting the diversity of their gifts and ministries while uniting them in the Church's common mission. Recognizing that the shared responsibility of all the members of the ecclesial body arises from the new life received through the sacrament of Baptism, the study proceeds to analyze how the Church's synodal life is intrinsically linked to this baptismal identity. Consequently, it examines the concrete structures of the Church in order to identify existing spaces for synodal participation. Although such structures already exist, the study emphasizes the need to use them in a genuinely participatory and co-responsible manner. This does not imply rejecting the importance of structural reforms; rather, it highlights that synodality is an enduring and essential characteristic of the Church, one that must be fully lived through an openness of ecclesial structures to operate according to a synodal approach, since many of them already possess this potential.

Keywords: Synodality; Church; Baptism; Pastoral Ministry.

1 INTRODUÇÃO

A sinodalidade tornou-se um tema de candente notoriedade nos espaços eclesiais e teológicos. Propriamente, a palavra deriva do grego *σύνδοχος*, com uma tradução etimológica para “caminhar juntos”. No contexto da Igreja Antiga, essa palavra era utilizada para significar a reunião dos bispos, seja local seja universal. Não à toa, esse termo foi traduzido para o latim por *concilium*, de onde o português retira a palavra “concílio”, utilizada no espaço eclesial hodierno também para designar a reunião de bispos, sobretudo nos concílios ecumênicos. Mormente esses últimos são vistos como a manifestação da voz da Igreja, pois gozam de infalibilidade em matéria de fé e buscavam restaurar a unidade do povo cristão em torno da ortodoxia perturbada pela heresia.

Após o Concílio Vaticano II, entretanto, o papa Paulo VI retomou a prática de reuniões periódicas entre bispos para tratar de pautas importantes para a vida eclesial, os sínodos ordinários dos bispos, reuniões essas que, embora por si mesmas não gozem da mesma autoridade doutrinal de um concílio ecumênico, eram destinados a manifestar a comunhão da Igreja em sua tomada de decisões e a solicitude recíproca entre o ministério petrino e o colégio episcopal do qual o papa é cabeça. Contudo, essas reuniões sinodais passaram também a despertar o olhar da Igreja para algo anterior a elas, porém que está na sua base, a dimensão da sinodalidade. Desse modo, percebe-se que o Sínodo e a sinodalidade são realidades intrínsecas, porém a sinodalidade vai para além do sínodo

dos bispos. Na realidade, a sinodalidade seria uma característica essencial a própria Igreja, como a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos apontou.

Foi justamente sob o impulso dessa realidade que o Papa Francisco convocou o sobredito Sínodo. Contudo, ainda resta muito a aprofundar o tema da sinodalidade, que não é algo estranho a Igreja, pois lhe é essencialmente conatural, mas que precisa ser redescoberto. Ainda mais, é preciso entender como o voltar-se para uma Igreja mais sinodal impacta sua estrutura e sua ação pastoral, sobre este aspecto debruçasse brevemente o presente trabalho. Para tanto, é preciso apresentar como o conceito de sinodalidade que o Documento Final do Sínodo apresenta está em relação a identidade da Igreja, sua missão e sua consequente ação pastoral no mundo. Posteriormente, é preciso apontar o fundamento do compromisso sinodal no seio do ambiente eclesial, ou seja, a radicação da participação comum dos fiéis na vida da Igreja pelo batismo. De modo que, a partir disso, possa-se ter uma visão mais clara do direcionamento pastoral que por meio da sinodalidade surge.

2 HORIZONTE PASTORAL DA SINODALIDADE

A sinodalidade, apesar de ser um conceito amplamente discutido e que goza de uma atmosfera de atualidade, não pretende ser propriamente uma novidade, mas sim uma busca de retorno ao próprio coração da essência da Igreja. Assim, seu principal enfoque pastoral não é propriamente reformista, no sentido de alterar ou criar estruturas eclesiais, não em um primeiro momento ao menos; porém, redescobrir no coração da Igreja sua característica sinodal e aplicá-la com mais ênfase às estruturas já existentes.

Desse modo, embora novos espaços para o desenvolvimento de uma estrutura sinodal sejam necessários e estão sendo estudados e buscados com a fase de implementação, a sinodalidade não deve ser uma característica em fase de criação nos meandros do Povo de Deus, mas em fase de busca de vivência; a Igreja deve se reconhecer, em todos os seus níveis, do universal ao local, como sinodal. Nesse sentido, quanto à natureza da Igreja, assim asseverou o Documento Final do Sínodo:

No decurso do processo sinodal, amadureceu uma convergência sobre o significado de sinodalidade que está na base deste Documento: a sinodalidade é o caminhar juntos dos Cristãos com Cristo e para o Reino de Deus, em união com toda a humanidade; orientada para a missão, implica o encontro em assembleia nos diversos níveis da vida eclesial, a escuta recíproca, o diálogo, o discernimento comunitário, a formação de consensos como expressão da presença de Cristo no Espírito e a tomada

de uma decisão em corresponsabilidade diferenciada. Nesta linha, compreendemos melhor o que significa que a sinodalidade é dimensão constitutiva da Igreja. (Documento Final, 2025, p. 32).

Dessa dita, chama atenção uma característica essencial ao conceito de sinodalidade, o “caminhar juntos”, que está na própria raiz etimológica da palavra. Assim, se por um lado, historicamente, o sínodo propriamente falando foi uma realidade mais episcopal, a sinodalidade é uma qualidade mais ampla e que, embora ocorra no sínodo dos bispos, vai para além dessa mesma estrutura. Por essa razão, aponta França Costa:

Nesse sentido, estamos aplicando uma palavra – sínodo – que tem, tradicionalmente, o significado do caminhar junto dos bispos, por conseguinte, algo mais episcopal, à toda a realidade eclesial. Sinodalidade há de entender-se, portanto, de maneira análoga, como entendemos a palavra *communio* (2020, p. 293).

Isso quer dizer que, sinodalidade se dá de modos diferentes em diferente níveis e contextos da realidade eclesial. Contudo, por outro lado e primeiramente, segundo o autor supracitado, a sinodalidade está inicialmente atrelada a própria identidade da Igreja como comunhão. Assim, diante do mistério da Igreja enquanto Corpo Místico de Cristo depreende-se da distinção e cooperação recíproca entre os membros qual seja a real implicância da sinodalidade na vida concreta da Igreja; caminhar juntos não é uma total uniformização das funções eclesiais, é na verdade uma compreensão profunda dessa distinção que, justamente por entender o lugar de cada membro, entende também a sua mútua dependência e necessidade de cooperação.

Tal visão aparece de maneira bastante clara na própria natureza do método sinodal, pois “Na verdade, o fato de *todos* participarem, *alguns* discutirem e *um* só fazer a síntese é o método que, de alguma maneira, a Igreja tem vivido no curso dos séculos com maior ou menor intensidade, de maneira mais manifesta ou menos manifesta” (Costa, 2020, p. 290). Assim, salta aos olhos uma distinção de múnus que não é, ao menos na sua origem, destinada à dominação de uns sobre os outros, mas sim ao serviço e a realização da missão comum a todos, na qual cada um tem uma responsabilidade particular ao mesmo tempo que uma concórdia uníssona de vontades.

Portanto, para compreender melhor o que seja o fim pastoral de uma prática sinodal, deve se retornar à fonte do ser cristão e o que está na base da vocação cristã, ou seja, a identidade batismal e a missão que daí deriva para todos os fiéis.

3 BATISMO E MISSÃO COMUM SINODAL

O batismo é a porta de entrada para a vida na Igreja, “Pelo Batismo somos libertos do pecado e regenerados como filhos de Deus; nos tornamos membros de Cristo; somos incorporados à Igreja e feitos participantes de sua missão” (Catecismo, 2023, p. 364). Portanto, ele está no fundamento da adesão à vida cristã e constitui um elemento essencial de sua identidade.

Nesse sentido, ele também está na base do comprometimento de todos os fiéis com a dimensão sinodal da Igreja. Posto que, incorporados pelo batismo ao Corpo Místico de Cristo, devem tomar parte na vida deste Corpo, o que implica corresponsabilidade entre si na distinção de funções; não à toa aponta o Documento Final do Sínodo:

Do Batismo em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo brota a identidade do Povo de Deus. Ele realiza-se como chamamento à santidade e envio em missão para convidar todos os povos a acolher o dom da salvação (cf. Mt 28,18-19). É, portanto, do Batismo, no qual Cristo nos reveste de Si mesmo (cf. Gal 3,27) e nos faz renascer pelo Espírito (cf. Jo 3,5-6) como filhos de Deus, que nasce a Igreja sinodal missionária (Documento Final, 2025, p. 26).

Revestidos de Cristo pelo batismo e incorporados ao Corpo dele, os fiéis recebem uma missão, continuar a missão do Senhor. Na realidade, esta é a própria missão da Igreja dada por Jesus, “como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20, 21), continuar sua obra de levar toda a humanidade à perfeita comunhão de amor com e por meio de Deus Uno e Trino.

Porém, se por um lado existe uma grande missão comum, seu processo de realização na ação concreta da Igreja se diversifica bastante, pois vários são os setores que a Igreja atua para dirigir-se a este nobre fim, desde suas ações caritativas até suas celebrações litúrgicas, desde sua administração interna até seu magistério social para o mundo, desde o testemunho cotidiano de todos os fiéis até os concílios ecumênicos; e nesses diversos setores, distintamente, todos os fiéis atuam para chegar ao fim comum, sejam leigos ou clérigos, religiosos ou não religiosos.

Nesse diapasão, percebe-se a ação pastoral da Igreja à luz da sinodalidade, na qual todos são corresponsáveis pela única missão da Igreja, todos tomam parte nela, todos devem ajudar, todos tem o seu lugar próprio, todos mediante uma diversidade de funções próprias; não sem razão o Concílio declarou acerca da atividade dos leigos, “o apostolado leigo é participação na própria missão salvadora da Igreja. Todos estão qualificados pelo Senhor ao exercício desse apostolado, através do

batismo e da confirmação” (Vaticano II, 2007, p. 217), pois os leigos também cooperam, ao seu modo, para que a Igreja alcance o fim que lhe foi dado por Deus.

Contudo, isso aponta para a questão de quais são as chaves de ação pastoral sob o crivo da sinodalidade, o dilema de como todos os fiéis podem de fato estar envolvidos nas atividades da Igreja sem prejudicar o que é próprio de cada um, porém, ao mesmo tempo, garantido a participação integral dos membros do corpo eclesial.

4 ATUAÇÃO PASTORAL EM CHAVE SINODAL

De fato, há de se reconhecer que não foi sempre que a Igreja atuou em perspectiva de participação integral, houve sim períodos históricos em que o ser da Igreja era basicamente identificado com a hierarquia. Entretanto, se sinodalidade é uma dimensão essencial da própria identidade eclesial, factualmente ela nunca pode se extinguir por completo e não pode ser entendida como um instante relativo da vida eclesial, ela deve estar em todos os espaços de modos distintos, mas de certa forma presente em toda a estrutura eclesial.

Dessa forma, pensar em sinodalidade e atuação pastoral não pode ser, em uma primeira instância, um exercício de criação *ex novo*, mas uma prática de retorno a si da própria Igreja em todas as disposições de sua estrutura, desde as instituições internas oficiais, pastores e leigos, para identificar como ela pode ser mais sinodal a partir de dentro, pois, como o Documento Final aponta quando fala dos organismos de participação, “a participação dos Batizados nos processos de decisão, bem como as práticas de prestação de contas e avaliação, realizam-se através de mediações institucionais, antes de mais os organismos de participação que, a nível da Igreja local, o direito canónico já prevê” (Documento Final, 2025, p. 73-74), muitas das quais já tem meios possíveis de funcionamento mais participativos e que favorecem uma atuação mais geral de todos, meios de funcionamento esses que, muitas vezes, não são aplicadas.

Contudo, antes do mais, é necessário reconhecer que participação na Igreja não implica propriamente poder de governo, mas corresponsabilidade na missão comum. Do contrário corre-se o sério risco de se contradizer a lei máxima que é o Evangelho, “[...] sabeis que os governadores das nações as dominam e os grandes as tiranizam. Entre vós não deverá ser assim. Ao contrário, aquele que quiser tornar-se grande entre vós seja aquele que serve [...]” (Mt 20, 25-26). Portanto,

participação sinodal na Igreja não está, ao menos em um primeiro momento em ordem a reformar as estruturas, porém em ordem ao serviço comum na missão.

Isso não implica dizer que no processo de busca de implementação do Sínodo não se verifique a necessidade de mudanças estruturais, o que certamente será percebido. Sem embargo, o verdadeiro horizonte de uma ação pastoral sinodal está para além de qualquer estrutura transitória ou processo pontual, é um modo de ser conatural a Igreja, ou, como diz o Sínodo:

O processo sinodal fez-nos experimentar o “prazer espiritual” (EG 268) de ser Povo de Deus, reunido de todas as tribos, línguas, povos e nações, vivendo em contextos e culturas diversas. Nunca é a simples soma dos Batizados, mas o sujeito comunitário e histórico da sinodalidade e da missão, ainda peregrino no tempo e já em comunhão com a Igreja do céu (Documento Final, 2025, p. 26).

Assim, a Igreja sinodal dá-se não em normas legais ou estatutos oficiais, pois quando estes ocorrem são sua manifestação externa, posto que seu verdadeiro ser está radicado, quanto a cada fiel, na dignidade batismal e na corresponsabilidade na missão da Igreja que daí deriva. Na vida da Igreja, ela se verifica concretamente, sem dúvida, em estruturas de permitem o envolvimento e a participação de todos segundo seus diversos ministérios, porém, mais profundamente ela existe antes de tudo quando a consciência eclesial entende que a Igreja é espaço para todos os fiéis e que nela todos tomam parte na obra de Deus.

Disto resulta que Igreja Sinodal é sinal de uma comunhão profunda e nunca fechada em si, pois, se sinodalidade se dá na participação comum na obra da Igreja, esta obra não é em pró somente da própria Igreja, e sim do mundo inteiro. Na verdade, na sinodalidade da Igreja peregrina se vê sua relação profunda com o mundo, pois, como afirmou o Concílio, a Igreja “[...] formada por homens e mulheres que, reunidos em Cristo e guiados pelo Espírito Santo em sua busca do reino de Deus, sentem-se real e intimamente unidos a todo o gênero humano e à sua história, por terem recebido a mensagem da salvação para comunicar a todos” (Vaticano II, 2007, p. 471). Assim, em sua sinodalidade a Igreja também partilha da história humana e é tocada também pelos processos históricos de exclusão e de desagregação do mundo.

Portanto, ser uma Igreja cuja marca é a sinodalidade não é somente uma busca de consenso interno, mas também cumprimento da função da Igreja de ser “[...] o sinal e instrumento da união com Deus e da unidade de todo gênero humano” (Vaticano II, 2007, p. 185), mostrando assim que ela participa da comunhão de amor que do seio da Beatíssima Trindade promana para dentro dela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi dito, deseja-se mostrar que a busca de uma Igreja sinodal nada mais deveria ser do que uma busca de como ser Igreja, uma volta profunda a sua essência. Na realidade, pensar em sinodalidade dessa forma coloca essa busca na linha da intenção do Concílio Vaticano II e mostra que tal temática não é uma inovação propriamente dita, é, verdadeiramente, uma tentativa de a comunidade dos discípulos do Senhor voltar às suas origens, regressar a sua estrutura de comunhão e participação como envolvimento de todos em seus mais diversos serviços eclesiais.

Nesse sentido, embora mudanças organizacionais sejam necessárias, o principal movimento preciso é o de consciência, por parte dos fiéis para que percebam que tem o sagrado encargo de tomar parte na vida da Igreja, por parte dos pastores para que favoreçam nos âmbitos já existentes na Igreja uma participação integral em que todos tenham sua parte devida na organização e atuação pastoral da Igreja.

Sendo a sinodalidade o modo próprio de existir da Igreja, isso em nada representa um risco para a autoridade eclesial, ao menos para a autoridade que se compreende como serviço da comunhão, pois a sinodalidade permite que a Igreja testemunhe com mais força ao mundo o brilho de sua natureza e sua missão através de uma íntima união no amor entre irmãos, mostrando que o seu ser vem de Deus e que sua função é conduzir todos a Ele, agindo desse modo como o alívio das feridas deste mundo cercado por divisões e rixas.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Tradução de Euclides Martins Balancin *et al.* São Paulo: Paulus, 2002.

CATECISMO da Igreja Católica. 5. ed. Brasília: Edições CNBB, 2023.

FRANÇOÁ, Costa. **A Igreja de Jesus Cristo**: Ecclesiologia hoje. São Paulo: Cultor de Livros, 2020.

SECRETARIA GERAL DO SÍNODO DA IGREJA. Por uma Igreja sinodal: comunhão, participação e missão. **Documento Final**. Brasília: Edições CNBB, 2025.

VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: Sobre a Igreja. In: VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 185-247.

VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*: Sobre a Igreja no mundo de hoje. In:
VATICANO II. **Mensagens, discursos e documentos**. 2. Ed. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 470-
549.

ECLESIOLOGIA E SINODALIDADE: O FUTURO DA IGREJA NO TERCEIRO MILÊNIO

Antonio Danilo Ferreira de Oliveira³⁵

RESUMO

Analizando o futuro da Igreja no terceiro milênio a partir da eclesiologia conciliar e do atual processo que vivemos de sinodalidade. Ciente que a sociedade contemporânea atravessa crises profundas - sociais, relacionais e institucionais - às quais a Igreja também reage com esforços de purificação e renovação. Diante disso, temos como objetivo observar o Concílio Vaticano II e refletir nele um momento decisivo de redefinir e resenhar a Igreja como Povo de Deus e sacramento de unidade. Reiterando a participação ativa de todos os batizados na missão evangelizadora. Junto ao Concílio, lançamos o olhar no Sínodo da Sinodalidade lançado em 2021, que acentua três eixos fundamentais: comunhão, participação e missão. Como resultado queremos perceber na sinodalidade, entendida como “caminhar juntos”, um eixo central para o desenvolvimento da Igreja no terceiro milênio. Onde este ideal exige escuta, discernimento e superação do clericalismo, favorecendo corresponsabilidade e maior distribuição de tarefas e ministérios na vida eclesial. O estilo eclesial aponta com novos olhos: proximidade, compaixão e ternura, designado pelo Papa, torna-se chave para que a Igreja responda aos tantos desafios contemporâneos. A renovação da mentalidade dos batizados e o reencontro enquanto batizado é visto como essencial para que estruturas e práticas pastorais se revitalizem, valorizando os carismas e os dons concedidos pelo Espírito. O Documento de Aparecida, já nos inspira a pensar dessa forma, reafirma-se que todo encontro com Cristo impulsiona à missão. Assim, a Igreja em harmonia sinodal é chamada a testemunhar cada dia mais o Evangelho com autenticidade, oferecendo ao mundo sinais de justiça, paz, misericórdia e esperança. O estudo conclui que o caminho sinodal é um processo de longo prazo, porém indispensável para que a Igreja responda de modo fiel a Jesus Cristo e aos desafios de hoje, formando comunidades unidas, participativas e missionárias para as próximas décadas.

Palavras-Chave: Sinodalidade; Comunhão; Conversão; Futuro.

ABSTRACT

This study analyzes the future of the Church in the third millennium in light of the ecclesiology of the Second Vatican Council and the current process of synodality. Acknowledging that contemporary society is experiencing profound social, relational, and institutional crises, to which the Church responds through ongoing efforts of purification and renewal, the research aims to examine the Second Vatican Council as a decisive moment in redefining the Church as the People of God and the sacrament of unity, reaffirming the active participation of all the baptized in the Church's evangelizing

³⁵ Graduado em Filosofia pela universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2020). Graduando em Teologia pelo Centro Universitário Católica do Rio Grande do Norte (UniCatólica) (2025). Email: daniloferreira9000@gmail.com

mission. It also considers the Synod on Synodality, inaugurated in 2021, which emphasizes three fundamental dimensions: communion, participation, and mission. The study argues that synodality, understood as "journeying together," constitutes a central guiding principle for the development of the Church in the third millennium. This vision requires attentive listening, communal discernment, and the overcoming of clericalism, fostering co-responsibility and a broader distribution of ministries and responsibilities within ecclesial life. Inspired by Pope Francis' emphasis on proximity, compassion, and tenderness, the research highlights a renewed ecclesial style capable of responding to contemporary challenges. It further emphasizes that the renewal of the baptismal consciousness of the faithful is essential for revitalizing ecclesial structures and pastoral practices while recognizing the charisms and gifts bestowed by the Holy Spirit. The *Aparecida Document* reinforces this perspective by affirming that every authentic encounter with Christ leads naturally to mission. The study concludes that a synodal Church is called to bear an ever more authentic witness to the Gospel by offering signs of justice, peace, mercy, and hope to the world. Finally, it argues that the synodal journey is a long-term but indispensable process for enabling the Church to remain faithful to Jesus Christ while responding effectively to the challenges of the contemporary world, forming communities that are united, participatory, and missionary.

Keywords: Synodality; Communion; Conversion; Future.

1 INTRODUÇÃO

Vivemos um momento de fortes impactos e mudança em todo o cenário da atual conjuntura da sociedade, que não se distancia de momentos de crise e de enfraquecimento das relações. Observando esse contexto percebemos que a Igreja Católica, também nas últimas décadas vem passando por purificações de determinadas situações e buscando cada vez mais um processo de progressão rumo a abertura de todo o povo de Deus a compreender um caminho que desejamos trilhar com alegria e imbuído do Espírito de Deus que renova e há de fazer nova todas as coisas.

Nesse sentido, estamos ainda no desabrochar no terceiro milênio que quer assumir com mais convicção um processo de responsabilidade entre os batizados e aos que abraçam a fé no Senhor Jesus. Por isso por orientação do Papa Francisco, desejoso de abrir portas e estradas convocou em 2021, o sínodo para a sinodalidade, na busca de fomentar cada vez mais a proposta de caminhar juntos, em harmonia, reavaliar a conjuntura eclesial e perceber aspectos que necessitam de uma reestruturação. Fazendo do povo de Deus num todo, cada vez mais ativo e responsável pelos acontecimentos e acompanhamentos dos processos que ocorrem em cada comunidade diocesana/paroquial.

Com os olhares a despontar sob próximos anos deste milênio, fizemos neste presente escrito algumas observações acerca das perspectivas e o modo como a Igreja, enquanto sacramento universal

de salvação, anunciadora da verdade do Evangelho e do Reino de Deus, deseja trilhar e como indica para que haja a plena realização dos episódios propostos, ante as circunstâncias atuais das nossas comunidades eclesiais.

Assim, a princípio vamos tratar da proposta trazida pela própria instituição após a década de 60 e as consequências às quais elas nos incumbem de assumir e em continuidade iremos abordar acerca do documento final do documento do sínodo da sinodalidade, fruto de todo o processo de escuta, discernimentos e acompanhamento feito pelas dioceses e pela guia do colégio episcopal, do decorrer desses últimos quatro anos.

2 CAMINHAR JUNTOS

A partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, a igreja amplia a sua visão e o seu modo de pensar a própria igreja, em relação e em sintonia com as características próprias dela. É indiscutível que neste momento na história da Igreja surge uma nova virada eclesiológica. Neste momento os horizontes são ampliados e reafirma a indispensabilidade do povo e principalmente sua consciência ativa e plena nas celebrações e na própria vida eclesial.

Insurge a percepção da Igreja e suas características, que por ser Mistério e povo de Deus, se completam como uma obra pensada por Deus e organizada humanamente. A proposta trazida pela Concílio é de retornar as fontes e destes primórdios de nossa fé ser inesgotável de mística e ação para o hoje. Evidenciando os seus pilares e reiterando que a Igreja é um corpo e todo membro é importante e cada um realizando o seu ministério coopera na evangelização e na construção do Reino, fazendo chegar a salvação que une-se a Igreja como Sacramento universal para esta realização.

Todos esses argumentos e prerrogativas são destacadas e manifestas no importante documento do Concílio: Lumen Gentium. É nele que está contido os “novos” caminhos que a Igreja pretende seguir numa contextualização teórica acerca da compreensão do mistério da Igreja e de sua dinamicidade, para chegar a uma plenitude destas perspectivas, faz-se necessário até os dias de hoje uma busca contínua, perspicaz e animada para manter-se viva esta ideia eclesial. As palavras de abertura representam irretocavelmente a beleza que há de ser buscada:

A luz dos povos é Cristo: por isso, este sagrado Concílio, reunido no Espírito Santo, deseja ardentemente iluminar com a Sua luz, que resplandece no rosto da Igreja, todos os homens, anunciando o Evangelho a toda a criatura (cfr. Mc. 16,15). Mas

porque a Igreja, em Cristo, é como que o sacramento, ou sinal, e o instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano, pretende ela, na sequência dos anteriores Concílios, pôr de manifesto com maior insistência, aos fiéis e a todo o mundo, a sua natureza e missão universal. E as condições do nosso tempo tornam ainda mais urgentes este dever da Igreja, para que deste modo os homens todos, hoje mais estreitamente ligados uns aos outros, pelos diversos laços sociais, técnicos e culturais, alcancem também a plena unidade em Cristo (Concílio Vaticano II, 1964, §1).

Neste sentido, queremos nos deter no conjunto da perspectiva do concílio e sobretudo na fusão destes que nos apontam para um caminho sinodal, ou seja, o de caminhar juntos, em união com todos: clérigos, leigos esse conjunto que forma o povo de Deus e dessa forma, nos debruçar a pensar caminhos e luzes no desabrochar deste terceiro milênio.

O Papa Francisco tão bem demonstrou durante o seu pontificado a sua visão eclesiológica na busca de uma Igreja que saiba ouvir, dialogar e decidir, em bom tom e comum acordo de todos e do bem da igreja. Convocado o Sínodo da Sinodalidade e desenvolvendo a sua marca, confirmando que todos os batizados são responsáveis também para os processos decisórios e reiterando fazem parte do senso da fé que é “despertado e sustentado pelo Espírito de verdade. Graças a este senso, o povo de Deus [...] obedece à palavra de Deus” (Concílio Vaticano II, 1964, §12).

Em sua convocação para a abertura do sínodo, Francisco enfatiza as palavras-chaves deste momento forte: Comunhão, participação e missão. A comunhão e a missão são fortemente expressões própria da igreja e de tal forma, teológica. Quando a participação é um momento de redescoberta e de reintegração ao compasso da caminhada de perspectiva sinodal, para que não seja mera teoria.

Comunhão e missão correm o risco de permanecer termos meio abstratos, se não se cultiva uma práxis eclesial que se exprima em ações concretas de sinodalidade em cada etapa do caminho e da atividade, promovendo o efetivo envolvimento de todos e cada um. Naturalmente celebrar um Sínodo é sempre bom e importante, mas só é verdadeiramente fecundo se se tornar expressão viva do ser Igreja, dum agir caracterizado por verdadeira participação. E isto, não por exigências de estilo, mas de fé. A participação é uma exigência da fé batismal (Francisco, 2021).

Logo, é salutar a consciência de todo o povo de Deus, batizados, que possam cada vez mais entrar na dinâmica e “deste novo modo”, de ser igreja, que ao tratarmos de uma sinodalidade vislumbramos “o específico *modus vivendi et operandi* da Igreja povo de Deus que manifesta e realiza concretamente o ser comunhão no caminhar juntos, no reunir-se em assembleia e no participar ativamente de todos os seus membros em sua missão evangelizadora” (Comissão Teológica

Internacional, 2018, §6). Ou seja, todos participam, caminham juntos, traçam objetivos seja na igreja local ou em comunhão com os organismos eclesiais e tem como marca final a evangelização.

Podemos considerar em temerosas palavras, que o objetivo deste sínodo, visa projetar as dimensões da Igreja num futuro, seja a curto ou a longo prazo, pelo fato que ainda se faz necessário buscar uma verdadeira imersão nas abordagens do CVII, os batizados serem realmente conscientes de suas atividades, funções, ministérios e serviços como corpo místico de Cristo e serem enxertados pelo Espírito transformador e renovador. Acompanhando os sinais dos tempos, as pessoas possam caminhar junto a ele, buscando sempre consonância, unidade e apresentar que a Igreja permanece presente e vive nos mesmos desejos e anseios da humanidade, seja repleta de ânimo que toca a alma e o coração humano, que não seja inerte e torne-se fechada nela mesma. É isto que o papa que enfatizar, para que saibamos corresponder ao estilo de Deus na Igreja, se não conseguirmos mais transmitir o modo dele agir, não seremos capazes de transmitir o Deus amoroso e seremos apenas mais uma organização, correndo o grande risco de ser tomada por um vazio.

O estilo de Deus é proximidade, compaixão e ternura. Deus sempre agiu assim. Se não chegarmos a esta Igreja da proximidade com atitudes de compaixão e ternura, não seremos Igreja do Senhor. E isto não só em palavras, mas com a presença, de tal modo que se estabeleçam maiores laços de amizade com a sociedade e o mundo: uma Igreja que não se alheie da vida, mas cuide das fragilidades e pobreza do nosso tempo, curando as feridas e sarando os corações dilacerados com o bálsamo de Deus (Francisco, 2021).

Proximidade, compaixão e ternura, a tríada trazida pelo papa, segue o caminho que desejamos trilhar para desbravar o terceiro milênio, que os cristãos estejam abertos a uma conversão interior, capaz de irradiar à sociedade, um testemunho autêntico e sincero, sendo em Jesus Cristo o farol que sejam todos guiados. Uma Igreja capaz de entregar-se como conforto aos necessitados, mas que não permanece no conforto, que vai além e se desafia aos que nela professam a fé, sendo sinal visível de comunhão e corresponsabilidade, fiel ao Evangelho.

3 APONTAMENTOS PARA O TERCEIRO MILÊNIO

Observando o atual contexto social, percebemos de forma clara que as esferas estão marcadas por crises, mais do que nunca, em todos os âmbitos: sociais, familiares, institucionais e financeiras. Vivemos há poucos anos a grande pandemia da COVID-19, que veio despertar ao nosso pensamento

e a crítica, que tais relações superabundam em fragilidades, demonstrando que precisamos melhor sabermos nos relacionar e conviver uns com os outros.

A Igreja buscando um caminho sinodal, pretende responder ou se manifestar ante esses apelos que a sociedade demonstra, fazendo dela, um lugar de manifestação do supremo bem a todas as pessoas. Por isso a necessidade que urge em saber preparar os caminhos nessa Igreja para os vindouros anos deste terceiro milênio, buscando a concretização da sonhada comunhão e participação, no bem de todos e em resposta às necessidades dos tempos.

A Assembleia reconhece que a humanidade contemporânea vive profundas transformações, que geram incerteza e sofrimento, mas também novas possibilidades de comunhão e solidariedade. A Igreja é chamada a escutar estas vozes, discernir nelas os apelos do Espírito e renovar o seu compromisso de serviço à família humana (Sínodo Dos Bispos, 2024, § 10).

Para podermos chegar a essa realização do comprometimento com a família humana e promoção do bem comum, o documento final apresenta de fundamental importância a conversão nos processos, se não houver um real convertimento nas esferas, não se chegara ao esperado. Nele é apresentado a conversão no Senhor Jesus das relações, dos processos e dos vínculos, para que seja eficaz aos apelos que ansiamos. É um momento de grande atualização, é preciso que mude para que possa dar seguimento pleno ao processo de comunhão, participação e missão.

Em cada um desses aspectos que necessitam a conversão, há um direcionamento e uma verdadeira mudança, mas a principal “*metanoia*”, que podemos considerar urgente, no que tange a das relações, é a mentalidade de cada batizado que forma a porção do povo de Deus, esta acarretara em consequência às outras conversões que urgem – institucionais, de vínculo e de processos. Dessa forma que acontecerá as demais sem grandes resistências, pois a própria mentalidade que foi adequada a realidade do caminho eclesial e sinodal, inspirados na distribuição de dons que o Espírito concede a cada um “há diversidade de dons, mas o Espírito é o mesmo” (1Cor 12, 4), suscitados por Paulo, em que na comunidade todos tem uma função, um dom, um ministério, somos capazes de compreender à dinâmica da Igreja como corpo.

Para que essa situação seja verdadeiramente constituída na igreja, é preciso a consciência ser tomada desde já, com determina urgência, numa perspectiva visionária das próximas décadas. Colocar a responsabilidade de cada um como membro do corpo é uma iniciativa que deve implantar no público infanto-juvenil para que possam crescer nessa mentalidade, e nas pastorais constituintes

dos corpos paroquiais serem rememorados que caminhamos juntos e em distribuição de tarefas, fazendo-se evitado qualquer tipo de autoritarismo ou pastoral com tempos existentes, mas inativa, caduca e estéril do Espírito, necessitando sempre de renovação e retirando da pastoral a ideia de imobilidade.

Na comunidade cristã, todos os Batizados são enriquecidos com dons para partilhar, cada um segundo a sua vocação e a sua condição de vida. As diversas vocações eclesiais são, de facto, expressões múltiplas e articuladas do único chamamento batismal à santidade e à missão. A variedade dos carismas, que tem a sua origem na liberdade do Espírito Santo, tem como objetivo a unidade do Corpo eclesial de Cristo (cf. LG 32) e a missão nos diversos lugares e culturas (cf. LG 12). Estes dons não são propriedade exclusiva de quem os recebe e exerce, nem podem ser motivo de reivindicação para si ou para um grupo (Sínodo Dos Bispos, 2024, § 57).

Unido a este compasso da harmonia sinodal, e de conversões de relações de todos os seres batizados, evidentemente esta englobado neste processo, a fiel colaboração e participação dos ministros ordenados que tem a função primordial de ser guia e cabeça de uma determina porção do povo. Indiscutivelmente, para que os processos seguintes sejam tomados como necessidade, os pastores devem encabeçar com responsabilidade e zelo pastoral para que isso se realize e não se deixe em desamparo e abandono, motivo pelo qual surge desesperanças em nossos ambientes eclesiais.

Dessa maneira trata-se de incentivar, acompanhar, ouvir, distribuir funções e promover os ministérios, seja a competência do episcopo local ou dos fieis colaboradores que administram as paróquias e que mantem a organização diocesana. A partir de experiências como essas de corresponsabilidades, surge uma nova visão eclesial e as competências para a promoção da sinodalidade e dissipação do clericalismo ainda tão arraigado em nossas comunidades.

Uma distribuição mais articulada das tarefas e das responsabilidades, um discernimento mais corajoso daquilo que pertence propriamente ao ministério ordenado e daquilo que pode e deve ser delegado a outros, favorecerá o seu exercício de modo espiritualmente mais sadio e pastoralmente mais dinâmico em cada uma das suas ordens. Esta perspectiva não deixará de ter um impacto nos processos de decisão caracterizados por um estilo mais claramente sinodal. Ajudará também a superar o clericalismo, entendido como uso do poder em benefício próprio e distorção da autoridade da Igreja que está ao serviço do Povo de Deus (Sínodo Dos Bispos, 2024, § 74).

Com uma realidade eclesial distribuída dessa forma, com consciência e com seus respectivos ministérios, suscitando uma eficácia do batismo e a vivência do seu tríplice múnus régio,

vislumbramos com veracidade uma conclusão que a Igreja nos dá como consequência: o discipulado-missionário. Somos continuamente chamados a dar testemunho com nossa vida cristã, mas sobretudo em permanecer fiel e atento na escuta e aos pés do mestre Jesus, para vivermos como discípulos do seu amor e em aceitar a proposta do Reino de Deus. O fato de sermos discípulos não nos qualifica como necessariamente agentes ativos da missão evangelizadores, somos incumbidos de assumir a responsabilidade de dar continuidade a missão evangelizadora sob guia do Espírito Santo. Ser missionário é a resposta do batismo e do discipulado, que fazem os pés andar, devido o ardor do coração aquecido por Jesus em sua maestria.

A Igreja entendeu que tal proposta deveria reverberar em nossas comunidades, com um maior apelo proposto pelo CVII, do povo de Deus que compõe o corpo místico de Cristo e da Igreja, serem eles mesmos agentes da construção e da transformação da realidade, como lugar de “Justiça, paz e alegria” (Rm 14, 16). Na América Latina, podemos mencionar como o Documento de Aparecida, do ano de 2007, dispôs de uma convocação desde aquele tempo a uma conversão, a um encontro pessoal com Jesus e ao chamado a sermos discípulos-missionários.

O discípulo, à medida que conhece e ama o seu Senhor, experimenta a necessidade de compartilhar com outros a sua alegria de ser enviado, de ir ao mundo para anunciar Jesus Cristo, morto e ressuscitado, e tornar realidade o amor e o serviço na pessoa dos mais necessitados, em uma palavra, a construir o Reino de Deus. A missão é inseparável do discipulado, o qual não deve ser entendido como etapa posterior à formação, ainda que esta seja realizada de diversas maneiras de acordo com a própria vocação e com o momento da maturidade humana e cristã em que se encontre a pessoa (Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, 2007, n., 2007, § 278).

Logo, não podemos pensar numa construção eclesial sinodal, sem estar introjetado nos seres batizados, de todas essas responsabilidades que são acarretadas, o discipulado, a dimensão missionária, para que possa corresponder ao caminho que se é proposto. É nesse aspecto que se pode colher os frutos de uma igreja que caminha junto, tomando o senso de pertença, responsabilidade e de amor à Deus e ao seu projeto de vivificar no meio do povo. A formação, portanto, é necessária para trilhar essa jornada de conhecimento e mistagogia em seguir os passos de Nosso Senhor. E nessa formação já somos inseridos em nossos derredores, as comunidades, as paróquias, seminários, as famílias, as instituições educacionais, em todos estas há espaço para edificação e valorização do que

queremos anunciar, validando o senso eclesial, pastoral, o *sensus fidei*, e a proposta que assim trazemos.

Todos esses elementos mencionados que são necessários para impulsionar a sinodalidade, dessa forma, neste terceiro milênio precisamos do ânimo e da esperança para buscar vivermos com verdade e sinceridade, a busca por processos e vínculos que estejam em sintonia do espírito de unidade, de estar juntos e ninguém estar caminhando em uma igreja paralela, desvinculada da realidade e seguindo critérios de uma autoreferencialidade, mas sim em busca de imitar o Cristo servo e fiel, bebendo da espiritualidade como fonte inesgotável com lugar primordial pela participação da eucaristia.

Uma palavra chave para a adequação desses processos se dar a partir da escuta, ela se faz indispensável para dar a progressão e continuidade aos processos, enfatiza o protagonismo laical e amplia os horizontes e as mais diversas possibilidades que surgem. É nela que dá visibilidade aos apelos que estamos no intento de encontrar, sempre na perspectiva de “um estilo renovado nas relações eclesiais, de novas dinâmicas participativas e de discernimento eclesial, e de uma cultura da avaliação, que não pode instaurar-se sem o acompanhamento de processos formativos orientados” (Sínodo Dos Bispos, § 141), após uma escuta centrada, acontece um discernimento, e a realização. Traduzimos ao que o lema elucida: comunhão, participação e missão.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao decorrer desses apontamentos acerca da sinodalidade e este prelúdio do futuro da igreja, podemos perceber de antemão que alguns processos serão tomados ainda a longo prazo, com muita insistência e persistência em nossos ambientes eclesiais para a continua realização de tais tomadas de decisões e consciência ativa dos membros.

Não é nenhuma novidade ruptoriosa que a Igreja está trazendo para ser vivido, mas sim um cumprimento do que se foi esperado do Concílio Vaticano II, das discussões eclesiais dos colégios episcopais (Puebla, Medellín, Aparecida...), da Doutrina Social. São complementariedades que está intensificando-se para dar continuidade a comunidade que Jesus organizou, na busca de responder aos tempos presentes e futuros, pois cada vez mais estamos inseridos em contextos de desafios e a Igreja necessita de levantar voz profética e esperançosa.

Diante disso, será sempre processos de conversão e de escuta para que se concretize o sentido de caminhar juntos. De tal modo que isso seja trabalhado naqueles que “estão chegando” (catecúmenos, neófitos...) para que seja introjetado desde cedo uma perspectiva eclesiológica de unidade e comunhão, que se constrói juntos a caminhada e não isolado ou dissociado da realidade em que se vive. Outrossim, que aos poucos os bispos e padres de paróquia, possam dar sustento a esse ideal que sonhamos, exercendo através do múnus de ensinar, diligentemente der abertura aos processos, aos vínculos e as pastorais para ser lugar de acolhimento e que haja tudo em vista ao seguimento a Jesus Cristo.

Portanto os discípulos-missionários, revestidos da alegria do Evangelho, valorizando o seu batismo e seu protagonismo laical, unido a cabeça da igreja por meios dos pastores que conduzem possam forma uma comunidade sinodal. Capazes de irradiar a luz de Cristo, na misericórdia, bondade e ternura as pessoas, que assim eles possam serem tocados por esse amor e encontrar-se com Jesus, tornando a Igreja um lugar de todos, todos e todos.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. *Nova edição, revista e ampliada.* São Paulo: Paulus, 2002.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A sinodalidade na vida e na missão da Igreja.* Roma: Congregação para a Doutrina da Fé, 2 mar. 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalit_a_po.html. Acesso em: 22 out. 2025.

CONCÍLIO VATICANO II. *Lumen Gentium: Constituição Dogmática sobre a Igreja.* Promulgada por Sua Santidade o Papa Paulo VI, em 21 de novembro de 1964. Vaticano: Santa Sé, 1964. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em: 22 out. 2025.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE (5.: 2007: Aparecida, SP). *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe.* 4. ed. São Paulo: Paulus; Brasília, DF: Edições CNBB, 2007.

FRANCISCO. *Momento de reflexão para o início do percurso sinodal.* Discurso na Sala Nova do Sínodo, 9 out. 2021. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2021/october/documents/20211009-apertura-camminosinodale.html>. Acesso em: 22 out. 2025.

SÍNODO DOS BISPOS. *Por uma Igreja sinodal em missão: Documento final da XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos*. Brasília: Edições CNBB, 2024.

PISTAS PARA A FASE DE IMPLEMENTAÇÃO DO SÍNODO: A CONVERSÃO PASTORAL E O “NOVO” MODO DE SER IGREJA

Francisco Alex Soares Matias³⁶

RESUMO

O presente artigo, tem como título “Pistas para a fase de implementação do Sínodo: a conversão pastoral e o ‘novo’ modelo de ser Igreja”, buscando dar luzes diante do percurso sinodal a ser assumido na vida da Igreja. Dessa maneira, temos como objetivo indicar as principais pistas para o processo de implementação sinodal e como a conversão pastoral deve estar presente na vida cotidiana das comunidades eclesiais, revelando a sua urgência e necessária mudança nos percursos eclesiais. Assim, por meio de uma revisão bibliográfica tentamos alargar a compreensão sobre a dimensão sinodal da vida da Igreja e de seus principais efeitos dentro do cominho eclesial. Na discursão, tentamos retornar ao percurso sinodal que fora proposto desde os momentos de escuta até as duas assembleias sinodais que sintetizaram tudo aquilo que foi produzido nas Igrejas do mundo todo. Em um segundo momento, tentamos compreender como a sinodalidade é um elemento basilar e de sua importância para o caminho eclesial. Em um terceiro momento, compreendemos as tarefas mais urgentes dos sujeitos eclesiais que devem a partir de suas funções ministeriais implementar em suas realidades locais. A conversão pastoral, como itinerário a ser seguido na realidade eclesial, exige mudanças substanciais aconteçam nas relações, nos processos e na transparência administrativas no âmbito eclesial. O apelo maior, é que a vida da Igreja torne-se mais participativo e efetive a missão da Igreja por meio da comunhão de todos os ministérios, formando um único corpo que é chamado a ser povo de Deus, unido e congregado na mesma fé.

Palavras-Chave: Sinodalidade; Conversão Pastoral; Caminho eclesial; Implementação do Sínodo.

ABSTRACT

This article, entitled Guidelines for the Synod's Implementation Phase: Pastoral Conversion and the "New" Model of Being Church, seeks to offer insights into the synodal journey that the Church is called to embrace. Its primary objective is to identify key guidelines for the implementation of synodality and to demonstrate how pastoral conversion should become an integral part of the daily life of ecclesial communities, highlighting its urgency and the need for renewed ecclesial practices. The study is based on a bibliographical review that broadens the understanding of the synodal dimension of the Church's life and its principal implications for the ecclesial journey. The discussion begins by revisiting the synodal process, from the initial listening phase to the two Synodal Assemblies that synthesized the contributions gathered from local Churches throughout the world. It then examines synodality as a foundational element of ecclesial life and reflects on its significance

³⁶ Graduado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN) e bacharelado em Teologia pela UniCatólica do RN. Email: soaresalex491@gmail.com

for the Church's mission. Finally, the study identifies the most urgent responsibilities entrusted to the various ecclesial subjects, who are called to implement the synodal process within their local contexts according to their respective ministries. Pastoral conversion, understood as an essential path for ecclesial renewal, requires substantial changes in relationships, decision-making processes, and administrative transparency within the Church. The article concludes that the Church is called to become increasingly participatory, fulfilling its mission through the communion of all ministries and forming one body—the People of God—united and gathered in the same faith.

Keywords: Synodality; Pastoral Conversion; Ecclesial Journey; Synod Implementation.

1 INTRODUÇÃO

Após alguns anos de escuta sinodal, chega-se o grande momento em que estuda-se o exto final do sínodo e coloca-se em prática o mesmo. A fase de implementação tornou-se uma importantíssima etapa dentro do processo sinodal onde cada realidade local irá avaliar-se e estruturar a sua vida a partir de um novo jeito de ser Igreja a partir do modelo que próprio da Igreja: Sinodal. Para que todo esse processo possa ser bem executado, um novo planejamento é feito com cronogramas e etapas que podem ajudar nos discernimentos e avaliações de conjunturas e da implementação desse processo.

A questão que sobressai nesse momento e um pouco por vez é também a que norteia esse trabalho quais as pistas que podem ser dadas para que o processo de implementação do sínodo possa ser realizado de forma mais assertiva e maior eficácia nas Igrejas locais? O fundamento dessa questão, revela que a necessidade de que a partir do documento final do Sínodo (DF) e a partir do documento elaborado pela secretaria do sínodo contendo exatamente as pistas para o processo de implementação, sejam dissecados a fundo de forma de que todo o corpo eclesial possa tomar parte e sentir-se pertencendo e tendo responsabilidades diretas para a efetivação dos processos sinodais.

Dessa maneira, o presente artigo que tem o grande objetivo de iluminar o caminho sinodal apresentando em um formato simplificado, mas diretos as principais pistas para a implementação do sínodo, como também apresentar a conversão pastoral como uma necessidade vital para vida da Igreja e de como ela é a grande chave norteadora dos processos eclesiais. Dessa forma, pela atualidade e urgência do conteúdo em questão que o presente texto torna-se de grande relevância tanto para estudos acadêmicos, como também para o estudo na pastoral, viabilizando o acesso e um comentário sobre aquilo que os textos elaborados como fruto do sínodo se propõem.

Assim, será apresentado, primeiramente, uma retomada e síntese do processo sinodal que já acontecerá nas dioceses e na instância mundial, como também um pequeno cronograma de como deve

acontecer a implementação dele nas Igrejas locais. Em um segundo momento, apresenta-se a sinodalidade como a fonte do caminho eclesial e o processo de conversão pastoral como sendo uma urgência para a implementação desse novo jeito de ser Igreja. Por fim, apresenta-se de forma direta os agentes e as suas missões para que a implementação possa chegar nas mais pequenas instancias eclesiais e vida das comunidades, imprimindo, portanto, um jeito sinodal de ser Igreja.

2 PROCESSO SINODAL E A ABERTURA PARA A ESCUTA POR MEIO DO ESPÍRITO

Em abril de dois mil e vinte um (2021), o Papa Francisco convoca a XVI Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos para discutir um tema que é fundamental e que dá nome a própria reunião: a Sinodalidade. O sínodo, por excelência, sendo uma reunião de bispo para a discursão de temas relacionados a vida e a dinâmica eclesial, tem agora a missão de refletir sobre uma dimensão que é constitutiva dessa comunidade eclesial. Ao refletir sobre a sinodalidade na vida da Igreja, tem intenção de transformar ou reavivar a dinâmica que traspassa a sua constituição.

Nesse sentido, a realização do sínodo sobre a sinodalidade, tem um processo próprio que visa dar uma maior abertura para a dinâmica de discursão que outrora acontecia. Dessa maneira, todo o processo sinodal tem início com um grande processo de escuta ao povo de Deus dentro das Igreja particulares e patriarquias (outubro de 2021 à agosto de 2022), seguindo da fase continental (encerrada em março de 2023) até chegar as duas sessões da assembleia Sinodal em Roma (primeira sessão: 4 a 29 de outubro de 2023; segunda sessão: 2 a 27 de 2024).

Assim, o sínodo com o seu tema, *“Por uma Igreja sinodal: Comunhão, Participação e missão”*, deseja dar abertura a um discursão sobre a vida da Igreja que não seja centrada apenas nos bispos, mas que haja o engajamento de todos aqueles que participam da dinâmica eclesial.

Graças a esse movimento de descentralização da discursão eclesial, o sínodo dá um novo olhar para a realização de todos os seus processos eclesiais, permitindo que a participação de leigos, presbíteros, religiosos contribuam para a decisão tomada pelos bispos. A grande chave para toda essa dinâmica sinodal está em processo centrada na abertura ao Espírito santo.

2.1 O discernimento do Espírito no Processo Sinodal

O método do processo sinodal que prever etapas diferenciadas para o processo de escuta, pressupõem um discernimento espiritual entre aqueles que participam das discursões e reflexões temáticas. Nesse sentido, não é apenas uma conversa para refletir temas, mas o Papa Francisco fez um convite para uma conversação no espírito³⁷ para que por meio dessas possibilite um verdadeiro discernimento para os processos eclesiais que aconteceriam posteriormente.

Dessa maneira, a conversação no espírito torna-se um dos mecanismos centrais para o sínodo tenha a sua eficácia. Nesse sentido, “ela não representa o único método sinodal, nem pode ser confundida com o discernimento eclesial, ao serviço da qual se coloca como instrumento e preparação (Pistas, 21)”, mas torna-se um elemento essencial e necessário ser inserido dentro das realidades locais e processos de escuta. Nessa conjuntura, o discernimento eclesial nasce como um mecanismo para a tomada de decisões que não se baseiem, apenas, no pensamento ou crítica pessoal, mas os que fazem o discernimento, realizam uma escolha segundo as necessidades da Igreja, para o bem da Igreja. Sobre esse aspecto o Documento final do Sínodo (DF) comenta:

82. O discernimento eclesial não é uma técnica organizativa, mas uma prática espiritual a ser vivida na fé. Requer liberdade interior, humildade, oração, confiança recíproca, abertura à novidade e abandono à vontade de Deus. Nunca é a afirmação de um ponto de vista pessoal ou de um grupo, nem se resolve na simples soma de opiniões individuais; cada um, falando segundo a sua consciência, abre-se à escuta daquilo que os outros em consciência partilham, para procurarem juntos reconhecer “o que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2,7) (DF, 2024, p.28).

Nessa compreensão, o processo sinodal de escuta e discernimento, faz um retorno ao que a Igreja em suas origens se fundamenta: movida pela ação do Espírito Santo. Assim, saindo de ideias racionais que centram-se na defesa de pensamentos pessoais, mas ouvindo os apelos que o Espírito suscita na Igreja por meio de seus membros, alargamos e construímos novas perspectivas ouvindo os

³⁷ 45. A conversação no Espírito é um instrumento que, mesmo com os seus limites, é fecundo para permitir a escuta e o discernimento do “que o Espírito diz às igrejas” (Ap 2,7). A sua prática suscitou alegria, espanto e gratidão e foi vivida como um caminho de renovação que transforma as pessoas, os grupos e a Igreja. A palavra “conversação” exprime algo mais do que um simples diálogo: ela entrelaça harmoniosamente pensamento e sentimento e gera um mundo vital partilhado. Por isso se pode dizer que na conversação está em jogo a conversão. Trata-se de um dado antropológico que se encontra em diferentes povos e culturas, unidos pela prática de se reunirem solidariamente para tratar e decidir as questões vitais para a comunidade. A graça leva ao cumprimento desta experiência humana: conversar “no Espírito” significa viver a experiência da partilha à luz da fé e da procura do querer de Deus, numa atmosfera evangélica em que o Espírito Santo pode fazer ouvir a sua voz inconfundível (DF, 2024, p.15).

sinais dos tempos e Graça de Deus que permeia todo o processo. Compreendemos, dessa forma, que o “discernimento eclesial é ao mesmo tempo condição e expressão privilegiada da sinodalidade, na qual se vive juntos a comunhão, a missão e a participação. Quanto mais todos forem ouvidos, mais rico será o discernimento (DF, 2024, p.28).”.

Para a realização do discernimento eclesial, faz-se necessário que os sujeitos que participam, estejam imbuídos de um verdadeiro espírito sinodal e das Graças do Espírito Santo, amparando-se em uma “adequada exegese dos textos bíblicos, que ajude a interpretá-los e a compreendê-los, evitando abordagens parciais ou fundamentalistas; um conhecimento dos Padres da Igreja, da Tradição e dos ensinamentos magisteriais (DF, 2024, p.29).). Além disso, a ajuda de reflexões por meio das disciplinas teológicas, das ciências humanas, sociais e administrativas ajudam a desbravar o mundo atual e os seus desafios constantes.

Dentro de todo o processo sinodal, a escuta e o discernimento eclesial, fizeram com que os rumos e caminhos da Igreja tivesse novos parâmetros e alargassem as suas perspectivas para que pudesse continuar a corresponder as necessidades do mundo atual. Além de contribuir com a elaboração para o documento final do sínodo, o discernimento espiritual implica uma nova perspectiva para as tomadas de decisão eclesiais em espírito sinodal.

2.2 Etapa de implementação do sínodo

A etapa inicial do sínodo é finalizada com a elaboração e publicação do documento final contendo as diretrizes para o processo de aplicação de tudo o que foi pensado durante as assembleias sinodais. Dessa forma, o processo, agora, é de implementação: Deseja que o caminho que é realizado dentro das Igrejas locais, seja marcado pelo traço da sinodalidade como forma e dinâmica própria da caminhada eclesial. As realidades eclesiais não podem ficar fechadas aos antigos esquemas, mas abertas para um processo de renovação constante, de um trabalho partilhado que envolve a todos. Sobre esse processo o DF comenta:

21. O caminho sinodal da Igreja levou-nos a redescobrir que a variedade das vocações, dos carismas e dos ministérios tem uma raiz: “todos nós fomos batizados num só Espírito para constituirmos um só Corpo” (1 Cor 12,13). O Batismo é o fundamento da vida cristã, porque introduz todos no maior dom: ser filhos de Deus, isto é, participantes da relação de Jesus com o Pai no Espírito. Não há nada mais elevado do que esta dignidade, igualmente dada a cada pessoa, que nos faz revestir de Cristo e ser enxertados nele como ramos na videira. No nome “cristão” que temos

a honra de ostentar está contida a graça que está na base da nossa vida e nos faz caminhar juntos como irmãos e irmãs. (DF, 2024, p.8).

Dessa maneira, a dinâmica sinodal que deve ser assumida, compromete a todas as instâncias da vida eclesial. O primeiro e convocado a realização desses processos são os bispos diocesanos, sinais de unidade e grandes responsáveis pela implementação em suas respectivas dioceses; em segundo lugar os seus colaboradores, presbitérios e diáconos, chegando a todo o povo de Deus. Percebe-se, ainda, que o trabalho a ser realizado, por mais que tenha o seu início com a estrutura hierárquica da Igreja, é dever de todos os cristãos batizados a participação efetiva nesse caminho sinodal proposto como uma nova forma de engajamento e uma nova dinâmica eclesial.

O caminho sinodal de implementação assumido pela Igreja, segue-se com um planejamento que aponta-nos até 2028 quando realizara-se uma nova assembleia sinodal, avaliando e propondo novos rumos para que a Igreja progrida nessa dinâmica eclesial. Assim sendo, em síntese, o cronograma para a implementação do sínodo pode ser demonstrado da seguinte forma:

- ✓ Junho de 2025 a Dezembro de 2026 – Processo de implementação nas Igrejas locais e nos seus agrupamentos;
- ✓ Primeiro semestre de 2027 – Assembleias de avaliação nas dioceses e eparquias;
- ✓ Segundo semestre de 2027 – Assembleias de avaliação nas conferências episcopais nacionais e internacionais e outros agrupamentos de Igrejas;
- ✓ Primeiro semestre de 2028 – Assembleias de avaliação continentais;
- ✓ Outubro de 2028 – Celebração da assembleia eclesial no vaticano.

Tendo em vista o percurso a ser assumido, as dioceses necessitam que o documento final seja conhecido em todas as instâncias da vida eclesial; sejam elas as menores comunidades até a Igreja Catedral. Assim, tem-se a necessidade de haver constantes formações e grupos de estudos para o conhecimento do DF e das pistas que ajudam no processo de implementação para que o percurso sinodal seja, de fato, eficaz.

As etapas para a implementação, ajudem e norteiam o caminho sinodal, mas para que a sua eficácia se faça visível, é necessário um esforço coletivo de todo o povo de Deus convocado, desde o início desse processo, a participar ativamente dessa comunhão eclesial que se realiza por meio desse sínodo.

3 A SINODALIDADE COMO FONTE PARA O CAMINHO ECLESIAL

Dentro do itinerário proposto rumo a uma Igreja sinodal, faz-se necessário compreender que a sinodalidade é a forma por excelência que a Igreja deve existir e caminhar em seus percursos eclesiais. Dessa maneira, o caminhar junto proposto, já é uma dimensão que desde o envio missionário dos discípulos se é visível. Assim, discorreremos como a sinodalidade pode ser compreendida como uma dimensão que constitui a Igreja e ver o processo de conversão necessário dentro das nossas estruturas eclesiais para que a implementação dessa dinâmica de ser Igreja possa ser efetiva em todas as instâncias eclesiais.

3.1 A sinodalidade como dimensão constitutiva para a vida da Igreja

Ao revisitar a eclesiologia do concílio, percebemos que toda ela já nos permite adentrar a um ambiente em que a dinâmica sinodal já nos é dada como traço fundamental para os rumos da Igreja. Dessa compreensão, ao vermos em documentos conciliares, referências a um chamado a ser “Povo de Deus”, e o “corpo místico de Cristo” inserem dentro da dinâmica eclesial uma nova forma de compreensão eclesiológica que já dão sinais desse processo sinodal. Assim sendo, a respeito da palavra sinodalidade, já nos possibilita uma adequada compreensão da diversidade de carismas e ministérios, enquanto expressão e serviço sinodais. Mais que um mero procedimento operativo, “sinodalidade” indica/designa a própria natureza da Igreja” (Junior Aquino, p. 10).

A respeito do que se pode compreender sobre a sinodalidade como uma dinâmica na vida eclesial, podemos citar:

- a) A sinodalidade designa, antes de tudo, o estilo peculiar que qualifica a vida e a missão da Igreja, exprimindo a sua natureza como o caminhar juntos e o reunir-se em assembleia do povo de Deus convocado pelo Senhor Jesus na força do Espírito Santo para anunciar o Evangelho. Essa deve exprimir-se no modo ordinário de viver e operar da Igreja. Tal *modus vivendi et operandi* se realiza através da escuta comunitária da Palavra e da celebração da Eucaristia, da fraternidade da comunhão e da corresponsabilidade e participação de todo o povo de Deus, nos seus vários níveis e na distinção dos diversos ministérios e funções, na sua vida e na sua missão.
- b) A sinodalidade designa, ainda, em sentido mais específico e determinado pelo ponto de vista teológico e canônico, aquelas estruturas e aqueles processos eclesiais nos quais a natureza sinodal da Igreja se exprime a nível institucional, de modo análogo, nos vários níveis da sua realização: local, regional, universal. Tais estruturas e processos estão a serviço do discernimento qualificado da Igreja, chamada a

individualizar a direção a seguir na escuta do Espírito Santo. c) A sinodalidade designa, enfim, o acontecimento pontual daqueles eventos sinodais em que a Igreja é convocada pela autoridade competente e segundo específicos procedimentos determinados pela disciplina eclesiástica, envolvendo de modos diversos, a nível local, regional e universal, todo o povo de Deus sob a presidência dos Bispos em comunhão colegial e hierárquica com o Bispo de Roma, para o discernimento do seu caminho e de questões particulares, e para a tomada de decisões e orientações a fim de cumprir a sua missão evangelizadora (CTI, 2024, p.18).

A respeito dessas três características que se apresentam, percebe-se a presença da sinodalidade em todo o esquema e estrutura eclesial, desde os processos que qualificam a dinâmica da vida eclesial e a estruturação dos processos jurídicos e canônicos. Desse modo, visível a presença desses da dinâmica sinodal em toda a vida da Igreja, contribuindo para que a participação seja mais efetiva de todo o povo de Deus com seus ministérios e carismas próprios e funções devidas.

No DF, ao referir-se a dinâmica sinodal como definidora do modo de vida e de operar da Igreja comenta que a sinodalidade “indica ao mesmo tempo uma prática essencial no cumprimento da sua missão: discernir, chegar a consensos, decidir através do exercício das diversas estruturas e instituições de sinodalidade (DF, 2024, p.29). Assim, fica mais evidente a estrutura organizacional e operacional da Igreja que deve ser seguida para que os processos que ocorrem dentro da dinâmica eclesial, acontecem de forma participativa e não impositiva.

3.2 A conversão pastoral e suas implicações na vida da Igreja

Dentro das dinâmicas propostas pelo sínodo para fazer com que a sinodalidade torne-se o jeito próprio da Igreja organizar-se e viver, propõe-se uma conversão em todas a pastoral. Dessa forma, percebe-se que em muitas dinâmicas e estruturas da Igreja, faltava-se esse processo de mudança que permite que a abertura gere novos frutos para a realidade local. Dessa maneira, convertendo o nosso modo de fazer pastoral, conseguiremos transformar as estruturas eclesiais, deixando-as mais participativas e unidas pelo espírito da comunhão.

Sobre a sinodalidade e o processo de conversão pastoral convém dizermos que:

28. Os termos “sinodalidade” e “sinodal” derivam da antiga e constante prática eclesial de reunir-se em sínodo. Nas tradições das Igrejas do Oriente e do Ocidente, a palavra “sínodo” refere-se a instituições e eventos que, ao longo do tempo, assumiram formas diversas, envolvendo uma pluralidade de sujeitos. Na sua variedade, todas estas formas estão unidas pelo facto de se reunirem para dialogar,

discernir e decidir. Graças à experiência dos últimos anos, o significado destes termos foi mais bem compreendido e mais vivido. Foram cada vez mais associados ao desejo de uma Igreja mais próxima das pessoas e mais relacional, que seja casa e família de Deus. No decurso do processo sinodal, amadureceu uma convergência sobre o significado de sinodalidade que está na base deste Documento: a sinodalidade é o caminhar juntos dos Cristãos com Cristo e para o Reino de Deus, em união com toda a humanidade; orientada para a missão, implica o encontro em assembleia nos diversos níveis da vida eclesial, a escuta recíproca, o diálogo, o discernimento comunitário, a formação de consensos como expressão da presença de Cristo no Espírito e a tomada de uma decisão em corresponsabilidade diferenciada. Nesta linha, compreendemos melhor o que significa que a sinodalidade é dimensão constitutiva da Igreja (cf. CTI, n.º 1). Em termos simples e sintéticos, pode-se dizer que a sinodalidade é um caminho de renovação espiritual e de reforma estrutural para tornar a Igreja mais participativa e missionária, isto é, para a tornar mais capaz de caminhar com cada homem e mulher irradiando a luz de Cristo (DF, 2024, p.10).

Dessa forma, todo o percurso sinodal é experimentado a partir desse compasso do caminhar juntos. Para que possa caminhar juntos, as decisões devem ser discernidas com cuidado e com a participação conjunta de várias pessoas que possam opinar e propor formas de proceder que viabilizem o bem e o caminhar da Igreja. É nessa perspectiva que se pede uma verdadeira mudança em nossas formas de porta-se, comunicar-se para que os processos de discernimento não sejam colocados como fardos ou como obrigações vazias, mas que eles expressem a beleza e a docilidade do espírito de Deus.

Sendo assim, a conversão proposta pelo DF, giram em tornos de três eixos: conversão das relações³⁸, dos processos³⁹ e dos vínculos⁴⁰. Cada um desses processos de mudanças viabiliza

³⁸ [...] O desejo de relações mais autênticas e significativas não exprime apenas a aspiração de pertencer a um grupo coeso, mas corresponde a uma profunda consciência de fé: a qualidade evangélica das relações comunitárias é decisiva para o testemunho que o Povo de Deus é chamado a atuar na história. “Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,35). As relações renovadas pela graça e a hospitalidade oferecida aos últimos segundo o ensinamento de Jesus são o sinal mais eloquente da ação do Espírito Santo na comunidade dos discípulos. Para ser uma Igreja sinodal é necessária, portanto, uma verdadeira conversão relacional (DF, 2024, p.17).

³⁹ [...] Os processos de tomada de decisão necessitam de discernimento eclesial, o que requer a escuta num clima de confiança, que a transparência e a prestação de contas apoiam. A confiança deve ser mútua: aqueles que tomam as decisões precisam de ser capazes de confiar e escutar o Povo de Deus, que por sua vez precisa de ser capaz de confiar naqueles que exercem a autoridade. Esta visão integral sublinha que cada uma destas práticas depende e apoia as outras, ao serviço da capacidade da Igreja para cumprir a sua missão. Envolver-se em processos de tomada de decisão baseados no discernimento eclesial e assumir uma cultura de transparência, de prestação de contas e de avaliação requer uma formação adequada que não seja apenas técnica, mas capaz de explorar os fundamentos teológicos, bíblicos e espirituais (DF, 2024, p.27).

⁴⁰ [...] A Igreja não pode ser compreendida sem estar enraizada num território concreto, num espaço e num tempo onde se forma uma experiência comum de encontro com Deus que salva. A dimensão local da Igreja preserva a rica diversidade das expressões de fé enraizadas em contextos culturais e históricos específicos, e a comunhão das Igrejas manifesta a comunhão dos Fiéis no seio da única Igreja. A conversão sinodal convida, deste modo, cada pessoa a alargar o espaço do seu coração, o primeiro “lugar” onde ressoam todas as nossas relações, enraizadas na relação pessoal de cada um com

construir pontes para abertura a participação mais expressa de todo o povo de Deus no caminho da Igreja como um todo. A conversão é verdadeira mudança de paradigmas que faz brotar novas possibilidades para o sínodo e vida eclesial.

Dessa forma, faz-se urgente a abertura para essa nova dinâmica eclesial onde brota-se um desejo de participação mais expressiva daqueles leigos e leigas capacitados para construir com a governança e administração dos bens da Igreja, como a maior abertura para adesão de novas formas de relação na estrutura eclesial. Assim, todos aqueles que vivem a margem da sociedade são convocados a aderirem ao processo sinodal e com ele construir pontes para o fortalecimento dos vínculos e da unidade entre os cristãos.

4 SUJEITOS ECLESIAIS E SUAS TAREFAS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DO SÍNODO DAS IGREJAS LOCAIS

Resta-nos, por fim, falamos sobre os sujeitos eclesiais e as suas missões para a implementação direta do sínodo dentro das realidades locais a partir do método proposto pelo sínodo e as etapas dentro do processo de implementação já publicado pela secretaria do Sínodo.

4.1 O bispo diocesano e as suas responsabilidades

O Bispo diocesano, com grande promotor da unidade entre todo o povo de Deus de sua Igreja local, deve ser o primeiro a encabeçar, planejar e acompanhar os processos de implementação do sínodo em sua diocese. É de extrema importância que para o bom desenvolvimento das ações, o bispo possa confiar e delegar funções a presbíteros e diáconos, que participam de forma diferente da sua missão de governar o povo santo de Deus, de modo a gerar uma maior adesão e participação desses que devem ser colaboradores do sucessor dos apóstolos.

Ademais, torna-se essencial que o bispo ative ou reative as equipes sinodais diocesanas. Essas tiveram a sua primeira missão ao acompanhar a fase de escuta do processo sinodal, mas que, agora, tem o dever de continuar a animar todo o processo sinodal. Além desse setor, é essencial que a

Cristo Jesus e com a sua Igreja. É esta a fonte e a condição para qualquer reforma em chave sinodal dos laços de pertença e dos lugares eclesiais. A ação pastoral não pode limitar-se a cuidar das relações entre pessoas que já estão entre si, mas deve favorecer o encontro com cada homem e cada mulher (DF, 2024, p. 35).

estruturação dos organismos de comunhão, como conselhos de assuntos econômicos, conselhos Pastoral e outros existentes na diocese, sejam portas de entradas para a implementação do sínodo; dando maior abertura a sua estrutura e uma maior participação dos seus representantes no processo de discernimento eclesial.

4.2 participação dos organismos de comunhão e das equipes sinodais

No processo de implementação é essencial que os organismos de participação cumpram a sua missão que já é próprio de serem consultados para as tomadas de decisão a cerca das diversas realidades que circundam a paróquias. Dessa forma, “cabe-lhes contribuir na elaboração das decisões necessárias à implementação do Sínodo, com o discernimento das prioridades pastorais ou a renovação das estruturas e dos processos de decisão” (Pistas, pp 12).

Em consonância a essa atividade, a equipe diocesana do sínodo deve contribuir para a animação dessas atividades e fazer com que o caminho trilhado por esses conselhos seja efetivamente sinodal. Assim, não basta que a consulta aconteça e as decisões sejam tomadas, todo o processo de execução deve estar vinculado a uma dinâmica sinodal onde há a participação efetiva do povo de Deus e uma verdadeira comunhão eclesial.

4.3 Agrupamentos de Igrejas e a secretaria geral do sínodo a

A todos os agrupamentos de Igreja, faz-se de essencial importância que deem apoio a todas as ações pensadas acerca da implementação do sínodo. Esse grupo, não são isolados ou fechados em si mesmo, mas devem agir em comunhão com as dioceses que a compõem para que possam viabilizar um verdadeiro espírito sinodal. É possível que esses grupos possibilitem formações, encontros e espiritualidade de forma a cultivar o espírito sinodal em toda a sua localidade.

As equipes nacionais e continentais, faz-se de extrema necessidade de que sejam reativadas e colaborem para implementação diretas do sínodo com as conferências episcopais locais e de seus continentes. A essas equipes, cabe ainda, estar em contato direto com a secretaria geral do sínodo que deve fazer proposições e direcionamentos para a implementação e as fases subsequentes de avaliação do processo sinodal.

A secretaria geral do Sínodo tem o grande compromisso de gerar comunhão diante da diversidade de tarefas e serviços a serem desenvolvidos nesse caminho que está a iniciar. Sobre esse grupo, cai a responsabilidade de dar orientações e acolhimentos os bispos que tenham dificuldades em implementar o sínodo. O seu papel é acompanhar e estar de forma aberta para todos as necessidades que possam surgir diante dos desafios da implementação.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No fim desse percurso, destaca-se a urgência e a necessidade de tornar viva em nossas comunidades o apelo de uma dinâmica de vida sinodal no qual já é característica fundante da Igreja. Dessa maneira, o que pretende ser feito é tornar cada vez mais viva e prática esse jeito de ser Igreja mudando estruturas, processos, relacionamento e tudo quanto for necessário para que a Igreja possa respirar vida nova a partir da ação do Espírito de Deus. Nesse viés, a cultura sinodal deve um pouco por vez fazer parte do dia a dia das comunidades sendo praticadas em todas as instancias dos organismos de comunhão, mas até mesmo nas pequenas reuniões deliberativas e decisórias de pastoral; o processo de implementação do sínodo ajudará a fazer com que as comunidades respirem esse modelo de ser Igreja.

Além disso, torna-se fundamental que a proposta que a tarefa que é dada para cada agente assuma a sua reponsabilidade para que as ideias não fiquem apenas nos escritos, mas tomem forma e haja para que as verdadeiras mudanças possam acontecer. Assim, essencial que estudos dos documentos pós sinodais acontece na vida das comunidades e tornem-se livros de cabeceiras dos agentes de pastorais; conhecendo o que é proposto pela Igreja possam desempenhar e buscar realizar de forma mais efetiva as implementações e mudanças necessárias em suas comunidades.

Coloque-se em destaque, ainda, a necessidade de que a vida das comunidades e de cada um dos agentes de pastoral, possam passar por um processo de conversão. A conversão não pode ser compreendida como uma mudança, um jeito de viver que deve ser alterado, mas, na verdade, pense-se em uma mudança de mentalidade onde a conscientes das necessidades e desafios a serem solucionados, encontramos espaços onde conseguimos realizar mudanças substâncias na vida das comunidades, dando vida e dinamismo novo as realidades eclesiais.

REFERÊNCIAS

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. Sinodalidade como “dimensão constitutiva da Igreja”: Retomando e aprofundando a eclesiologia conciliar. **Revista Eclesiástica Brasileira**, [S. l.], v. 82, n. 321, p. 8–23, 2022. DOI: 10.29386/reb.v82i321.3933. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/3933>. Acesso em: 21 out. 2025.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. A sinodalidade na vida e na missão da Igreja. 2025. Acessado em 21 de outubro de 2025, 18:20. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_cti_20180302_sinodalita_po.html.

VATICANO. Documento final: por uma Igreja sinodal: Comunhão, participação e missão. Vaticano, 2024.

VATICANO. Pistas para a fase de implementação do sínodo. Secretaria geral do sínodo, 2025.

ST 4: TEMA LIVRE

Prof.: Me. Marcílio Oliveira da Silva⁴¹
(UniCatólica do RN)

A Sessão Temática Tema Livre reuniu pesquisas que, embora provenientes de distintos campos da reflexão teológica e das ciências humanas, convergem no esforço de compreender a experiência humana e religiosa em sua complexidade. Os trabalhos abordam temas relacionados às narrativas bíblicas, à formação integral da pessoa humana e ao pensamento teológico contemporâneo, evidenciando a riqueza do diálogo interdisciplinar e a pluralidade de perspectivas presentes na produção acadêmica. A diversidade temática da sessão reafirma a importância da pesquisa científica como espaço de encontro entre diferentes saberes, favorecendo novas interlocuções e ampliando os horizontes da investigação teológica de um conhecimento integrado e comprometido com os desafios da sociedade contemporânea.

Palavras-Chave: Interdisciplinaridade; Pesquisa teológica; Ciências humanas.

⁴¹ Possui mestrado em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco (2018) e graduação em Teologia pela Faculdade Diocesana de Mossoró (2016). É licenciado em Filosofia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (2012). Atualmente é professor da Faculdade Católica do Rio Grande do Norte. Tem experiência na área de Filosofia (com ênfase em História da Filosofia), Cristologia, com ênfase na Judeidade de Jesus. Atua principalmente nos seguintes temas: Cristianismo, Judeidade, e Relato do mar.

ANÁLISE DA TEOLOGIA CORRELAÇÃO DE PAUL TILlich

José Roberto da Silva⁴²

RESUMO

Paul Tillich é um teólogo que se destaca na teologia do século XX, em que cria novo panorama para essa ciência no plano do saber teológico. Ele se equipara a outros grandes nomes como Karl Barth, Rudolf Bultmann, Karl Rahner no que diz respeito à constituição de uma teologia contemporânea e moderna. A principal baliza de seu pensamento é a teologia da correlação, a qual confere um significado existencial da revelação e da mensagem bíblica para o ser humano moderno.

Palavras-Chave: Paul Tillich; Teologia da correlação; Teologia existencial.

ABSTRACT

Paul Tillich is one of the most influential theologians of the twentieth century, whose work opened new horizons for theology as an academic discipline. He stands alongside other major figures of modern theology, such as Karl Barth, Rudolf Bultmann, and Karl Rahner, for his significant contribution to the development of contemporary theological thought. The central foundation of his work is the **method of correlation**, through which he establishes a dialogue between the existential questions of human beings and the answers offered by Christian revelation. This approach gives existential meaning to revelation and to the biblical message, making the Christian faith intelligible and relevant to the modern person.

Keywords: Paul Tillich; Method of Correlation; Existential Theology.

1 INTRODUÇÃO

A Teologia no século XX abre as portas para uma nova perspectiva de elaboração do pensamento teológico que ficou conhecido como Teologia Contemporânea em que os seus pensadores trazem o tema teológico, para uma realidade existencial. Um dos grandes pensadores acerca dessa realidade foi Paul Tillich. Este pensador chega a fazer parte de um seleto grupo de outros pensadores como Bultmann, Barth e Rahner, os quais seguindo a linha de pensamento vigente dão a Teologia uma característica existencial.

⁴² Doutor em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP – e professor de História da Igreja, da UniCatólica do Rio Grande do Norte. E-mail: joseclariano12@gmail.com.

Paul Tillich começa a sua realidade acadêmica na Universidade *Union Theological Seminary*. Tillich possui uma intelectualidade apurada, sua experiência mais profunda se deu no momento em que serviu de capelão nos quatro anos em que durou a guerra na Alemanha seu país de origem. É justamente nessa realidade que começa desenvolver o seu pensamento teológico existencial.

A teoria da correlação é a sua grande marca como pensador e teólogo em que vê que o pensamento deve se servir de outras formas de conhecimento para poder exprimir melhor para o homem moderno a realidade transcendente. Essa teologia tem por base duas características principais: o método e o pensamento. No primeiro, Tillich se baseia na correlação e nos problemas do ser humano juntamente com as respostas de Deus. Já no segundo o que predomina é o domínio da teologia tradicional bem como da filosofia.

A sua teologia é uma teologia que aborda a correlação do ser humano com Deus, desta forma, deve ser estudada pelos estudantes de teologia, de modo que venha a fornecer mais embasamento ao seu conteúdo com a teologia desse pensador, o qual contribui para a constituição da Teologia moderna, estando ao lado de outros grandes teólogos e pensadores.

2 PAUL TILlich VIDA E FORMAÇÃO

Paul Tillich se destaca no cenário do pensamento teológico no séc. XX a exemplo de outros grandes teólogos como Barth, Bultmann na dimensão protestante e outros da ala católica como Karl Rahner. Paul é alemão de nascimento, sua vida é permeada por uma experiência profunda que o ajudará a constituir a sua teologia a primeira Guerra Mundial. Neste contexto ele foge das barbaridades da guerra.

Após essa fase turbulenta, o teólogo começa a viver uma nova fase em sua vida em que se torna professor na cidade Nova Iorque e começa a sua carreira na Universidade *Union Theological Seminary*. Dono de uma erudição diferenciada, essa característica peculiar não foi empecilho para que o mesmo realizasse ações tanto sociais como religiosas. Participou do movimento socialista na Alemanha seu país natal, como exerceu capelania nos quatro da guerra. Foi justamente essa vivência como capelão que ele teve uma noção exata dos problemas sociais que afligem a humanidade. Existem alguns estudiosos os quais apontam que foi nesse período que Tillich começa a esboçar a sua teologia existencialista.

Ele é considerado um personagem controverso no panorama da teologia em que é entendido como liberal por alguns, neo-ortodoxo, ora opositor de Barth e Brunner, ora é citado com estes:

Tillich é mesmo uma figura controversa. Na Europa ele é considerado um liberal e ferrenho opositor de Barth e Brunner. Na América do Norte, no entanto, ele é considerado como pertencendo a escola neo-ortodoxa e em alguns círculos teológicos, ele é mencionado em conjunto com Barth e Brunner. Porém, apesar das semelhanças, Tillich desenvolveu um sistema teológico que resiste a qualquer rótulo, e talvez, por essa razão, não formou especificamente uma escola teológica específica. O fato é que Tillich se valeu das elucubrações de ambas as partes, neo-ortodoxa e liberal, coletando “supostamente” o que havia de melhor nessas duas escolas. O teólogo Willian H. Hordern define a teologia de Paul Tillich como sendo “a fronteira entre o liberalismo e a neo-ortodoxia”, e é isso mesmo que ela é. Ele se situa exatamente no centro, entre a crítica destrutiva da desmitologização e o existencialismo neo-ortodoxo (Gonçalves, 2007).

Pode-se perceber que Paul Tillich foi de fato um dos homens da teologia cristã do século XX, sendo mencionado ao lado de Barth e de Brunner. Tillich, no entanto, cria um sistema teológico próprio em que, não está associada a outro tipo de pensamento teológico, apesar das semelhanças existentes entre o seu pensamento e de outros teólogos, por esta razão, não criou uma escola teológica. Entretanto, Tillich de fato, teve uma influência muito significativa no plano teológico mundial.

Tillich pode ser caracterizado como um filósofo além de teólogo, pois o desenvolvimento de sua teologia/filosofia existencialista, começou a ser desenvolvida com o encontro deste com Martin Heidegger em que bebe da filosofia existencialista deste, ao mesmo tempo em que convive, com ele na universidade de Marburg. Paul Tillich ainda no ano de 1927 substitui o professor Marx Scheller, na cátedra de filosofia na Universidade de Frankfurt Alemanha.

Neste sentido se pode entender que Tillich é tanto filósofo, como Teólogo em que essas duas dimensões do pensamento humano e da transcendência, compõem a sua visão do ser:

Paul Tillich é portanto um filósofo da existência cotidiana, ligado à corrente fenomenológica. Além disto, Tillich é teólogo cristão para quem a transcendência é fundamental para ser homem de fé. Portanto, como filósofo e teólogo trata da questão do ser. Mas não do ser abstrato da filosofia e teologia medievais para as quais o ser era o mais geral dos conceitos, indefinível por estar acima de todo gênero e diferença específica. Paul Tillich também não trata do ser heideggeriano que é imanente, temporal que se revela e se vela em cada ente. Pelo contrário, o ser de Tillich tem nome e existência própria, realidade última que nos concerne e nos interpela, Deus pessoal (Pegoraro, 2004, p.7).

Pode-se perceber que Tillich mesmo também recebendo a influência de Heidegger, desenvolve uma teoria existencial própria, a qual é entendida como a realidade última do ser humano no tocante a sua existência e ligação com o Deus pessoal que se comunica e está presente na vida de todo o ser humano. É nesta linha de reflexão e de fé que ele vai desenvolvendo a sua teologia/filosofia existencial.

Para o teólogo existencialista, para se chegar a essa realidade deve-se observar fatores culturais presentes na vida humana como a essência real da vida humana com suas aflições e esperanças. Em que o mesmo coloca que, para aquele que reflete, realizar uma interpretação da cultura para assim, entrar em contato com as pessoas que se colocam com a realidade última.

Segundo Pegoraro (2004), Tillich se define como o pensador do âmbito da cultura, em que explorou a todas, como a política, a cultura, a filosofia e a fé. O mesmo ainda coloca que é sua atividade pioneira a explicação dos signos cristãos, fazendo um confronto com as culturas, de forma a fazer com que os homens e as mulheres tenham uma proximidade com o Ser superior que é a sua realidade última e suprema: o Deus Pessoal. Em outras palavras Tillich, leva a sério os signos culturais e religiosos, pois via nestes, tanto a linguagem como o Ser absoluto, real e pessoal.

3 A TEOLOGIA DA CORRELAÇÃO DE PAUL TILlich

A Teologia de Paul Tillich tem muita aceitação no mundo acadêmico, em que a preocupação é um ponto central na Teologia, de modo, que busca uma forma de fazer uma relação da mensagem contida na Sagrada Escritura, com as necessidades do homem moderno no século XX, em que abordando o princípio da correlação ele argumenta que deve haver uma correlação entre os problemas humanos e a fé cristã.

Tillich coloca que a teologia por si só não pode explicar o que é Deus mesmo de uma forma mais clara que seja e que necessita de outras áreas do conhecimento humano:

[...] o discurso teológico não se sustenta sozinho por mais claro e correto que seja. O discurso teológico precisa conviver com outros discursos: filosófico, literário, artístico etc. Portanto, a teologia precisa da correlação com as outras formas de saber. A correlação entre os saberes é a além da metodologia de Tillich. Partindo da existência, da experiência humana e da cultura em geral o homem se eleva à transcendência. Sobretudo existe uma correlação entre a mais profunda experiência e tradição filosófica com os símbolos da teologia. Assim, o tema filosófico da razão tem como correlato teológico a revelação divina; a questão do ser tem como correlato

o Ser supremo, Deus; a existência tem como correlato a existência de Cristo; o tema da vida tem como correlato o espírito divino autor e animador da vida; a história humana e suas peripécias de acertos e erros, avanços e recuos tem como correlato o Reino de Deus que, inserido na história e contingência humana, encaminha-se para o momento da transcendência, a transhistória. (Pegoraro, 2004, p.10).

Pode-se observar que no processo de construção de sua teologia Paul Tillich vê nas demais áreas de conhecimento, suporte para o conhecimento teológico, constituindo-se assim em sua metodologia de ação e trabalho. É a partir da correlação dessas áreas que se pode chegar a conhecer a Deus. Neste sentido é através da cultura e das outras modalidades de saber humano que o homem pode elevar-se à dimensão Transcendente (Deus).

Neste sentido, ele coloca que se por um aspecto, a filosofia naturalista não tem condições de fornecer respostas para as indagações humanas, em outra realidade, a dimensão sobrenatural do cristianismo histórico, e por seu aspecto bastante transcendente para que o ser humano nele encontre uma resposta. Deste modo, a proclamação do cristianismo, surge como ‘um conjunto de verdades sagradas que aparecem em meio à situação humana como corpos estranhos procedentes de um mundo estranho’ (Gonçalves, 2007).

A teologia da correlação de Paul Tillich tem por base duas características principais: a metodologia e o pensamento. Na primeira, Tillich se baseia na correlação e nos problemas do ser humano juntamente com as respostas de Deus. Já no segundo o que predomina é o domínio da teologia tradicional bem como da filosofia.

A correlação é o princípio que na opinião de Tillich se dá através do ato recíproco, e da sujeição a que está subordinada todas as coisas, como exemplo ele coloca que o seu ser não pode existir sem o mundo e o mundo não pode existir sem o ser, a teologia e a filosofia da mesma forma como a resposta, a pergunta, a dúvida e a fé.

Tillich não é o autor da correlação, pois ela já se fazia presente no pensamento de outros grandes pensadores como Platão, Aristóteles e Tomás de Aquino. Entretanto na pessoa de Tillich é que ela vai ter mais ênfase e principalmente atinge o cume e de sua interpretação. A correlação em Tillich pode ser comparada ao mundo das idéias na filosofia de Platão, o ato e a potência no pensamento de Aristóteles, o ser e a perfeição na visão filosófica de Tomás de Aquino, a substância no raciocínio de Espinosa, e no juízo sintético, na cogitação de Kant.

Porém Tillich se sobressai, na medida em que não se deixa deter por nenhum pensador, mas fica em relevo mais alto, porque, explica que a realidade é uma situação complexa de ser entendida,

entretanto, a correlação do homem com Deus, é a que supera a todas. Com base nessa correlação é que ele constrói todo o seu pensamento, teológico dividindo, essa correlação vertical em cinco partes. Que são: Razão – revelação; Ser Deus; Vida Espírito; Homem Cristo; História do Reino de Deus (Cunha, 2016).

Dentro desta ótica se observa que essas cinco realidades são componentes da teologia de Paul Tillich. Para dar uma ênfase mais abrangente a essa metodologia se pode dizer que, as correlações têm afirmações interessantes sobre a dimensão transcendente. Primeiro se pode dizer que Deus é o correlato do ser, ou seja, Deus é um ser que em sua superioridade, não se coloca afastado do ser humano e dos demais seres. Antes Ele é a força originária de cada ser. Deus ainda é a presença marcante na vida de todo o ser existente.

Em segundo lugar que Jesus Cristo é o se correlativo da existência, em que ele não é simplesmente o ser transcendente que se tornou humano, mas também que, se torna a expressão, a revelação do ser primeiro e a proclamação do novo jeito de ser e viver do ser humano que crê: nova criatura que morreu e ressuscitou associada na própria vida do Cristo.

Seguindo o exemplo de Marx, Paul Tillich coloca que o ser humano convive na alienação, ficando impedido de se realizar plenamente:

Como Marx, P. Tillich considera que o homem vive na alienação, sem condições de realizar sua existência, sua identidade mais profunda. Porém, mesmo alienado, o homem não está longe e separado do ser originário; isto é, ele continua a pertencer ontologicamente à raiz da qual se esqueceu mas não se separou. O homem não pode fugir de suas correlações estruturais à cultura, aos homens e a Deus que articulam sua existência; pode odiar estas correlações mas não pode fugir delas a não ser pelo suicídio. O homem supera a alienação e o esquecimento das correlações através da adesão ao “novo ser”, Cristo, que assumiu a condição humana. Ele realiza o “novo ser” do homem, um novo modo de existir na fé. (Pegoraro, 2004, p.11).

Pode-se perceber por esta citação que mesmo sem condições de se realizar plenamente, o ser humano não fica destituído do ser que lhe deu a origem, ou seja, o ser humano permanece sendo parte integrante, deste Ser originário. Deste modo, mesmo que o ser humano se esqueça ou não goste dessas correlações da cultura e da transcendência, não pode fugir delas a não ser que aniquile a sua vida.

Em terceiro lugar o Espírito divino é o correlato da vida, em que a apreciação existencial renuncia a considerar a vida como uma situação paradisíaca, ou seja, um lugar onde predomina a felicidade e a paz, porém ao mesmo tempo, também não aceita que a vida seja comparada a uma

eterna alienação sofrimento e abandono. Pelo contrário, a vida é resultado destas duas dimensões extremas.

Neste sentido, ela pode ser considerada autêntica, inautêntica, ambígua no mesmo momento. O filósofo Heidegger delinea a inautenticidade da vida humana como superficialidade, tagarelice; já a autenticidade incide em assumir a pessoalidade em sua mais plena secularidade, sua condição de ser-para-a-morte.

A fé é o elemento pelo qual o Espírito divino restabelece a vida para humanidade e a unidade com Deus: “Pela fé, diz P. Tillich, o espírito divino restitui à vida humana sua unidade e seu sentido transcendente, isto é, O Espírito conduz o homem, através das lutas históricas e de seus conflitos íntimos, ao seu destino eterno” (Pegoraro, 2004).

Pode-se observar que Tillich tem uma visão de que o ser humano mesmo na condição de um ser efêmero, dispõe do Espírito divino como viés para conduzir a sua vida para o destino final do qual ele não pode fugir. Entretanto, essa visão aparentemente pessimista não deve permanecer dentro de uma ótica fatalista. Para o cristão a morte não é o final de tudo, mas sim, uma etapa no encontro como Ser divino que é o Deus criador.

O reino de Deus no pensamento de Tillich está em relação com a história em que este se revela de modo histórico, por meio dos fatos, da ciência, das instituições religiosas, da cultura, da política, da literatura, na arte, enfim em todos os ambientes de conhecimentos e vivências humanos.

Neste sentido o êxito do reino de Deus depende da construção de uma sociedade, voltada para os valores da justiça e da solidariedade:

A vitória do reino de Deus não é só de ordem religiosa mas é também a vitória da história humana construída na justiça, na paz, na solidariedade e no convívio democrático dos povos. São estas energias positivas que superam as forças negativas das ditaduras, do nazismo (sob o qual Tillich viveu) e de todo o tipo de opressão. Portanto, o Reino de Deus não se identifica com as realidades terrestres, por exemplo, com uma democracia ou com uma Igreja; ele é infinitamente mais amplo que o âmbito da política ou de uma religião institucional. Por outro lado, a História humana não tem resposta para algumas perguntas radicais: qual é o sentido da história? Terminará num fracasso ou num triunfo? A estas perguntas só o reino de Deus pode responder. Ele já está entre nós, convivendo com nosso caminhar histórico. O reino de Deus é força subjacente que atua na raiz dos conflitos humanos. Assim será até o fim dos tempos: ele já está entre nós atuando silenciosamente mas é o reino que ainda há de vir em todo o esplendor (Pegoraro, 2004, p.11).

Pela presente citação se pode observar que o reino de Deus na teologia de Paul Tillich só alcançará o seu esplendor no momento em que a sociedade humana tiver três pilares para a sua vivência: A vida democrática para os povos, a justiça e a solidariedade, em que são entendidos como os valores essenciais para se evitar todo e qualquer tipo de sistema de opressão.

O reino de Deus já está em meio aos homens e mulheres, entretanto compete a nós desenvolver a possibilidade de vivenciá-lo de forma mais plena, conferindo assim, um real valor para a vivência concreta do ser humano levando a uma ascensão social, ao mesmo tempo em que o faz experimentar a realidade de igualdade, que conduz para uma consciência do transcendente presente e atuante no tempo presente. Ele já se encontra inserido no meio do ser humano e caminhará junto com este até o desfecho e a vinda do reino de Deus de pleno esplendor.

O pensamento de Paul Tillich muito contribui para a teologia moderna principalmente pela sua busca de conferir sentido existencial para o cotidiano do ser humano, e de sua teoria da correlação em que demonstra que a revelação está sempre ligada a história humana, de forma que o ser humano mesmo em uma atitude de renúncia, não perde a sua ligação com o ser originário, o qual confere a vida e o sentido para o mesmo.

4 CONCLUSÃO

Paul Tillich foi um homem que teve uma vida muito agitada principalmente em sua época de jovem quando viveu de perto os horrores da guerra. Essa experiência o fez repensar a sua postura e o seu pensamento diante do saber teológico, deste modo ele procura estabelecer uma teologia que fale para o cotidiano do ser humano numa perspectiva existencial.

Após essa fase, teve a oportunidade de exercer a profissão acadêmica em Universidades renomadas como a universidade *Union Theological Seminary* localizada na cidade de Nova Iorque. Apesar de ser dono de uma erudição privilegiada Tillich mostra também o seu lado com o compromisso social, em que se tornou socialista como também exerceu a função de capelão nos quatro anos de guerra na Alemanha, seu país de origem. Essa experiência foi capital que ele viesse a delinear a sua teologia existencialista.

Tillich bebe em várias fontes de pensamento em que se pode destacar alguns importantes como Martin Heidegger, o qual deu suporte para elaboração de sua filosofia/teologia existencialista, com o qual convive na Universidade de Marburg. Apesar de seu encontro com Heidegger Paul Tillich

desenvolve sua própria teoria existencial em que a demonstra como realidade última do ser humano. Além de Heidegger outros pensadores podem ser citados no processo de construção da teoria de Tillich como Martinho Lutero, João Calvino, e Soren Kierkegaard.

O pensamento teológico de Tillich recebe bastante aceitação no campo acadêmico, a preocupação é um ponto central em sua teologia, em que busca fazer uma relação da mensagem bíblica com a realidade do ser humano do tempo presente. O mesmo ainda coloca que o discurso teológico carece de outras áreas do conhecimento para ter respaldo, por isso valoriza os outros conhecimentos humanos para enriquecimento do pensar teológico numa linha de correlação.

A teologia da correlação tem por alicerce duas características que são o pensamento e a metodologia. Quanto ao pensamento o que predomina é a teologia tradicional e a filosofia, ao passo que na metodologia tem por base a correlação dos problemas humanos e sua ligação com as respostas de Deus. Tillich não é o autor da correlação, pois esta se encontra no pensamento de outros grandes filósofos, entretanto, ele se sobressai, pelo fato de não se deixar prender por nenhum destes. O seu diferencial é que expressa a realidade como algo complexo para ser entendido, porém a correlação do ser humano com Deus supera a todas.

Essa correlação vertical Tillich a divide em cinco etapas em que cada uma demonstra uma correlação importante entre a dimensão humana e o aspecto sagrado, deste modo, Deus é o correlato do ser a força pela qual todos os seres vivem; Jesus Cristo é o correlato da existência, tornando-se a expressão mais forte da revelação de Deus e anunciador do nova estrutura de vida do ser humano que crê em que este está associado a sua pessoa; o Espírito divino é o correlato da vida humana em que a vida humana não é um paraíso, nem um sofrimento perene, mas, o equilíbrio destas duas realidades.

A fé é a situação pela qual o Espírito divino restabelece a vida para o ser humano e a unidade com Deus; o reino na ótica de Tillich está em correlação com a história em que o reino se revela historicamente por meio da cultura, ciência, política, instituições religiosas, arte, por fim em todos os conhecimentos humanos. O êxito do reino se situa nos valores da justiça e da solidariedade, como da democracia para todos os povos.

A teologia de Paul Tillich é uma teologia que fala para correlação do ser humano com o transcendente, deste modo, deve ser pesquisada pelos que se dedicam ao estudo teológico, de forma que venham a enriquecer o seu conteúdo com o pensamento teológico desse pensador que muito contribui para a teologia moderna, estando ao lado de outros grandes pensadores como Barth, Bultmann e Rahner.

REFERÊNCIAS

CUNHA, Carlos Alberto Motta. Teologia de fronteira: aportes do método da correlação de Paul Tillich. **Revista Eletrônica Correlatio** v. 15, n. 2 - Dezembro de 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Windows/Downloads/7072-24957-1-PB%20(1).pdf> Acesso em: 08 de jul. de 2021.

GONÇALVES, Leonardo. **Teologia do Ser:** Paul Tillich e a fronteira entre o liberalismo racionalista e a teologia existencialista. Disponível em <<https://teologiacontemporanea.wordpress.com/2009/10/07/teologia-do-ser-paul-tillich-e-a-fronteira-entre-o-liberalismo-racionalista-e-a-teologia-existencialista/>> Acesso em: 08 de jul. de 2021.

PEGORARO, Olinto. Paul Tillich e o existencialismo. **Rev. Eletrônica Correlatio**, n. 5 - Junho de 2004. Disponível em: < file:///C:/Users/Windows/Downloads/1778-3725-2-PB.pdf> Acesso em: 08 de jul. de 2021

A FAMÍLIA DE ABRAÃO: UMA NARRATIVA HISTÓRICA E RELIGIOSA

Eric Simon⁴³

RESUMO

O presente artigo tem por objetivo verificar de que maneira a promessa feita por Deus a Abraão, no início de sua caminhada de fé, chegou em nossos tempos, na vida dos que, assim como Abraão, continuam sua caminhada rumo a terra prometida. Por isso, para melhor compreender o processo desenvolvido neste trabalho se fez necessário, num primeiro momento, uma análise histórica da construção e constituição da família na sociedade primitiva. Deste modo, realizou-se uma apreciação da família em âmbito geral e depois especificamente no que diz respeito ao Antigo Testamento, findando no clã do patriarca Abraão. A partir deste ponto, entrando no segundo momento de nossa caminhada, a pesquisa tem um olhar mais aprofundado na relação de Deus com o patriarca Abraão, analisando as três promessas feitas por Deus a ele, a saber: Terra, Descendência e Benção. Observando como cada promessa foi desenvolvida nesta aliança e quais foram seus resultados para a religião e a sociedade que Abraão estava inserido. No terceiro e último momento e passada essa caminhada inicial, o foco se volta para a contemporaneidade, analisando de modo específico a realidade brasileira, averiguando como a fé, a esperança e a luta por um pedaço de terra afeta aqueles que, assim como o patriarca, saíram em busca de melhores condições e de dignidade para sua família.

PALAVRAS-CHAVE: Família. Terra Prometida. Abraão. Aliança.

ABSTRACT

This article aims to examine how the promise made by God to Abraham at the beginning of his journey of faith continues to resonate in the lives of those who, like Abraham, continue their own journey toward the Promised Land. To achieve this objective, the study first presents a historical analysis of the formation and development of the family in early societies. It then examines the concept of the family in general, followed by a specific analysis of the family in the Old Testament, culminating in the clan of the patriarch Abraham. Building upon this foundation, the second part of the study explores God's relationship with Abraham, focusing on the three promises made to him: land, descendants, and blessing. It analyzes how each promise was fulfilled within the covenant and considers its significance for both the religious and social context in which Abraham lived. In the third and final section, the study turns to the contemporary context, with particular attention to the Brazilian reality, examining how faith, hope, and the struggle for land continue to shape the lives of those who, like the patriarch, leave their homes in search of better living conditions and greater dignity.

⁴³ Mestre em Ciência da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/SP. Pesquisador no Núcleo de Pesquisa em História das Religiões NPHR/UENP. Pároco da Paróquia São Francisco de Assis em Andirá- PR. Licenciado em História pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP. Curso Livre em Teologia pelo Instituto Teológico "Divino Mestre" da Diocese de Jacarezinho - PR. Realizou estudos filosóficos pelo Seminário de Filosofia Rainha da Paz na Diocese de Jacarezinho - PR.

for their families. The study highlights the enduring relevance of the Abrahamic covenant as a source of inspiration for contemporary experiences of faith, perseverance, and the pursuit of justice.

Keywords: Family; Promised Land; Abraham; Covenant.

1 INTRODUÇÃO

A figura de Abraão ocupa um lugar central na tradição judaico-cristã por representar o início da história da salvação e da experiência da fé fundamentada na confiança em Deus. O chamado do patriarca, a aliança estabelecida com ele e as promessas de terra, descendência e bênção constituem elementos estruturantes da identidade do povo de Israel e permanecem como referências para a compreensão da experiência religiosa cristã. Mais do que um personagem histórico, Abraão torna-se paradigma daquele que acolhe o projeto divino e coloca sua vida a caminho, sustentado pela esperança e pela fidelidade de Deus.

Ao longo da história, a promessa feita a Abraão ultrapassou o contexto de sua família e de seu povo, adquirindo um significado universal. Ela continua inspirando homens e mulheres que, movidos pela fé, enfrentam desafios, deixam suas seguranças e buscam condições mais dignas de vida para si e para suas famílias. Nesse sentido, a narrativa bíblica dialoga com questões contemporâneas relacionadas à terra, à família, à dignidade humana e à esperança, mostrando a permanente atualidade da experiência abraâmica.

Diante dessa perspectiva, este trabalho busca responder à seguinte questão: de que maneira a promessa feita por Deus a Abraão permanece viva na experiência das pessoas que, ainda hoje, caminham em busca da "terra prometida", compreendida como espaço de dignidade, realização e vida plena? O objetivo geral consiste em analisar o significado da promessa divina feita a Abraão e identificar sua permanência e atualização na realidade contemporânea. Como objetivos específicos, pretende-se compreender a constituição da família na Antiguidade e sua relação com a experiência religiosa; analisar o contexto do clã de Abraão e as promessas de terra, descendência e bênção; e, por fim, refletir sobre a atualidade dessas promessas à luz da realidade brasileira e da Doutrina Social da Igreja.

A pesquisa caracteriza-se como bibliográfica, fundamentada em obras de História, Antigo Testamento, Teologia Bíblica e Doutrina Social da Igreja, buscando estabelecer um diálogo entre os relatos veterotestamentários e os desafios da sociedade contemporânea. Para tanto, o estudo está

organizado em três partes: a primeira apresenta a constituição da família na Antiguidade; a segunda analisa a experiência de Abraão e o significado das promessas divinas; e a terceira procura demonstrar como essas promessas continuam iluminando a caminhada dos homens e mulheres de hoje na busca por justiça, dignidade e esperança.

1 FAMÍLIA NA ANTIGUIDADE

A religião foi o principal motivo para a constituição das primeiras famílias. É através da religião que os membros da casa se reúnem seja de manhã, à tarde ou à noite para fazerem suas preces formando assim a religião doméstica. Compreende-se então que *“a Família antiga é uma associação religiosa, mais ainda que uma associação natural”* (Coulanges, 2009, p. 53).

O começo da família neste período não é exclusivamente a geração e criação da prole e sim a continuidade do culto doméstico. Exemplo disto é que, a filha não representa para a família o que o filho representa. A filha ao se casar deixa de ser parte da mesma, *“renuncia ao culto do pai para adotar o do marido”* (Coulanges, 2009, p. 87).

A constituição familiar também não é por afeição natural. O direito das sociedades primitivas não levava em conta este sentimento, *“o que une os membros da família antiga é algo mais potente do que o nascimento... é a religião do lar e dos antepassados”* (Coulanges, 2009, p. 53). Este sentimento poderia existir no coração do pai para com a filha e vice e versa. Contudo, ele não poderia deixar-lhe nenhum bem já que, a lei orientava que eram os homens que perpetuavam a família. Portanto, era a religião doméstica que unia a família, segundo Coulanges é:

Ela faz que a família forme uma unidade nesta vida e na outra. A família antiga é uma associação religiosa, mais ainda que uma associação natural... enfim, o parentesco e o direito à herança serão regulados, não segundo o nascimento, mas segundo os direitos de participação no culto, tais como a religião os estabeleceu. (2009, p. 53).

Por isso, a mulher só será incluída dentro desta família quando a cerimônia sagrada do casamento a tiver iniciado no culto familiar. Outro fator a ser considerado é sobre o filho que ao renunciar o culto deixa de ser parte da família; ou o filho adotado que inserido no culto torna-se um filho verdadeiro.

O filho que fora excluído do culto paterno pela emancipação perdia também a herança. Ao contrário, o estranho que tivesse sido associado ao culto da família pela adoção tornava-se um filho, perpetuava o culto e herdava os bens. Num e noutro caso, o antigo direito levava mais em conta o laço religioso do que o laço de nascimento (Coulanges, 2009, p. 92).

Como dito anteriormente, apesar da religião ser transmitida de pai para filho, a mulher participava dos rituais fosse como filha no culto do pai ou como esposa no culto do marido. Isso se explica porque a mesma quando criança participa e faz suas preces e oferendas a lareira familiar comandada por seu pai. Contudo, ao se casar essa garota deixa de pertencer ao culto e a família paterna e passa a fazer orações e oferendas para os deuses da lareira da casa do marido. (cf. Coulanges, 2009).

Segundo Coulanges “a primeira instituição que a religião doméstica estabeleceu foi provavelmente o casamento” (2009, p. 54). Essa união era importante porque dela surgiria o filho para dar continuidade à lareira doméstica.

Embora fosse uma ruptura para a mulher que perdia seus deuses e passava a cultuar deuses alheios, para o marido que desde criança viveu envolto naquela lareira inserir uma estranha em seus cultos ocultos também não era uma tarefa fácil. Por isso, a cerimônia do casamento⁴⁴ era fundamental e obrigatória. Partindo deste pressuposto é que a mulher se tornava apta a adentrar oficialmente na lareira do cônjuge. (cf. Coulanges, 2009)

Percebe-se então, que o casamento, muito mais do que unir duas pessoas que tinham afinidade, era a maneira de fazer com que os deuses, cultos e a própria família tivesse continuidade. Já que seu principal objetivo era a geração da prole, mais especificamente um varão. (cf. Coulanges, 2009). Entende-se assim, que as civilizações antigas levavam rigorosamente a sério o casamento. Tão a sério que um filho gerado antes da cerimônia não tinha direito de participar do culto paterno e muito menos de receber qualquer tipo de herança proveniente daquela família. (cf. Coulanges, 2009; Charbonneau, 1984).

Essas tradições embora tenham deixado de existir com o tempo e o pensamento do homem, com relação à religião doméstica, aos deuses, as lareiras e aos mortos, foi sofrendo uma evolução. Assim, paulatinamente essa noção de divindade que o homem tinha foi se transformando. O povo

⁴⁴ Na casa paterna, na presença do pretendente, o pai, normalmente rodeado pela família, oferece um sacrifício. Terminado o sacrifício, declara, pronunciando uma fórmula sacramental, que dá a filha ao rapaz. Essa declaração é indispensável para o casamento, visto que a jovem não poderia ir em seguida adorar o lar do esposo se seu pai não a tivesse antes desligado da lareira paterna (COULANGES, 2009, pg. 56).

hebreu, com seu monoteísmo fez com que Deus adentrasse na história do homem, no entanto, não o livrou de suas responsabilidades. Agora ele não pode mais esperar sem fazer esforço. “*O monoteísmo era uma carga contra a passividade secular do homem*” (Charbonneau, 1984, p. 42). Foi preciso que o homem assumisse sua liberdade e sua força para fazer tudo que fora designado por Deus. Então, Deus “*mergulha o homem na sua história para que ele saia dela liberto e mais enobrecido*” (Charbonneau, 1984, p. 42-43).

2 CONSTRUÇÃO DO GÊNERO FAMILIAR E SUA RELAÇÃO COM DEUS NO ANTIGO TESTAMENTO

2.1 Algumas Considerações

Para melhor compreender o desenvolvimento dos povos antigos, em especial o do contexto bíblico, deve-se ter clara a ideia de que geografia, teologia e história formam um grupo único. Isso é de fácil compreensão, pois, segundo Schlaepfer: “A Bíblia, antes de ser escrita, foi vivida, contada, lembrada, narrada, celebrada. Para eles, a presença do Deus da vida, principal personagem nestas histórias, era muito mais importante do que qualquer exatidão histórica” (2004, pg. 32).

Portanto, na formação da primeira parte da Bíblia, seus acontecimentos ocorrem no recorte espaço-geográfico denominado Meia-Lua Fértil ou Crescente Fértil. É nessa região que fica entre Egito, Palestina e Mesopotâmia que o povo de Israel forma seus relatos desde o dilúvio até a caminhada dos patriarcas e que configura seu conceito sobre a importância da família. (cf. Dagonet, 1984; Michaud, 1985).

2.2 O Homem e Deus

Como se viu na primeira parte da pesquisa os deuses dos povos sedentários eram de dentro do ambiente familiar. Seus cultos passados de geração em geração faziam que sua religião doméstica perdurasse. Exemplo disso é que, nas religiões primitivas greco-romanas, “*não bastava gerar um filho. O filho que devia perpetuar a religião doméstica*” (Coulanges, 2009, p. 62). Entretanto, nos clãs das famílias nômades, como no caso dos patriarcas de Israel, os deuses eram ligados aos nomes

dos homens, precisamente ao nome do ancestral do grupo ao qual viajavam. Por isso, se fala do deus de Isaac ou de Jacó ou do deus de Abraão (Cf. E Abraão..., 1980).

Os clãs do período patriarcal⁴⁵, originalmente, eram separados uns dos outros e cada um seguia suas próprias tradições como já explanado anteriormente. Essas tradições particulares são denominadas segundo Michaud como “*‘mito de origem’ de cada clã... elas se enraízam na história, e não no tempo primordial*” (1985, p. 54). Mesmo seguindo alguns costumes dos nômades e seminômades o Deus principal de Abraão era único. Por isso, ao percorrer a região da terra prometida, Abraão e seu clã, constrói altares celebrando seu Deus.

Estes altares, erguidos por Abraão ao longo de seu caminho, assinalam o significado religioso de seu empreendimento. Cada ponto onde ele para apresenta-se como uma visita que ele faz a seu Deus, este Deus que o chamou e ao encontro de quem ele está indo” (E Abraão..., 1980, p. 13).

Percebe-se a partir deste contexto que Abraão é “*aquele que difunde o monoteísmo num território marcado pelo politeísmo e pela idolatria e propõe a adoração de um Deus único*” (Perondi, 2013, p. 332). “*Depois da chegada à terra fértil... os santuários de Siquém, Betel, Mambré... eram dedicados não a vários grandes deuses, mas a El, o deus supremo dos cananeus*” (Michaud, 1985, pg. 30). Isso ocorreu porque, ao se tornarem sedentários cada clã identificou o deus de seu pai com El, desta maneira El se tornou o deus principal dos vários clãs. Michaud relata que “*a partir dessa forma primitiva de religião (monoteísmo prático), a revelação encaminhou os homens pouco a pouco para o monoteísmo teórico*” (Michaud, 1985, p. 31).

2.4 O Clã de Abraão⁴⁶

Inicialmente o clã de Abraão, prestava um culto ao deus de seu pai, o deus de Abraão⁴⁷. Este tipo de religião era normal no contexto nômade ou seminômade em que os clãs viviam. Na saga de

⁴⁵ “As leis concernentes aos aspectos familiares que cobrem o período do Mundo Bíblico estiveram em constantes mudanças. As mais antigas que regiam os povos mesopotâmicos eram o Código de Ur-Namu, Lipit-Istar, Hamurabi, o Código Assírio, e o Código de Nuzi. A importância destes códigos residem na estreita relação entre os seus relatos e aqueles mencionados nas Escrituras, principalmente pelas aproximações regionais... A Adesão da lei mosaica a muitos aspectos da lei civil do Código de Hamirabi, mostra o quanto os códigos das nações mesopotâmicas influíram no cotidiano dos patriarcas”. (Bentho, 2016, pg. 34).

⁴⁶ No contexto inicial da saga de Abraão o nome inicial é Abrão, só mais tarde é mudado para Abraão. Para melhor compreensão utilizaremos o nome Abraão no decorrer do texto.

⁴⁷ Todo este contexto do deus local foi explanado anteriormente.

Abraão, o seu deus fez promessas sobre o futuro de sua família e velou pela realização das mesmas (Cf. Schwantes, 1986).

A cidade de Ur⁴⁸, na Caldéia, é considerada como o lugar de onde teriam saído Abraão e sua família. Contudo, outra tradição indica que Harã⁴⁹, na Mesopotâmia, como pátria de Abraão. A difícil localização exata de onde se encontrava Abrão ocorre porque, a história de Abraão foi transmitida de forma oral por oito séculos antes de ser redigida (Cf. Vogels, 1996).

O chamado de Abraão não é simplesmente para fazer uma ponte entre os primeiros acontecimentos bíblicos e liga-los ao povo de Israel. Existe um itinerário entre Deus e o homem para tudo que se segue. O chamado de Abraão é importante principalmente pela posição que tem dentro dos textos bíblicos. Considerado o pai da fé das três grandes religiões monoteístas do mundo, é através dele que se tem a inserção de Deus na história do mundo. Sendo considerado modelo dos que foram chamados pelo Senhor. Encontra-se no diálogo de Abraão com Deus o convite para a grande aventura da fé um pedido de partida seguido de três promessas (Cf. E Abraão..., 1980).

2.5 A Promessa do Deus de Abraão

Um primeiro ponto a ser observado é que a iniciativa da promessa parte de Deus, é um convite para um projeto maior. O contato inicial de Deus com Abraão é “Sai *da tua terra*” (Gn 12,1). Abraão é convidado a deixar seu lar e partir. Ao aceitar a vontade de Deus o relato do Gênesis nos diz que “*Abrão partiu*” (Gn 12,4). Antes que Abraão deixa sua terra e se coloca a caminho Deus lhe faz a primeira promessa: “*Eu farei de ti um grande povo*” (Gn 12,2), esse primeiro compromisso é muito importante porque para um nômade ou seminômade, não ter filhos era como se o deus do clã lhe tivesse colocado uma maldição. A esterilidade impedia a continuidade da descendência. A questão era tão séria que “*o marido tinha o direito de buscar outra mulher para garantir a descendência e, com isso, assegurar a continuidade do seu nome*” (Perondi, 2013, p. 330).

⁴⁸ “Taré tomou consigo o filho Abrão, o neto Ló, filho de Arã, e a nora Sarai, mulher de seu filho Abrão, e os fez sair de Ur dos Caldeus, para dirigir-se à terra de Canaã. Mas, quando chegaram a Harã, ali se estabeleceram” (Gn11,31).

⁴⁹ Percebe-se nos versículos seguintes que Abrão se encontrava em Harã quando tem sua conversa com o Deus. “O Senhor disse a Abrão: ‘sai da tua terra do meio dos teus parentes... Abraão tinha setenta e cinco anos ao partir de Harã’” (Gn12,1.4b).

2.6 A Descendência

Como se sabe “*Sarai era estéril, não tinha filhos*” (Gn 11,30) e ser privado disso era algo degradante e vergonhoso. Por isso, tal jura era de fundamental importância para o clã de Abraão, já que, segundo Michaud para esses “*homens, que ignoravam a vida além, ser privado de descendência significava, sem mais, que tudo terminava na hora da morte*” (1985, p. 96).

Deste modo, percebe-se a importância da conversa entre Deus e Abraão:

Não temas Abrão! Eu sou o teu escudo, tua recompensa será muito grande. Abrão respondeu: ‘Meus Senhor Iahweh, que me darás? Continuo sem filho...’ Abrão disse: ‘Eis que não me destes descendência e um dos servos de minha casa será meu herdeiro’. Então foi-lhe dirigida esta palavra de Iahweh: ‘Não será esse o teu herdeiro, mas alguém saído de teu sangue.’ Ele o conduziu para fora e disse: ‘Ergue os olhos para o céu e conta as estrelas, se as pode contar’, e acrescentou: ‘Assim será a tua posteridade’. Abrão creu em Iahweh e lhe foi tido em conta de justiça (Gn 15, 1-6).

Ao acreditar na promessa feita por Deus, Abraão tem nela a certeza da continuidade de seu clã. Ele coloca em Deus toda sua esperança. Sua fé, neste contexto, acaba sendo considerada como um ato de justiça, ou seja, ele estava ajustado à vontade de Deus que sela uma aliança entre ambos:

Quanto a mim, eis a minha aliança contigo: serás pai de uma multidão de nações. E não te chamaras mais Abrão, mas teu nome será Abraão, pois eu te faço pai de uma multidão de nações. Eu te tornarei extremamente fecundo, de ti farei nações, e reis sairão de ti. Estabelecerei minha aliança entre mim e ti, e tua raça depois de ti, de geração em geração, uma aliança perpétua, para ser o teu Deus e de tua raça depois de ti (Gn 17, 4-7).

Com a aliança vem uma nova imposição para o culto da família de Abraão. Agora os varões nascidos em sua casa serão todos circuncidados (Cf. Gn 17,10). Isso se torna um rito da casa. *Eis a minha aliança que será observada entre mim e vós, isto é, tua raça depois de ti: todos vossos machos sejam circuncidados... e este será o sinal da aliança entre mim e vós. Minha aliança estará marcada em vossa carne como uma aliança perpétua* (Gn 17, 10.11b.13b).

Este ritual estipulado por Deus para a casa de Abraão deve ser entendido de forma que, como explanado anteriormente sobre os habitantes da casa, todos que pertenciam ao clã do patriarca, sendo macho, deveria passar pelo rito. Desde parentes próximos até escravos. Isto fica claro no capítulo 17

de Gênesis onde Abraão toma *“todos que nasceram em sua casa, todos que comprara com seu dinheiro, todos os machos de sua casa, e circuncidou a carne do prepúcio”* (17,23).

A circuncisão sempre foi praticada por diversos povos do Oriente, muitas vezes esse era um rito utilizado para a preparação do matrimônio. No contexto de Abraão, além de ser um rito de sua casa, tal feito se torna um sinal de pertença. Ele e seus descendentes passam a pertencer ao Deus com que fez a aliança (Cf. Michaud, 1985; Schowantes, 1986).

2.7 A Terra

Outro quesito importante, na promessa feita, era o da terra. A posse da terra sempre foi algo extremamente importante e desejado por todo seminômade. Situar-se num lugar significava o fim das migrações sazonais e dos perigos que enfrentavam. As histórias que aludem às conquistas de terras têm sua origem entre os seminômades, que sonhavam em sair da situação, por vezes miseráveis que se encontravam (Cf. Vogels, 1996; Schowantes, 1986).

Para abranger melhor a estrutura da narrativa da promessa da terra, se deve entender uma questão comum da mentalidade dos povos antigos. Ninguém poderia enraizar-se num local, onde existia a crença em determinado deus sem antes prestar-lhe culto (Cf. Michaud, 1985). Por isso, ao chegar à região de Mambré, que tinha El como Deus absoluto de toda Canaã, o clã de Abraão teve que ratificar sua história de salvação. Deste modo, os integrantes de sua casa se regozijavam em dizer que fora o próprio El que chamou Abraão para fazer uma aliança e lhe dar a terra de Canaã (Cf. Michaud, 1985). A aliança que diz respeito à doação da terra se encontra no livro do Gênesis:

“‘Eu sou Iahweh que te fez sair de Ur dos caldeus, para te dar esta terra como propriedade’. Quando o sol se pôs e estenderam-se as trevas, eis que uma fogueira fumegante e uma tocha de fogo passaram entre os animais divididos. Naquele dia Iahweh estabeleceu uma aliança com Abrão nestes termos: ‘À tua posteridade darei esta terra’” (15, 7-8.17-18).

Depois destes relatos, aconteceu que, na região prometida a Abraão pairou uma grande fome e todos de seu clã partiram para o Egito. Importante saber que, ao se direcionarem para a terra do Vale do Nilo, eles não vão em busca de provisões e sim fazem um processo de migração (Cf. Vogels, 1996). O relato do capítulo 12 do Gênesis deixa claro essa intenção: *“Houve uma fome na terra e Abrão desceu ao Egito, para ali ficar”* (Gn 12, 10).

O verbo ‘ficar’ utilizado na citação, segundo Vogels “implica que tem a intenção de ali permanecer por um longo período, talvez para sempre” (Vogels, 1996, p. 70). Esse abandono acaba por comprometer a promessa da terra. Observa-se ainda que, não há um julgamento sobre a decisão de Abraão. Ele, parte, agora, sem o pedido de Deus, mais pela necessidade que assolava seu clã (Cf. Vogels, 1996).

No Egito, Abraão pede a Sara que passe por sua irmã para que não seja morto. O faraó toma sua esposa como amante e acaba sendo castigado, mostrando a aversão de Deus ao adultério. “*Mas Iahweh feriu o Faraó com grandes pragas, e também sua casa, por causa de Sarai, a mulher de Abrão*” (Gn 12, 17). Isso acabou por fazer com que Abraão saísse do Egito.

Ao ser orientado a sair de lá. Abraão, sua mulher, e seu clã voltam para a terra prometida, a qual havia abandonado. Contudo, se antes desce ao Vale do Nilo, por causa da fome, agora volta de lá repleto de bens (Cf. Vogels, 1996). Isso acaba acontecendo por causa da terceira promessa feita por Deus, a questão da benção.

Por fim, Abraão teve fé em Deus, acreditou em Sara e em si mesmo. A promessa divina se torna realidade e eles têm um varão. Entretanto, Deus prova Abraão mais uma vez, uma prova que garante o projeto definitivo (Cf. E Abraão..., 1980). Sacrificar seu filho, este era o pedido de Deus. Desta vez Abraão não pestanejou. Foi e fez o que lhe fora pedido.

Depois desses acontecimentos, sucedeu que Deus pôs Abraão à prova e lhe disse: ‘Abraão!’ Ele respondeu: ‘Eis me aqui!’ Deus disse: Toma teu filho, teu único, que amas, Isaac, e vai à terra de Moriá, e lá o oferecerás em holocausto sobre uma montanha que eu te indicarei (Gn 22, 1-2).

Sacrificar a realização da promessa, sua continuidade, descendência, o fundamento da sua esperança, esse era o pedido de Deus a Abraão. Ele foi, andou três dias seguidos, mesmo levando seu filho único para a morte prosseguiu com os planos de Deus. Confiou e acreditou. E por isso, Deus poupou Isaac. “*Não estendas a mão contra o menino! Não lhe faça nenhum mal! Agora sei que temes a Deus: tu não me recusaste teu filho, teu único*” (Gn 22, 11-12). E está foi à prova final.

Abraão não atuou como Adão. Para que sua descendência tivesse continuidade, ele não se apegou a seu filho Isaac, mas em Deus e em sua palavra (Cf. Mesters, 1980). Acreditar na promessa é acreditar no Deus que vence a morte. Sua obediência salva a vida de seu filho, salva o futuro do seu povo e salva a benção que chega para todos (Cf. Mesters, 1980; E Abraão..., 1980).

3 A PROMESSA NA ATUALIDADE

A saga do patriarca Abraão, chega aos dias de hoje como exemplo de luta entre os que buscam o extermínio da vida e os que geram a sua benção. O contexto histórico de seu clã, da promessa de Deus, da caminhada, dos sacrifícios e da realização desta promessa faz com que o povo surgido de sua descendência o veja como um de homem da fé (Cf. Mesters, 1980; E Abraão..., 1980).

Abraão, o primeiro dos crentes, o pai da fé, se torna modelo. Ao abrir este caminho, ensina que o mesmo é um processo, um pôr-se em movimento. Se desde Abraão até a contemporaneidade o ato da fé continua o mesmo, seu teor é extremamente distinto. Hoje a fé se exprime através de um conjunto de realidades históricas e de verdades reveladas (Cf. E Abraão..., 1980; Mesters, 1980). Não seria cabível para a época do patriarca compreender e viver a fé que se professa hoje. A própria mentalidade e a construção histórica não eram desenvolvidas para tal feito (Cf. Mesters, 1980). Deste modo, é fácil entender o pensamento existente, a crença nos vários deuses, onde cada família e tribo ou clã buscavam o seu (Cf. Coulanges, 2009).

Encontrar entre os deuses existentes algum que escutasse seus pedidos, olhasse para o clã e com ele fizesse aliança era o bastante (Cf. Schwantes, 1986). A concepção de vida eterna não era assimilada, por isso, uma promessa que incluísse um pedaço de terra e descendência, era tida como uma sobrevida para o homem e sua casa. E Abraão encontra em El, o seu Deus, à ratificação da promessa (Cf. Michaud, 1985).

Desta maneira, o exemplo da fé de Abraão e de sua dignidade perpassa as gerações e faz com que o ser humano, com a ajuda da Igreja Católica Romana e de sua doutrina social, acredite que pode viver plenamente a promessa feita por Deus. Promessa que agora se realiza no seio de cada família cristã, que busca, assim como Abraão, fazer a vontade de Deus, acreditar em seus caminhos e mostrar que seus integrantes podem ter, seja em seu interior ou em toda a sociedade a plenitude de sua dignidade (Cf. CDSI, 2015).

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA SAGRADA. Português. **A Bíblia de Jerusalém**. 7 ed. rev. São Paulo: Paulus, 1995.

ARNS, Paulo Evaristo. **A Família constrói o mundo?** São Paulo: Loyola, 1975.

- BENTHO, Esdras Costa. **A Família no Antigo Testamento**. Rio de Janeiro: CPDA, 2016.
- BRIGHT, J. **História de Israel**. 7. ed. São Paulo: Paulus, 2003.
- BRUEGGEMANN, Walter. **A terra na bíblia**. São Paulo: Paulinas, 1986.
- CHARBOUNNEAU, Paul-Eugene. **O Homem à procura de Deus**. São Paulo: Loyola, 1984.
- CNBB. **Temas da Doutrina Social da Igreja: caderno 1**. Ponta Grossa: Paulus, 2004.
- CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA. **Orientações para o estudo e o ensino da Doutrina Social da Igreja na formação sacerdotal**. Roma: 1988.
- COULANGES, Fustel. **A cidade antiga**. São Paulo: Martin Claret, 2009.
- DAGONET, Ph. **E Abraão partiu...** São Paulo: Paulinas, 1980.
- FLÓREZ, Gonzálo. **Matrimônio e família**. São Paulo: Paulinas, 2008.
- FOHRER, Georg. **História da religião de Israel**. Santo André, SP: Paulus, 2015.
- FONSECA, Fernando Affonso G. **A Família**. In: Revista Cultura e Fé, n. 79. Porto Alegre, RS: IDC, 1997, p. 7 – 10.
- ILDO, Peroni. **A Vocação de Abraão**. In: Revista Pistis & Praxis. V. 5 n. 2. Curitiba: PUC, Jul./Dez. 2013, p. 327 – 343.
- MCKENZIE, J. L. **Dicionário bíblico**. São Paulo: Paulus, 1994.
- MESTERS. Carlos. **Abraão e Sara**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1980.
- MICHAUD, Robert. **Os Patriarcas: gênesis 12-36**. São Paulo: Paulinas, 1985.
- PERONDI, Ildo. **A Vocação de Abraão**. In: Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 5, n. 2, p. 327 – 343, jul./dez. 2013.
- PONTIFÍCIA COMISSÃO JUSTIÇA E PAZ. **Compêndio de Doutrina Social da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 2005.
- RAMOS, Federico Pastor. **A família na bíblia**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- SICARI, Antonio. **Entre promessa e cumprimento**. In: Rev. Internacional Católica de Cultura, Communio. Rio de Janeiro, v. 2, n 16, p. 21 – 32, jun/ago. 1984.
- SCHLAEPFER, Carlos Frederico (org). **A Bíblia: introdução historiográfica e literária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

SCHWANTES, Milton. **A família de Sara e Abraão**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1986.

SOUZA, Marcelo de Barros. **Teologia da terra**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

VOGELS, Walter. **Abraão e sua lenda**. São Paulo: Loyolas, 2000.

AMADURECER: CAMINHO DE INTEGRAÇÃO DO SER PESSOA HUMANA

Shinayde Vanessa de Santana Dantas⁵⁰

RESUMO

Um dos atos mais admiráveis (por que não heróico!) já visto em todos os tempos da história humana (e pode ser visto quase a cada segundo) é o ato de nascer! Não menos heróico, mas um tanto mais raro é o de amadurecer, especialmente considerando o contexto social hodierno em que desde as pequenas e primeiras relações são tecidas de fios imaginários, que não promovem a realidade de si nem de outrem. Nesse contexto de massificação das relações, caminhar com maturidade é um desafio que se faz urgente. Em se tratando da relação com o divino isso se torna ainda mais desafiante. Mostrar que é possível um caminho de maturidade humana a partir da contemplação da pessoa divina é o objetivo deste trabalho. Uma reflexão na antropologia filosófica e teológica a partir de Karol Wojtyła, sempre sob o olhar do Dr Marcos Candido, foi a metodologia usada, considerando um saudável diálogo com outros expoentes da antropologia teológica, seja dito: Garrigou-Lagrange, Viktor Frankl. Foi entendido que: despertar a consciência para o potencial de vida que se tem em mãos é o mais corajoso passo que a pessoa humana pode dar. Sem esse passo consciente e corajoso a vida existencial assemelhar-se-à a um belo vegetal que até pode fazer algo por outrem, desde que não se mova, o que discorda potencialmente do projeto inicial para o qual foi pensado e criado. A vida humana, no entanto, é plena quando se move. Não um mover desgovernado, tampouco meramente controlado, mas um mover dinâmico, como a vida o é: viva!

Palavras-Chave: Maturidade Humana; Antropologia Teológica; Pessoa Humana

ABSTRACT

One of the most remarkable—indeed, one might say heroic—acts in human history is the act of being born. No less heroic, though far less common, is the process of maturing, especially within a contemporary social context in which even the earliest human relationships are often built upon illusory foundations that fail to foster an authentic understanding of oneself or of others. In this context of increasingly superficial and massified relationships, the pursuit of human maturity becomes an urgent challenge. This challenge becomes even greater when considered in relation to the divine. The objective of this study is to demonstrate that the contemplation of the divine person can foster a genuine path toward human maturity. The research adopts a philosophical and theological anthropological approach based primarily on the thought of Karol Wojtyła, interpreted through the contributions of Dr. Marcos Candido, while engaging in dialogue with other prominent figures in theological anthropology, particularly Réginald Garrigou-Lagrange and Viktor Frankl. The study argues that awakening one's awareness of the potential for life entrusted to each person is the most courageous step a human being can take. Without this conscious and courageous decision, human existence risks resembling a beautiful plant that may benefit others only insofar as it remains

⁵⁰ Graduada em Teologia 2025 pela Claretiano Centro Universitário.

immobile, thereby failing to fulfill the dynamic purpose for which it was created. Human life, however, reaches its fullness through movement—not a disordered or merely controlled movement, but a dynamic movement that reflects the very nature of life itself: fully alive.

Keywords: Human Maturity; Theological Anthropology; Human Person.

1 INTRODUÇÃO

A pessoa humana instiga estudo! O tema da pesquisa é vinculado ao estupor de viver. Observar a vida da pessoa humana é um objeto e um objetivo do presente trabalho, que evidentemente não se explica em poucas páginas, nem há tempo suficiente no cronos para tal. Trata-se portanto de uma reflexão de passos essenciais do mover e crescer humano na contemplação do devir a ser. Uma reflexão que partiu de uma bibliografia acerca da Antropologia de Karol Wojtyła, aprofundando um caminho de maturidade que pensa-se acontecer com toda pessoa humana.

Como se tratou de uma reflexão, permitimo-nos uma linguagem mais dialógica, construindo um pensar reflexivo comparando o desenvolvimento humano com o desenvolvimento da consciência de si: nascer, crescer, envolver-se, misturar-se, decantar-se até chegar à maturidade, que é, segundo nosso pensar: um tornar-se simples, original, ser sem mistura.

2 NASCER DA CONSCIÊNCIA DO SER PESSOA HUMANA

O que pode fazer mais sentido para o homem senão o fato dele mesmo encontrar a capacidade de buscar e encontrar sentido em si mesmo, encontrar-se na busca de si mesmo? O que pode valer mais para uma pessoa do que o custo de se encontrar? O que pode enfim ser mais estranho numa pessoa do que habitar-se e não se conhecer; habitar-se e não conhecer suas manhas e manobras; habitar-se e não saber de suas hábeis potências? Há algo mais estranho e é justamente o que não faz o menor sentido: habitar-se, encontrar-se e não usufruir-se. Trocando em miúdos: estranho *ser*, *saber-se ser*, e *escolher não ser*.

A simples manifestação do pensar humano não é, por mais entusiasmante que seja, o que de fato define o ser humano em sua essência mais íntima e profunda. A capacidade de decidir-se ou a estranha habilidade de escolher uma coisa em detrimento da outra também não faz do homem um ser admirável. Outrossim, a liberdade de escolher pelo que é verdadeiro, simples e causador de bem, tenha o custo que custar, isso sim é glória do homem: *ser livre, ou seja, escolher viver a e na verdade*.

Este é um pensamento que se pode extrair da Antropologia Teológica, desse debruçar divino no que é humano:

Para Karol Wojtyła, a pessoa enquanto um ente concreto é vista como um ser criativo na ordem do pensamento, e quanto mais o homem conhece a realidade, seja ela exterior ou interior, tanto mais ele aufere a possibilidade de criar e de subordinar o mundo a si, deixando nele as marcas da sua presença. Assim, quando a pessoa age em um mundo que lhe é próprio, cria sempre algo, ou fora de si no mundo circunstante, ou dentro, em si mesma, ou então, contemporaneamente, fora e dentro. Essa transcendência da pessoa que age criando e, criando, deixa suas marcas no mundo, conforme a perspectiva teológica tomista, revela por analogia uma semelhança da pessoa humana com o Ser divino que imprimiu as marcas do seu pensamento e do seu ser nas coisas criadas. O ato humano entendido como um ato livre da pessoa pressupõe a colaboração do intelecto e da vontade. Desse modo, se diz ato humano não qualquer ato realizado pelo homem e no homem, porque em alguns atos os homens operam como as plantas e os animais, mas sim um ato próprio do homem, por meio do qual ele manifesta o caráter pessoal e autônomo da sua natureza. (Marcos Candido, 2020)

Decidir viver com toda a potência do seu próprio ser, simples e livremente a cada instante, é um ato admirável, porque consciente! E chega a ser um escândalo num tempo em que muitos vivem com consciência tão fragilizada, como se estivesse dissolvida.

Aqui se pode notar não apenas o nascer da consciência humana, mas a nascente e sonhada maturidade humana acontecendo. Na dinâmica do mover-se o homem começa a se realizar como pessoa humana. E ainda nem falamos sobre a direção do mover-se, embora seja necessário reconhecer que precisaremos decantar essa experiência a posteriori.

3 CRESCER DA CONSCIÊNCIA

Conhecer os passos, o chão, a direção para só assim entrar na dinâmica do movimento de si para outrem: Isso parece utopia, não vida real! Agir escolhendo, mover-se escolhendo, isso é cabível ao homem criado à imagem e semelhança de um Deus livre, e isso é possível à pessoa humana que acorda sua consciência. Convicta não é uma pessoa que não erra em suas decisões, mas uma pessoa que toma decisões! Uma pessoa de consciência acordada é pessoa humana com potências ativadas: Inteligência íntima da verdade e Vontade decidida pela verdade conhecida.

A convicção nasce num coração amadurecido na seiva de valores humanos revelados pelo Homem que assim se fez para exclusivamente reintegrar a pessoa humana a sua condição primeira: imagem e semelhança de Deus.

Beber dessa seiva exige intimidade. Não beber dessa seiva é dissolver-se lentamente. É a seiva da verdade que dá solidez, segurança, verdade ao ser que se procura. “Não é o ser humano quem faz a pergunta sobre o sentido da vida, mas, ao contrário, o próprio ser humano é o interrogado, é ele que deve responder, que deve dar respostas às eventuais perguntas que sua vida possa lhe colocar” (Viktor Frankl).

A pessoa que se encontra diante de perguntas cotidianas é uma pessoa em processo de maturidade avançado. O que não se pergunta sobre o valor do orvalho provavelmente não se questionará com os degelos que seus impensáveis atos podem vir a provocar.

A pessoa que ainda consegue escutar o canto do pardal em meio aos *pardais* que medem seus pedais será sem dúvida capaz de frear seus pés na pressa e liberar suas mãos dos *touches* para de fato tocar.

A pessoa que enxerga além do que vê é capaz de caminhar sem estradas escritas e ainda assim não desviar a rota da essência para o qual foi criado.

É inteira a pessoa que se convence de beber da *sede de relação* mas saciando-se apenas da seiva dos valores mais altos da humanidade, dentre os quais o que: “engloba a integridade da pessoa e a integralidade da doação” (CAT 2337)

É relação! É entrelaços! É entre vidas! É entre *peessoas*.

É intimidade que transcende.

Assim se dá o dinamismo da fé: ela nasce quando nasce uma relação e pode aumentar com o dinamismo da solidão, aquela solidão que é relação ainda mais profunda, porque se dá entre íntimos, a pessoa e Deus!

4 O HOMEM ENLAÇADO

Nessa feliz descoberta de ser pessoa, de descobrir-se, de apossar-se de si como dom que se dá necessariamente para não perder-se é feliz mesmo aquele que caminha na livre responsabilidade de existir para o outro.

A seiva dos valores humanos corre não num tronco estático e imóvel, mas num corpo que se move, num ser que pára, corre, descansa, cansa, que escorre, que se guarda. A seiva dos valores humanos corre nas veias das relações afetivas em que o ser pessoa se coloca em risco constante: risco de se dar e perder, risco de perder para ganhar, risco de sofrer, chorar e consolar. Risco de viver! Risco de se encontrar! Risco que é viver!

Relacionar-se é riscar a história do outro e a sua própria com traços sem régua, nem sempre calculados, mas nem por isso precisa ser desgovernado. É fazer no outro um “*riscado*”. O desafio é não colocar em risco o próprio ser. É um lançar-se segurando as duas pontas: da verdade e da caridade!

As relações afetivas mais seguras são sempre as abertas, aquelas que se dão em liberdade e são capazes de enviar. Não foi isso que Jesus fez aos seus quando no auge da relação de afinidade, e afetividade, no ardor de palavras apaixonadas envia seus servos amigos quando os podia a si prender (se sofresse de movimento desgovernado, descontrolado)?

Sim, é um processo, um caminho com paradas nem sempre intencionais, mas quase sempre inevitável: o caminho da relação tem estações na afetividade, passando pela criativa ou ilusória parada na imaginação, que sempre vê aberta a porta dos feitos do passado protegidos ou escondidos na memória. O caminho relacional passa as vezes despercebido no banco da vontade iluminada ou negligenciada pela inteligência. O chão desse processo ou caminho é sempre a Verdade, ou podemos chamar de Consciência ou ainda simplesmente a Trindade.

O caminho mais seguro e mais saudável será sempre partir do chão, ninguém pode sair por aí voando ou pulando sem se colocar em risco de se machucar. O caminho mais seguro e até mais saudável é o de dentro para fora: em todas as circunstâncias partir sempre da Verdade, aquela Pessoa que habita a pessoa e que se fez Homem para se dar em modelo de ser humano para o homem.

Agir de dentro pra fora é não deixar a Verdade (revelada, admirada, conhecida e amada) iluminar a Inteligência (indicando sempre a seiva, os valores mais altos, aqueles que levam o homem a sua mais alta dignidade: ser filho de Deus), que por sua vez indica à Vontade o querer mais coerente, que assim em plena liberdade até ativa a memória nos fatos dolorosos ou não, mas faz a Memória louvar! E louvando, afasta os fantasmas criados da Imaginação e a converte em escola de criação. Assim só caberá à Afetividade ser vibrante diante dos valores e assim se relacionar sem mais por a pessoa em risco, mas em movimento de plenitude.

Esperar ativamente! Com movimento de decantação: em que se espera a impureza mover-se para separar-se da água.

5 O HOMEM MISTURADO

Seria assim provavelmente um caminho de ideal de maturidade da pessoa humana, mas no real as coisas não são tão simples assim. E o contrário de simples não é complicado, mas *misturado*.

A consciência que se se comporta de forma simples teria em si apenas o elemento da Verdade, que é Deus, seria plena, desperta, acordada, parece muito mais uma consciência dissolvida, mas não decantada. Na verdade: misturada!

Uma perspectiva filosófica acerca do conceito de homem formado do Séc XIX, no mínimo, nos instiga a pensar:

“O mundo que rodeia o homem novo desde o seu nascimento não o faz se limitar em nenhum sentido, não lhe apresenta veto nem contenção alguma, mas pelo contrário, instiga seus apetites que, em princípio, podem crescer indefinidamente. Isso nos leva a apontar, no diagrama psicológico do homem-massa atual, duas primeiras características: a livre expansão de seus desejos vitais - portanto, de sua pessoa, e a ingratidão radical pelo que tornou possível a facilidade de sua existência. Essas duas características compõem a conhecida psicologia do menino mimado. Herdeiro de um passado imenso e genial - genial de inspirações e de esforços -, o novo vulgo foi mimado pelo mundo ao seu redor. Mimar é não limitar os desejos, é dar a um ser a impressão de que tudo lhe é permitido e a nada está obrigado” (Ortega y Gasset)

O que o filósofo chama de “psicologia do menino mimado” poderíamos traduzir por *psicologia da pessoa misturada*. Não entramos aqui no mérito dos conceitos de psicologia, apenas parafraseamos o termo para dizer que ser maduro é mais *simples* do que se pensava: basta ser *simples*, no conceito puro da palavra: ser sem misturas.

Talvez a pergunta venha a tona: é possível viver sem se misturar? Não! Já nascemos misturados! Na nossa gênese há uma mancha. Mas nem por isso se há de perder a esperança, porque se não é possível não ser misturado, é possível movimentar-se em processo de decantação constante. Eis o Espírito de Deus que se move na pessoa humana calando, motivando, orientando, conduzindo. Basta escolher ser habitado pelo Espírito.

A essa pergunta se soma outra: é possível viver sem se relacionar? Não. E o segredo da simplicidade é simplesmente se relacionar, mas começar toda relação a partir da primeira: “Ele nos amou primeiro”, Se se parte da relação primeira, o processo de decantação entra em ação, e é possível cantar parafraseando nossa *petite* santa “Tua Misericórdia chegou na minha vida antes que eu me

misturasse”. “E lhe perguntarão: O que são essas feridas que levas entre os braços? Ele responderá: Feriram-me na casa de meus amantes” (Zac 13,6)

Na íntima relação com Deus é que a pessoa pode encontrar em seu odre interior a seiva de valores mais altos, porque só Deus pode mostrar o caminho, porque foi Ele quem o odre encheu.

6 SIMPLES OU DECANTADO

Ruminar a Palavra de Deus mergulha-nos na verdade e na caridade. Verdade que, como espada, penetra as profundezas do nosso ser, julgando as intenções e os pensamentos do coração. Verdade a cujo olhar nada escapa, desnudando tudo. Caridade que, diante da verdade revelada, não produz condenação, mas transforma-se em remédio para a alma. (Moysés Azevedo)

O movimento mais necessário nesse momento é identificar no dinamismo do seu ser qual a área que precisa entrar no processo de decantação. Quais as áreas mais afetadas ou tão somente mais misturadas de conceitos, palavras esvaziadas de sentido mas que encheram lugar que era para o Amor ou a Verdade descansarem? Quais as áreas ou a área que mereça meu tempo e espaço interior para uma boa atenção.

A Palavra de Deus é esse instrumento eficaz de condução para encontrar a Verdade, essência primeira da seiva de valores humanos. Instrumento que não se deve instrumentalizar, mas escutar.

E esse processo de escuta se dá numa ordem: “Silêncio toda carne diante do Senhor” (Zac 2,17)

Parece tão fácil. o que realmente pode impedir esse processo de movimento de maturidade acontecer?

Pode impedir esse processo de maturidade, de escolha e decisão por uma vida plena/ideal uma outra escolha - muitas vezes difícil de se conscientizar, até mesmo de perceber: pode impedir esse processo o fato de não parar.

A experiência de observação do contexto atual dá essa assertiva: o homem anda misturado porque não pára mais, anda correndo, corre procurando, encontra-se com tudo, menos consigo mesmo.

Talvez a única coisa de que a pessoa precise seja: PARAR!

Não se trata de parar o movimento dos pés ou das mãos, mas mover os pés e as mãos ao lugar de repouso interior: aquele espaço onde a pessoa só encontra Deus e Deus só encontra a pessoa!

Não é que nosso coração ardia em nós quando o Mestre nos falava pelo caminho?” (Lc 24,32) “Este é um conhecimento experimental, superior ao raciocínio, análogo àquele que a alma tem de si mesma como princípio de seus atos. Deus, autor da graça e da salvação, é mais íntimo do que nós mesmos, e nos inspira os atos mais profundos, que por nós mesmos não saberíamos realizar; é assim que, de algum modo, ele se faz sentir a nós como o princípio de nossa vida interior. (Garrigou-Lagrange)

E aí nesse lugar, nesse espaço: conhecer! Conhecer-se e se dar a conhecer!

7 MADURO OU SIMPLEMENTE: VIVO!

O mover de uma vontade purificada não é desgovernado, nem tão pouco descontrolado, é simplesmente vivo!

O que faz o homem errar o alvo da sua meta existencial não é viver errado, mas não viver a vida à qual foi criado para viver!

A pessoa humana é por essência relacional e não o deixará de ser, mas não precisa se misturar só porque se envolve com outras vidas. Basta olhar a vida de alguns homens e mulheres geniais, para não dizer espetaculares, dignos de veneração, para entender que de fato: “Ao Senhor pertence a terra e o que ela encerra e o mundo inteiro com os seres que o povoam, porque Ele a tornou firme”. E se lhe pertence tudo e cada coisa, todos e cada um, realmente: Só Deus é suficiente, a mim cabe confiar unicamente às suas Seguras Mãos.

“Viver de amor é viver de tua vida Senhor” canta *La petite Terèse*. Canta porque viveu. Viveu porque teve consciência da suficiência de Deus e teve essa consciência na experiência de se perceber habitada de tal forma intensa pela graça que sacia todos os seus anseios, (e há quem diga, devaneios) numa única expressão: “Serei o Amor”.

“Serei o Amor”. Uma pessoa decantada, madura, viva: Simples!

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O maior e mais adorável ato já presenciado na história da humanidade: Deus se fez homem! E por que o fez? Para ensinar o homem a ser homem. É preciso emprestar à inteligência um pouco de Mistério! Mistério que se apresenta com o invólucro de sentido. Mistério que se derrama nos odres que se apresentam vazios.

O Mistério da Encarnação é emprestado à inteligência humana para que esta possa recuperar em si sua característica ontológica mais profunda: a pessoa humana foi criada à Imagem de Deus. E embora todas as misturas da cotidianidade, embora todas as pressas conceituais, essa Verdade continua viva e carregada de mais sentido que um campo concentrado carregado de loucura e insanidade: Deus é Amor e esse é o fim do homem, ser o que Deus é, sem jamais chegar a ser Deus!

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Moysés. **Escritos**. Fortaleza: Edições Shalom, 2012.
BÍBLIA DO PEREGRINO. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2006.

CANDIDO, Marcos. **Karol Wojtyła, um excursus para uma antropologia integral: antropologia e contexto atual**. Curitiba: Appris, 2020.

CATECISMO da Igreja Católica. São Paulo: Loyola, 2000.

FRANKL, Viktor E. **A presença ignorada de Deus**. 18. ed. São Leopoldo, RS: Sinodal; Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald. **As Três Idades da Vida Interior**. São Paulo: Cultor de Livros, 2018.

GARRIGOU-LAGRANGE, Reginald. **O Salvador e Seu Amor Por Nós**. São Paulo: Cultor de Livros, 2021.

ORTEGA Y GASSET, José. **A Rebelião das Massas**. Tradução de A. Herrera Filho. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

IX SEMANA

TEOLÓGICA



UNICATÓLICA
DO RIO GRANDE DO NORTE